N.º 1 Cr$ 9 500

AGOSTO 1985

EDITORA ABRIL

BIZZ

PROMOÇÃO

GANHE 1 050 LPs

O HERÓI DO ROCK AMERICANO

BRUCE SPRINGSTEEN

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS

STING
TINA TURNER
DEE SNIDER

A VOLTA AO MUNDO DE

GILBERTO GIL

NO ESTÚDIO COM

RITA LEE

MADONNA

E MAIS

LETRAS, VÍDEO, EQUIPAMENTO!

GRÁTIS

TRAILER-DISC

TRECHOS DAS NOVÍSSIMAS GRAVAÇÕES

TALKING HEADS

ULTRAJE A RIGOR

EURYTHMICS

E OUTROS MAIS

COMPACT DISC, O FUTURO CHEGOU!

POLYGRAM NOVAMENTE PIONEIRA NO MERCADO.

MAIS DE 500 ITENS JÁ LANÇADOS NO MERCADO

PolyGram

PolyGram do Brasil Ltda

COMPACT disc DIGITAL AUDIO

Os Muitos Caminhos do Som

POLYGRAM

• **MARINA**
"TODAS"
○ 826011-1
826011-4

• **STRESS**
"FLOR ATÔMICA"
○ 825950-1
825960-4

• **CELSO BLUES BOY, MALABARISTAS, FRED NASCIMENTO, ROUPA NOVA, BARÃO VERMELHO, WILLIE E OUTROS**
"TROPCLIP"
○ 824702-1
824702-4

BARCLAY

• **ELBA RAMALHO**
"FOGO NA MISTURA"
○ 8270561
8270564

• **TUNAI**
"TUNAI"
○ 827282-1
827282-4

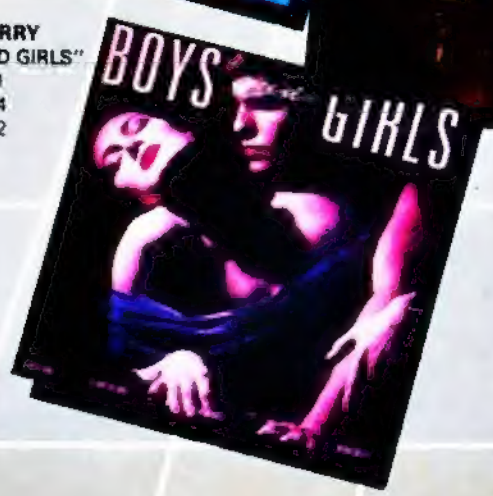
• **WAGNER TISO**
"CORAÇÃO DE ESTUDANTE"
○ 825489-1
825489-4

EM DISCOS E FITAS POLYGRAM E BARCLAY CLARO!

INTERNACIONAL

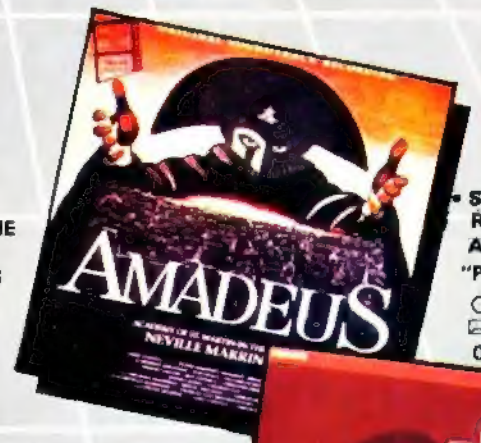
• **DIRE STRAITS**
"BROTHERS IN ARMS"
○ 824499-1
824499-4
824499-2

• **TEARS FOR FEARS**
"SONGS FOR THE BIG CHAIR"
○ 824300-1
824300-4
824300-2



• **BRYAN FERRY**
"BOYS AND GIRLS"
○ 825659-1
825659-4
825659-2

CLÁSSICO / JAZZ



• **AMADEUS**
TRILHA SONORA DO FILME
ACADEMY OF
ST. MARTIN-IN-THE-FIELDS
NEVILLE MARRINER
○ 825126-1
825126-4
825126-2

• **SIMON ESTES**
ROBERTA ALEXANDER
"PORGY AND BESS"
○ 412720-1
412720-4
412720-2

• **LEONARD BERNSTEIN**
"WEST SIDE STORY"
○ 415253-1
415253-4
415253-2

PolyGram
★★★★★★★★★★★★
PolyGram do Brasil Ltda

TRAILER·DISC

O MELHOR DOS NOVOS LANÇAMENTOS

Neste mês BIZZ dá a você um compacto com trechos de músicas que acabaram de ser gravadas. Neste Trailer Disc, você encontra:

Aa

1 Os **Eurythmics** acabam de ter dois LPs lançados agora no Brasil, *Be Yourself Tonight* e a trilha sonora do filme *1984*. Deste último é a belíssima "Sexcrime", um dos maiores hits do ano passado na Inglaterra (Lançamento RCA).

2 O **Ultraje a Rigor** finalmente tem um LP para seu rock direto e bem-humorado. Intitulado *Nós Vamos Invadir a Sua Praia*, um dos destaques do disco é "Ciúme" (Lançamento WEA).

3 O **Marillion,** grupo inglês da nova geração do rock progressivo, prova que também sabe (e como) compor para o formato "canção pop". "Kayleigh" está no lado A do último compacto do grupo editado lá fora (Lançamento EMI-Odeon).

4 O **Harppia,** na linha de frente do heavy paulista, estréia em LP com o título *A Ferro e Fogo*. "Salem", a faixa extraída, evoca uma cidade mítica onde reinava a magia negra (Lançamento Baratos Afins).

Foto Neil Selkirk/EMI

Talking Heads

Foto Divulgação Som Livre

Gang 90

Foto Steve Rapport/LFI

Eurythmics

Bb

1 **Talking Heads** com "The Lady Don't Mind". Após o estouro internacional do disco e do filme *Stop Making Sense* — registros da última excursão da banda — vem aí *Little Creatures*, sua última façanha em estúdio. Um afro-funkaço de lascar o assoalho (Lançamento EMI-Odeon).

2 **Sossega Leão,** a superbanda paulista especializada em ritmos caribenhos de entortar os quadris, com "Ninguém é 1". A faixa pertence ao LP de estréia do grupo, *Aqui Habitam Leões* (Lançamento Continental).

3 A **Gang 90** volta à ativa, produzida por Ezequiel Neves. "Rosas e Tigres", a faixa-título do LP, traz a assinatura do fundador Júlio Barroso, o pioneiro da wave brasileira morto no ano passado (Lançamento Som Livre).

4 **Alice,** aquela linda holandesa que já cantou e tocou teclados com a Gang 90 de Júlio e os Ronaldos de Lobão, sai agora em carreira solo. "24 Frames Per Second" está no lado A de seu primeiro compacto, que conta ainda com as participações de Lobão e Herbert Vianna — bateria e guitarra, respectivamente (Lançamento WEA).

O autoreverse que tira o som a limpo.

MiAMi III

STEREO AUTOREVERSE 25W

Ligue-se nos detalhes.

1 - Graves e agudos independentes: junto com o Loudness, equivalem a uma verdadeira equalização.
2 - ME: equaliza fitas metal, cromo ou normal. -db: limpa os ruídos de fita.
3 - Loudness: audição perfeita, mesmo com volume baixo.
4 - ASU: fim das interferências da ignição em FM. Uma exclusividade Bosch.
5 - LO/DX e Mono/Stereo: reforço para os sinais distantes ou fracos de FM.
6 - Hard Permalloy: cabeça de reprodução que garante o melhor som com o menor desgaste.
Sistema de Som Bosch: este detalhe faz a grande diferença.

BOSCH
Tecnologia **BLAUPUNKT**

AMANTES DO ROCK, JAZZ, CLÁSSICOS, SAMBA, BOSSA NOVA, REGGAE, MPB, COUNTRY, CHORINHO, TANGO E OUTROS RITMOS.

O CLUBE DO DISCO MESBLA ESTÁ LANÇANDO O MAIOR SUCESSO DAS PARADAS.

NA COMPRA DE QUALQUER DISCO VOCÊ GANHA UM CUPOM. SOMANDO 10 CUPONS VOCÊ GANHA UM DISCO.

No Clube do Disco Mesbla você sempre encontra os maiores sucessos nacionais e internacionais do momento. E com a promoção do Clube do Disco Mesbla, sua coleção vai ficar cada vez melhor.

Seja qual for o seu estilo musical, o Clube do Disco Mesbla não perde o ritmo com você.

CLUBE DO DISCO
Mesbla

Utilize o seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre sem entrada pelo Credi-Mesbla.

PROIBIDA VENDA

BIZZ

Rock & Quadrinhos Scans

O aumento de público nos shows e nas danceterias, a proliferação dos programas de videoclips e a recuperação da indústria de discos deixaram clara a necessidade da criação de uma nova publicação. Uma publicação que andasse junto com a música e a imagem em suas mais diversas manifestações.

Para isto nós fizemos BIZZ.

Para acompanhar todos os movimentos ligados à música jovem, aqui e lá fora. Com informação séria e detalhada, em coberturas de shows e reportagens, e opinião equilibrada, em colunas e seções que vão manter você em sintonia.

BIZZ, *como você vai ver nas páginas seguintes, é vitalidade, garra e antenas ligadas.*

É uma revista feita para você divertir-se muito e estar sempre bem-informado a respeito da música popular mundial.

Vicente Pereira

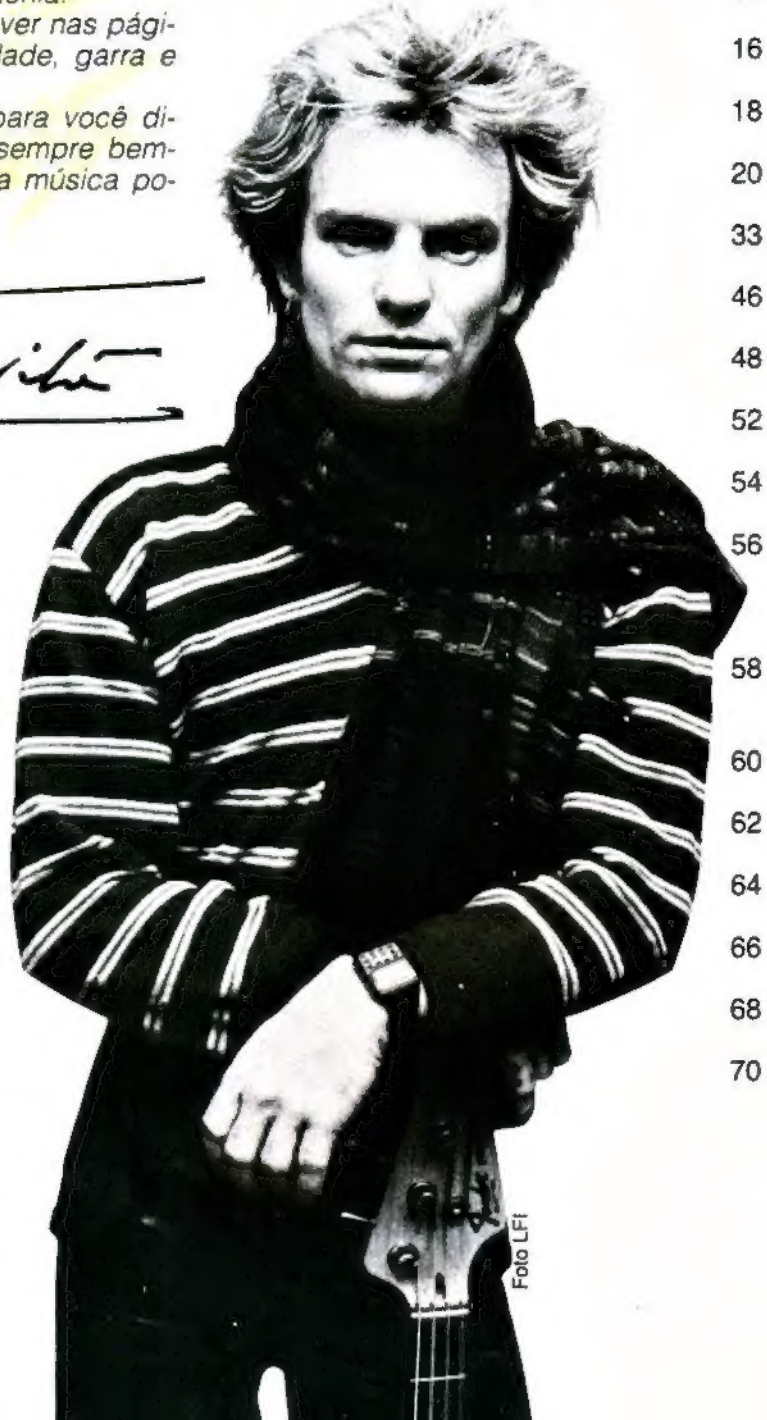


Foto LFI

ÍNDICE

AGOSTO 85

ESTE MÊS

22 **Bruce Springsteen**
A ficha completa do "Chefão" e sua superbanda > *José Emilio Rondeau*

26 **Rosa de Ouro de Montreux**
Na Suíça, quatro noites com *Tears for Fears, Sting, Frankie* e outros da mesma grandeza > *Silvano Michelino*

28 **Sting**
Todos os detalhes da aventura solo do líder do Police

31 **Tina Turner**
De Londres, um papo exclusivo com a rainha do rhythm'n'blues

32 **Dee Snider**
O vocalista do *Twisted Sister* fala do novo disco da banda

34 **Smiths**
Idolatrados na Europa, quase desconhecidos aqui > *José Augusto Lemos*

39 **Gilberto Gil**
De Paris e NY, uma longa conversa sobre sua música e a dos outros

41 **Sossega Leão**
Às vésperas do primeiro LP, um perfil da banda paulista-caribenha

42 **Rita Lee**
Após dois anos de silêncio, a volta ao estúdio

44 **Arrigo Barnabé**
De Paris, um balanço de sua elogiada turnê européia

45 **Titãs**
Um passeio com o octeto pelos programas de TV > *Luisa de Oliveira*

47 **Ira!**
Uma banda em guerra contra o banal e o descartável

50 **Olhar Eletrônico**
Uma produtora independente em cadeia nacional > *Sônia Maia*

TODO MÊS

10 **Show Bizz**
Notas, notícias e boatos

16 **Parada**
As 25 mais, com levantamento em FMs e lojas de todo o país

18 **Lançamentos**
Discos quentinhos da boca do forno

20 **Vídeo Bizz**
Uma garimpada no acervo dos videoclubes

33 **Heavy Metal**
Um noticiário especial para o mundo da pauleira > *Leopoldo Rey*

46 **Ao Vivo**
Cobertura exclusiva do show do *Dire Straits* em Paris

48 **Visual Cinema**
O humor de *Brazil* e a magia de *Ladyhawke* > *Alex Antunes*

52 **Clip**
MTV, a emissora americana que toca rock sem parar

54 **FM**
Nesta edição, a opinião de *Serginho Leite*

56 **Porão**
Bandas novas rumo à superfície:
REM, Jesus and Mary Chain,
Biquini Cavadão e *Capital Inicial*

58 **Cifras**
Para você tocar com sua banda: "Everybody Wants to Rule the World" (Tears for Fears)

60 **Letras**
U2, "Pride"

62 **Equipamento**
De olho no mercado: áudio, vídeo e instrumentos

64 **Meu Instrumento**
Nesta Edição, *Herbert Vianna* fala de suas guitarras

66 **Bits Bizz**
Em dia com a informática: nesta edição, o aniversário do micro

68 **Discoteca Básica**
As obras-primas. Nesta edição, *Sgt. Pepper's*, dos Beatles

70 **Opinião**
Na tribuna do número 1, o homem do Rock in Rio, *Roberto Medina*

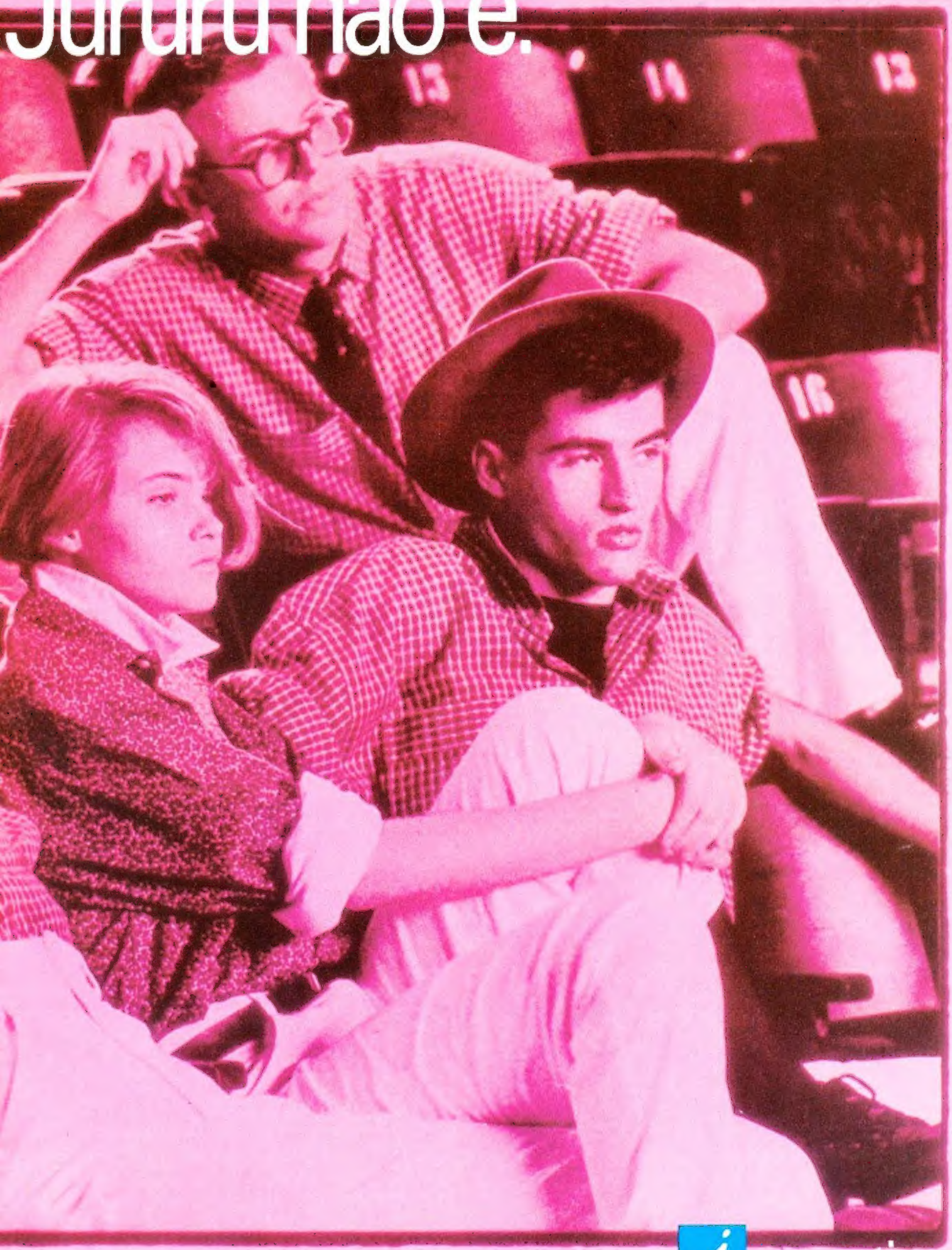
SERVIÇOS - Além de uma seção de cartas, BIZZ separou um canto generoso para dar aos leitores um canal de comunicação entre si. Quem quiser anunciar discos usados, caçar um baixista para sua banda ou pedir a discografia de seu grupo favorito — o que for — escreva para a gente. Caixa Postal 2372, São Paulo/SP.

Foto da capa Rapoport/ Sipa Press

Jovem é com i

Jeaneration veste a gente do jeito que a gente é.

Jururu não é.



ieaneration

UM MAGO DA ELETRÔNICA EM VISITA

Mais precisamente dia 12, no Museu de Arte de São Paulo. Como já faz uns oito anos que esse mago da música eletrônica não toca ao vivo, não haverá show e sim um seminário sobre seus métodos de composição e gravação. Para quem não conhece o distinto músico, **Holger Czukay** era o homem por trás dos teclados e do baixo do **Can**, um dos importantes grupos alemães dos anos 70, e foi aluno de **Stockhausen.** Desde que a banda se dissolveu, tem desenvolvido um trabalho solo da maior consistência — no meio do qual brilha *Snake Charmer*, LP produzido em colaboração com **The Edge**, o guitarrista do **U2**, e **Jah Wobble**, ex-baixista do **PIL.**

Foto LFI

O grupo alemão Can: Czukay é o segundo da esquerda

Foto Steve Rapport/ LFI

Um flash do clip "Loving the Alien"

MAIS BOWIE NO CINEMA

Além de estar trabalhando com o diretor **Julien Temple** no longa *Absolute Beginners* (veja na seção *Cinema*), **David Bowie** prepara a trilha sonora de *When the Wind Blows*. Baseado em um livro de quadrinhos para crianças sobre o holocausto nuclear, o filme é uma animação com bonecos parecidos com os **Muppets** e direção de **Jimmy Murakami.**

Ainda não está confirmada a participação de Bowie como um dos raros seres humanos presentes em todo o rolo de celulóide.

O MAPA DO ROCK

Acaba de ser lançado nos EUA, com o maior sucesso, um poster/mapa-múndi em que o nome de inúmeras cidades, Estados, regiões etc. são substituídos por trocadilhos com nomes de roqueiros e derivados. Coisas como Boy Geórgia e Iraque Clapton.

A idéia veio de **Richard Brestoff**, 34, um ator de Los Angeles. Um belo dia, entre as gravações de um filme para TV a cabo, Richard soltou o mote: "Argentina Turner!". Um outro ator respondeu no ato: "Bolívia Newton-John!"

CONCURSO DE ROTEIROS

Kodak, Curt e Alex Associados Laboratório/ Cinematográfico estão promovendo um concurso de roteiros para longa e curta-metragem. O melhor roteiro original de longa ganhará noventa latas de quatrocentos pés de filme, revelação e copião, enquanto o melhor roteiro de curta ficará com dez latas, além de revelação e copião.

Envie o seu roteiro até o dia 31 de outubro, junto às copias de registro de direito autoral protocolado pela Embrafilme, para o Departamento de Cinema da Kodak Brasileira (r. George Eastman, 213 - CEP 05690 - Morumbi - São Paulo). Para maiores informações, é só escrever para lá.

FESTIVAL DE FESTIVAIS

É verão no Hemisfério Norte, e isso significa uma proliferação de festivais e concertos ao ar livre. Só no fim de semana 22/23 de junho foram realizados três festivais na Inglaterra: o de Milton Keynes, encabeçado pelo **U2**, Knebworth, com o **Deep Purple** fechando a noite, e Glastonbury, encerrado pelo **Echo & the Bunnymen.**

Já o tradicional Festival de Jazz de Montreux, realizado na primeira semana de julho, foi um prato cheio para musicomaníacos em geral. Além de medalhões como **Miles Davis** e **Keith Jarrett,** uma noite com o melhor do novo rock inglês: **Aztec Camera, Everything But the Girl** e **Sade.** E, no setor das participações brasileiras, **Naná Vasconcelos** (presente no último LP dos **Talking Heads**) acompanha o violinista **L. Shankar,** mas o grande contingente ficou para a noite-abertura, com shows de **Gal Costa, Baby** e **Pepeu, Airto** e **Flora Purim.** Por último, num grande momento transcultural, o encontro de **Nina Hagen & The Coconuts** com a bateria da **Mocidade Independente de Padre Miguel.** Aproveitando o embalo, vale lembrar que **Alceu Valença** arrasou no Kool Jazz Festival, realizado no final de junho em Nova York.

Bono Hewson (U2) e uma fã flagrados no festival de Milton Keynes

Foto Frank Griffin/ LFI

Foto Cláudia Dantas

Herbert, Bi e Barone, os condecorados

PARALAMAS DE OURO

Bi, Barone e **Herbert** — coletivamente conhecidos como Paralamas do Sucesso — ficaram menos de vinte minutos na festa de entrega do disco de ouro referente às 100 mil cópias vendidas do álbum *O Passo do Lui*. É que **Paula Toller,** mulher de Herbert, precisava voltar voando para o estúdio de **Liminha,** onde está sendo produzido o disco do **Kid Abelha.**

Foto Márcio Ramalho

Pat Metheny shows em SP e Rio

MUITO JAZZ NO EIXO RIO-SP

Rola no começo de agosto, no eixo Rio-São Paulo, o Free Jazz Festival promovido pela produtora de Djavan, a Luanda Produções.

No Rio, tocam **Chet Baker, Hubert Laws, McCoy Tyner** e **Joe Pass,** mais os brasileiros **Hélio Delmiro, Luis Eça** e **Paulo Moura,** entre outros. Em São Paulo, **Joe Pass** de novo, mais **Pat Metheny, Pau Brasil, Sivuca** e **César Camargo Mariano.**

MOVIMENTAÇÃO DE ESTÚDIO

Deve sair, até outubro, o quarto LP do **Barão Vermelho** (Som Livre), enquanto os discos de **Mae East** e **Vinicius Cantuária** (Odeon) recebem seus retoques finais.

Já a RCA vem com **Joe Eutanásia, Sá & Guarabira** e **Fevers** ainda este mês, simultaneamente com *Renuncia*, LP de **Nélson Gonçalves** do qual participam **Caetano** e **Tim Maia.** Em outubro, a RCA lança **Lobão, Alceu Valença** e **Roupa Nova.**

Do lado da WEA, devem estar saindo os novos LPs do **Kid Abelha** e **Lulu Santos.** Enquanto isso, **Gil** entra em estúdio para lançar o seu em outubro.

Pela CBS, **Fagner** lança novo disco agora, enquanto **Ritchie, Moraes Moreira** e **Pepeu** ficam também para outubro. Um mês antes, deve estar nas lojas o pacote da Polygram. **Erasmo Carlos, Dusek** e a estreia de **Valéria & Alma de Borracha.**

Enquanto a Continental solta o primeiro LP do **Sossega Leão,** a independente Baratos Afins continua ampliando seu catálogo. Este mês, saem **Platina, Chave do Sol** e **Bocato & Banda Bloco.** Em setembro uma coletânea com quatro novos grupos paulistas: **Muzak, Akira S & As Garotas que Erraram, Ness** e **Automartírio.**

ADIVINHA QUEM

Se você gritou **"Pete Townshend?!",** acertou. Sem barba e com a calvície conquistando terreno, o venerável guitarrista e cabeça do **Who** é visto aqui chegando para o show em um castelo perto de Dublim, Irlanda, da excursão europeia de **Bruce** "Chefão" **Springsteen.**

Foto Keystone

Townshend foi ver Bruce

ROCK PARA LER

Já nas livrarias, dois lançamentos que merecem uma conferida. O primeiro, chama-se simplesmente *Rock Progressivo* (Ed. Papirus) e é escrito por **Waldir Montanari,** um especialista no gênero. Muita informação — como discografia das bandas analisadas — e a ousadia de encaixar bandas raramente consideradas progressistas, como os **Doors, Steppenwolf** e **Roxy Music.**

O outro é uma peça de **Dagomir Marquezi,** o Zappófilo que também co-escreve a novela "Um Sonho a Mais". Intitulada *O Ocidente É Vermelho* (EMW), inclui vinte músicas para uma banda de rock, muitas delas versões de conhecidas pérolas do rock-n-roll. Tudo isto como pano de fundo para a maior gozação em cima de um grupo de militantes do movimento estudantil no período 1972-1974 e suas "contradições internas".

Foto LFI

O venerável Jerry Garcia, líder do Grateful Dead

A VOLTA DO GRATEFUL DEAD

Após anos de férias, os mais loucaços baluartes do psicodelismo californiano voltam à ativa. Estamos falando do **Grateful Dead,** sim. Aproveitando a onda neopsicodélica que varre o planeta, o pessoal comemora vinte anos de estrada embarcando em uma excursão por nove cidades americanas. Como se não bastasse, reaparecem também os **Beach Boys,** igualmente monstros sagrados do rock made in Califórnia. *Getcha Back* é o nome do LP que eles acabam de lançar lá fora, para uma boa acolhida crítica.

UM MESTRE DO BLUES EM SP

Os paulistas bluesistas estão dando piruetas e esfregando as mãozinhas. O júbilo é justificado. Está chegando à capital bandeirante, para uma temporada de 13 a 31 de agosto no 150 Night Club do Maksoud Plaza, **Buddy Guy** — um dos maiores cantores e guitarristas de blues de todos os tempos. No agudo de seus lamentos, Guy parece ter sido a matriz de **Robert Plant.** Em seu dedilhado sutil-sinuoso, um dos mestres de **Eric Clapton.** Ou seja, em cada show uma noite que vale por 1001, como se diz nas Arábias.

Buddy Guy, cantor e guitarrista

Foto Christian Rose

OUÇA ESSA

"Ainda somos os mesmos e vivemos como o Belchior"

Língua de Trapo, "Fraude", do LP *Como é Bom Ser Punk*

Foto Michael Putland/ LFI

Com a guinada dos Heads para o mais pop dos pops, Byrne se diverte sozinho

DAVID BYRNE NÃO MORREU

Se você é daqueles que estão achando *Little Creatures*, o novo LP dos **Talking Heads**, próximo demais do espírito pop ensolarado do **Tom Tom Club**, não se desespere. O cabeça pensante **David Byrne** não sofreu uma regressão até os tenros dias da infância. A prova está em *Music for the Knee Plays* o novo disco solo do rapaz, lançado lá fora há cerca de um mês, pelo selo ECM, especialista em jazz de vanguarda. São músicas criadas para os intervalos/sketches da épica/quilométrica ópera *Civil Wars*, de Robert Wilson. A inspiração vem da Dirty Dozen Brass Band, uma tradicional banda de metais e marchinhas de New Orleans. Todas as composições são arranjadas apenas com tubas, trompetes e outras cornetas, voz e percussão. Alto teor de genialidade, ininterrupta atividade cerebral, como na letra de *In the Future:* "No futuro será impossível distinguir as garotas dos garotos/mesmo na cama .. No futuro toda casa será uma fortaleza/no futuro toda casa será um total centro de diversões/ .. No futuro haverá uma máquina que produzirá uma experiência religiosa através da música"

KIKO CANTA LEGIÃO

Já faz algum tempo que **Kiko Zambianchi incluiu "Será"**, a música da **Legião Urbana** que estourou só agora, no repertório de seus shows.

Na noite, porém, em que Kiko lançava o LP *Choque* na danceteria paulista Latitude 3001°, a homenagem foi além. Chamou **Dado Villa-Lobos,** o guitarrista da Legião em visita a São Paulo. Assim que o garoto subiu no palco, recebeu a guitarra das mãos de Kiko, que pegou no microfone e emendou "Será" com "Ainda é Cedo", outra do grupo brasiliense

Foto Geraldo Luis Gomes

Kiko e Dado fazem a festa no palco do Latitude 3001°

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

O pacato pessoal da Vila Formosa, um bairro distante do centro de São Paulo, com certeza tem estranhado algumas das composições executadas no concerto mensal do carrilhão local, o conjunto de sinos da Igreja N.S.ª do Sagrado Coração. Algum dia um ouvido mais informado talvez identifique o que lá se escuta além de Bach, Mozart e Haendel. Nesse dia, **Marcos Smirkoff**, 22 anos, tecladista por opção e carrilhonista por acaso, espera ser cumprimentado, ao descer da torre, por algum roqueiro que dirá: Adorei seus arranjos para essas músicas do **David Bowie, Talking Heads, King Crimsom, Frank Zappa** e **Brian Eno!"**

Pelo jeito, Marcos é o único carrilhonista pop do planeta

Foto Rui Mendes

Marcos Smirkoff, primeiro e único carrilhonista pop?

IMPRÓPRIO PARA MENORES

Um grupo de donas-de-casa de Washington, intitulado Parents Music Resource Center, está organizando uma campanha a favor da censura por faixa etária para letras de rock que sejam "violentas ou sexualmente explícitas". Para **Pam Howar**, cabeça do PMSC, as jovens que ouvem Madonna estão "aprendendo na mais tenra idade como ser uma rainha pornô no cio!"

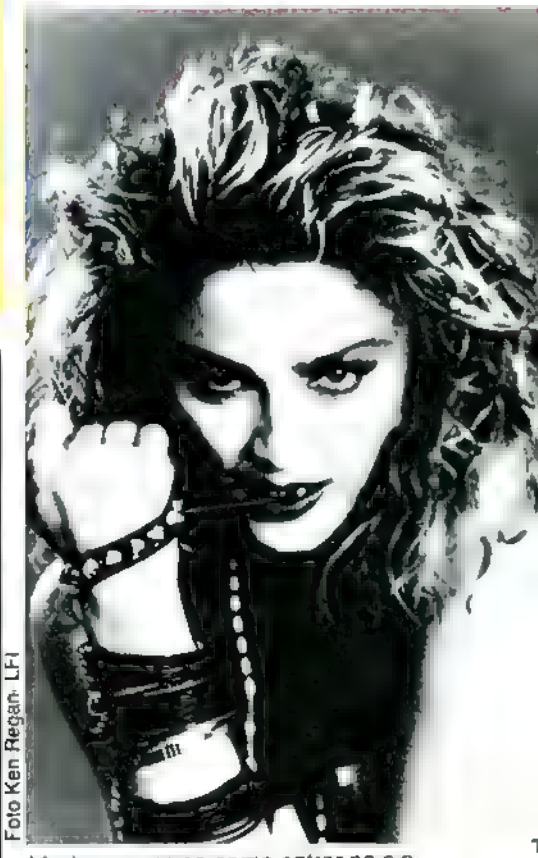


Foto Ken Regan- LFI

Madonna ensina como entrar no cio

Em ação, Ratos de Porão

Foto Rui Mendes

FESTIVAL PUNK NO RADAR

Contra todos os diagnósticos, o Festival Punk promovido pela danceteria paulista Radar Tantã, nos dias 14 e 15 de junho, transcorreu na maior tranqüilidade.

Antes dos shows, foi apresentado o filme *Punks*, realizado em 1983 por Sarah Yarhnie e Albert Gieco. Na seqüência, fulminantes assaltos sonoros do melhor punk paulista: Cólera, Inocentes, Ratos de Porão, Olho Seco, Lobotomia e Vírus 27.

MATITTE
JEANS
CONHEÇE SEU ESTILO

Pronta Entrega:
Rua Henrique Dumont, 170. Tatuapé. Tel.: (011) 295-2555. CEP 03320. São Paulo. SP

SANTISTA
LEGÍTIMO NOIGO BLUE

MEGASHOW PARA A ETIÓPIA

Aconteceu no dia 13 de julho o transatlântico show "Live Aid", uma reunião via satélite dos projetos **Band Aid** e **USA for Africa**. Totalizando onze horas de música, foram mais de cinqüenta artistas divididos entre Londres e Filadélfia (EUA). Entre eles: **Eric Clapton, Duran Duran, Mick Jagger, Judas Priest, Tears for Fears, Stevie Wonder** (Filadélfia), **David Bowie, Phil Collins, Dire Straits, Elton John, Paul McCartney, Queen, Rod Stewart, Sting, U2** e **Who**.

Organizado pelo idealizador do Band Aid, **Bob Geldof** (vocalista dos **Boomtown Rats** e o Pink do filme *The Wall*), o evento de mão dupla está arrecadando pelo menos dez milhões de dólares para as vítimas da fome na Etiópia. Enquanto isso, a iniciativa de Geldof com o Band Aid — já seguida pelos americanos e por músicos africanos *(Tam Tam Pour L'Ethiopie)* —, vai ser colocada em prática por mais duas novas reuniões de músicos. A primeira, no compacto "Land of Africa", junta só grupos de reggae como Third World e Steel Pulse. A outra aglomera artistas de musicais da Broadway, como **Anthony Quinn** e **Liza Minelli**. BIZZ diz: Prêmio Nobel da Paz para Bob Geldof!

Foto Janet Macoska/ LFI

Bob Geldof candidato de BIZZ para o Nobel

II ABRIMA

Foi realizada, entre 18 e 23 de junho, em São Paulo a II Abrima — Feira Nacional de Brinquedos e Instrumentos Musicais. Musicos presentes como **Luiz Schiavon** (RPM), tiraram consenso para destacar o TX-70, novo teclado da Gambit, e as baterias eletrônicas recem-lançadas pela Pitch (estes destaques da Feira são comentados em nossa seção *Equipamento* pag 62) Nas guitarras uma constatação Se houve um considerável avanço tecnologico na industria nacional de instrumentos musicais, o design ainda deixa muito a desejar Algumas das tais guitarras pareciam mais pistolas a laser de uma ficção cientifica paraguaia

O ROCK ROLA EM MG

Enquanto a Globo se esforça para ressuscitar o espirito dos Festivais da Record, o espirito de Woodstock renasce em Juiz de Fora (MG) O II Festival de Rock da cidade sera realizado no fim de semana 24 25 de agosto, com mais de vinte bandas de todo o pais Entre elas **Ultraje a Rigor, Legião Urbana, Colera** e **Celso Blues Boy**. Informaçoes pelos telefones 212-0987 (Juiz de Fora) e 714-4391 (Niteroi)

Pura Sensibilidade, Fidelidade e Sonoridade.

A 3M apresenta a nova geração em fita cassette: é a nova fita Scotch XS I. A nova XS I é a sucessora da Scotch Dynarange, aquela prateada que você conhece. A XS I é elaborada com óxido de ferro de superior qualidade. Ela reproduz uma ampla faixa de freqüências, do mais puro erudito ao mais frenético heavy metal. Baixíssimo nível de ruídos. A maior estabilidade quando exposta a variações ambientais, ou seja, ela não "prende". Ótimo desempenho em qualquer tipo de equipamento. Grave bem o nome da nova fita: Scotch XS I. Você nunca mais dará ouvidos a outras marcas.

Scotch[MR] XS I. A Fita.

SÃO PAULO, A BANDA

Eles estrearam no começo do ano passado, com um show no Teatro Lira Paulistana, e desde então vêm espalhando sua proposta de dar um tratamento contemporâneo e eletrônico a ritmos do folclore latino-americano. Para **Tadeu Passarelli** (guitarra, craviola, xilofone, vocal) são estes os "ritmos do futuro, um filão que ainda não foi tocado"

Foto Pedro Rubens

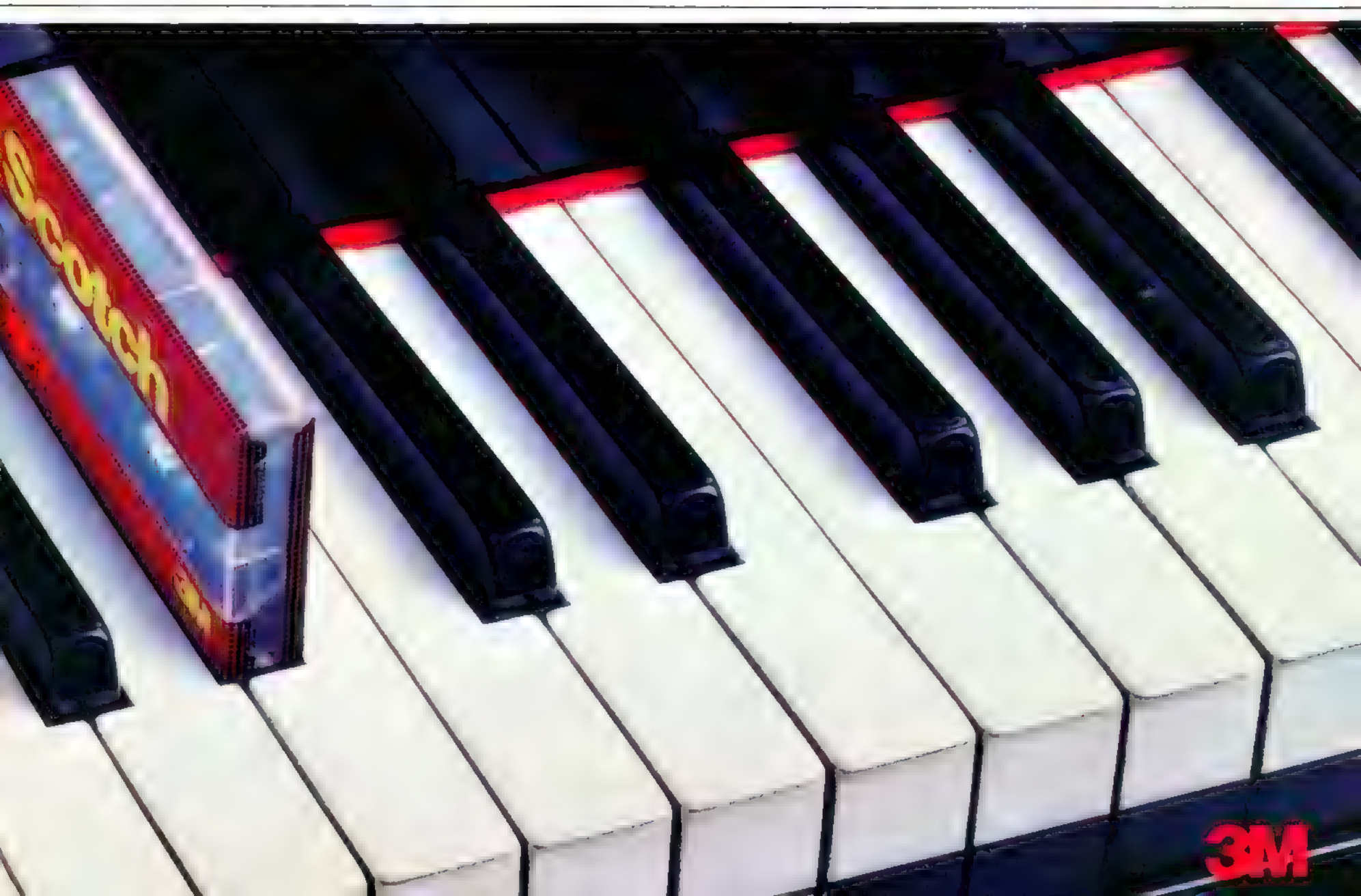
São Paulo, da esquerda Tadeu Passarelli, Jorge Menares, Bebeto Souza Oscar Segóvia e Willy Verdaguer

Foto Benildo Luis Gomes

Paulo Horácio, o novo vocalista dos Voluntários da Pátria

INVERNO EM BRASA

O frio pode estar de lascar os ossos, mas a noite paulistana vive um momento dos mais quentes. Primeiro, abriram novas casas para a apresentação de bandas emergentes — ou seja, **Lira Paulistana** e **Madame Satã** não estão mais sozinhas. Você pode ir também ao **Incubus Sucubus, Via Berlim, Coliseum** e **Anny 44.** Em segundo lugar, essa abertura coincide com uma nova geração de grupos. Enquanto veteranos (já?) como **RPM, Ira!, Titãs** e **Metrô** lançavam seus álbuns de estréia com shows de infra-estrutura profissional (todos na Pool Music Hall), despontava nos porões acima uma nova safra. Vamos aos nomes: **Akira S, Muzak, 25 Segundos Depois, Voga, Fixpá, Reprise, Disciplina** e **Dum Dum Boys.** Além disso, retornam com nova formação bandas que já têm uma história no circuito subterrâneo da metrópole. É o caso dos **Voluntários da Pátria** (troca de vocalista, baixista e baterista), das **Mercenárias** (nova baterista) e do **Smack** (reduzido a um trio desde que o guitarrista **Edgard** optou por ser exclusivo do **Ira!**). Outro acontecimento foi o primeiro show solo do tecladista/vocalista **Kodiak Bachine**, ex-**Agentss**, com projeções de pinturas renascentistas, super-heróis e nebulosas de ambientação cênica



AS 25 MAIS

PARADA BIZZ

CONVENÇÕES
↑ - subindo em execução
$ - grande vendagem
↓ - caindo em execução

As *25 Mais da Parada* BIZZ são feitas a partir da tabulação de dados de vendagem de discos e execução em FM Pesquisa da GEM Comunicação. Primeira semana de julho.

$	1	"We Are the World" - **USA for Africa** (CBS)
↑	2.	"Chega de Mágoa" - **SOS Nordeste** (Continental Chantecler)
$	3.	"Nada Mais" - **Gal Costa** (RCA)
	4.	"I Should Have Known Better" **Jim Diamond** (CBS)
	5.	"Seu Nome" - **Biafra** (Polygram)
↑	6.	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
	7.	"Olhos Vermelhos" - **Guilherme Arantes** (CBS)
↑	8.	"Tudo Pode Mudar" - **Metrô** (CBS)
$	9.	"Please Be Good to Me" - **Menudo** (RCA)
	10.	"Smooth Operator" - **Sade** (CBS)
↑	11	"Fórmula do Amor" **Léo Jaime/Kid Abelha** (CBS)
↑	12.	"Everybody Wants to Rule the World" **Tears for Fears** (Polygram)
	13.	"Make no Mistake He's Mine" **Barbra Streisand Kim Carnes** (CBS)
	14	"I Was Born to Love You " **Freddie Mercury** (CBS)
	15.	"Private Dancer" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)
$	16.	"Born in the USA" - **Bruce Springsteen** (CBS)
	17.	" Papel Machê " - **João Bosco** (Polygram)
$	18.	"One More Night" - **Phil Collins** (WEA)
	19	"Tímida" - **Roupa Nova** (RCA)
↓	20	"Careless Whispers" - **George Michael** (CBS)
	21.	"Me Liga" - **Paralamas do Sucesso** (EMI-Odeon)
	22	"Tempo Rei" - **Gilberto Gil** (WEA)
	23	"This is not America" - **David Bowie & Pat Metheny** (EMI-Odeon)
↑	24.	"Raspberry Beret" - **Prince** (WEA)
	25.	"Choque" - **Kiko Zambianchi** (EMI-Odeon)

	AS 10 MAIS TOCADAS	AS 10 MAIS VENDIDAS
1	"Chega de Mágoa" - **SOS Nordeste** (Continental Chantecler)	"We Are the World" - **USA for Africa** (CBS)
2	"We Are the World" - **USA for Africa** (CBS)	"Born in USA" - **Bruce Springsteen** (CBS)
3	"I Should Have Known Better" **Jim Diamond** (CBS)	"No Jacket Required" - **Phil Collins** (WEA)
4	"Seu Nome" - **Biafra** (Polygram)	"Vaca Profana" - **Gal Costa** (RCA)
5	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)	"Evolution" - **Menudo** (RCA)
6	"Olhos Vermelhos" - **Guilherme Arantes** (CBS)	"Olhar" - **Metrô** (CBS)
7	"Nada Mais" - **Gal Costa** (RCA)	"Coração de Estudante" **Wagner Tiso** (Barclay)
8	"Smooth Operator" - **Sade** (CBS)	"I Was Born to Love You" **Freddie Mercury** (CBS)
9	"Fórmula do Amor" **Léo Jaime e Kid Abelha** (CBS)	"Make No Mistake He's Mine" **Barbra Streisand/Kim Carnes** (CBS)
10	"Tudo Pode Mudar" - **Metrô** (CBS)	(*) " Chega de Mágoa" **SOS Nordeste** (Continental/Chantecler)

(*) Não foi possível pesquisar o número de discos "SOS Nordeste" vendidos, pois a comercialização é exclusiva das agências da CEF.

A *Parada BIZZ de Execução* é feita a partir de dados enviados por 45 rádios FMs de São Paulo, Rio, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Sergipe

A *Parada BIZZ de Vendagem* é feita com base em informações de lojas de discos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone, para que possamos entrar em contato.

PHILIPS

a sua marca

RÁDIOS-GRAVADORES PHILIPS ESTÉREO ESPACIAL. LIGOU, VIAJOU.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS
CONHEÇA O AMAZONAS

Rock. MPB. New-Wave. Jazz. Clássicos. A Philips oferece partidas diárias para todos os lugares onde vivem o som e a emoção Você escolhe como quer viajar: a bordo do rádio-gravador portátil AR 420 ou do AR 530 Philips. E escolhe também a passagem: AM, FM estéreo, fitas de cromo, metal ou ferro.

São os únicos rádios-gravadores que, além do estéreo em FM e fita, oferecem mais um serviço de primeira classe: o estéreo espacial. É um estéreo com efeitos especiais: um som gostoso, envolvente, que preenche todos os espaços do ambiente e do coração.

Você pode dar asas à imaginação e transformar os rádios-gravadores Philips em autênticas centrais de música: eles têm saída para caixas acústicas e entrada para toca-discos ou segundo gravador. Faça a sua composição e boa viagem.

Se preferir embarcar em outros vôos, você ainda encontra na linha Philips dois rádios-gravadores com som mono e muito desempenho: o AR150 e o AR 248.

E todos eles também levam na bagagem a tecnologia dos inventores do Compact Disc. Com um rádio-gravador Philips seu destino é certo: a emoção

Som Philips.
A emoção da música ao vivo.

Standard

SEM PERIGO

EMPIRE BURLESQUE — Bob Dylan (CBS)

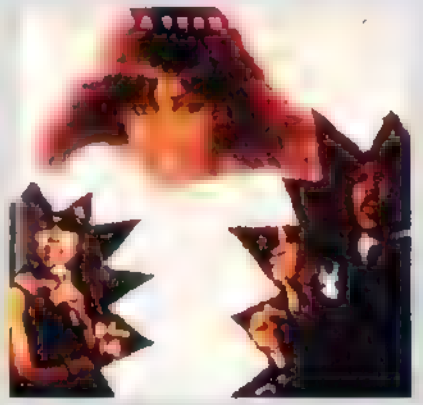
Falou-se muito da atual mutação de Bob Dylan. Ele teria abandonado suas pregações evangélicas por uma — persona — artística bem próxima do Dylan versão anos 60. Bom, na verdade ele mudou. *Empire Burlesque* é seu disco mais visceral e mais pesado em muito tempo. Auxiliado por artistas como Ron Wood, Mick Taylor, Robbie Shakespeare, Al Kooper e Jim Keltner, Dylan soa rejuvenescido e bem disposto. Ajudam bastante, também, as remixagens do genial Arthur Baker. Mas quem esperava a volta do Dylan político prepare-se para uma decepção. A exceção de duas faixas, todo o disco fala de amor. Reagan pode respirar aliviado. *Empire Burlesque* não oferece perigo.

FOGO CRUZADO

SP METAL II — Abutre, Performances, Korzus e Santuário.
A FERRO E FOGO — Harppia (Baratos Afins)

Aperte os cintos porque lá vem pauleira. Juntos, estes grupos formam a novíssima geração do heavy metal paulista. Separados, são indistinguíveis entre si. Todos eles repartem uma obsessão comum por imagens apocalípticas e pela mais densa massa sonora que consigam gerar. É possível perceber influências de absolutamente todas as bandas heavy do mundo e, portanto, fica difícil extrair uma identidade própria de cada grupo. O Harppia, por exemplo, é a cara do Iron Maiden. Será que ninguém consegue inventar um heavy diferente?

A DAMA E O VAGABUNDO



GET BACK — Ike & Tina Turner (EMI-Odeon)

Quando Tina abandonou o marido e *partner* Ike Turner, estava dando o mais importante passo de sua vida. Como pessoa, libertou-se do jugo de um homem possessivo e violento; como artista, livrou-se da bitolação de Ike, que odiava o rock'n'roll que Tina sempre amara. Agora que Tina é uma estrela multiplatinada, a grande dama negra do rock, sai esta compilação do melhor de sua carreira com Ike. É imperdível para quem só conheceu Tina a partir do álbum *Private Dancer*. Detalhe: todo o brilho de *Get Back* pertence a Tina. Ike, com o passar dos anos, continua bem vagabundinho.

SENHOR DO TROVÃO

SHAKEN'N'STIRRED — Robert Plant (WEA)

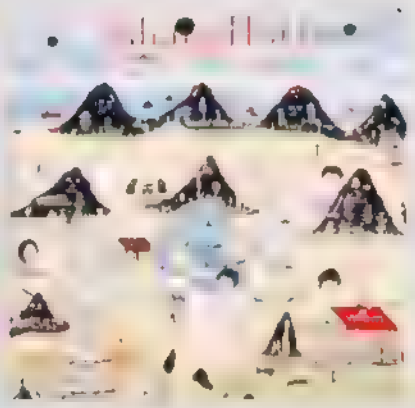
Os fãs do Led Zeppelin não esquecem essa voz nórdica, tão potente que parece saída do próprio Deus do Trovão, Thor. Combinada à guitarra lancinante de Jimmy Page, ao baixo coruscante de John Paul Jones e à bateria locomotiva de John Bonham, a voz de Robert Plant era parte de um dos melhores e mais influentes grupos de rock de todos os tempos. Hoje, a carreira solo de Plant não é um mero "filhote" do Zep. Seu som é mais sofisticado, mais variado, uma boa aula de rock na meia-idade. Só não é menos tonitruante que o som do Zep. Basta conferir a explosiva "Hip Ro Hoo".

INTELIGENTE BOBO-DA-CORTE

CRAZY FROM THE HEAT — Dave Lee Roth (WEA)

Primeiro, um aviso: este disco não tem nada a ver com o Van Halen. Embora Dave Lee seja um sócio-fundador do quarteto, este seu primeiro disco solo passa bem longe do big rock de sua banda. Ao contrário, ele preferiu se divertir com músicas tradicionais do pop norte-americano, como "California Girls", dos Beach Boys (atente para os vocais do próprio Brian Wilson, compositor da música) e "Just a Gigolo". Porém ele não se esqueceu de injetar seu sarcasmo e seu espírito de bobo-da-corte em cada faixa. Só que agora ele soa muito mais inteligente do que era esperado deste confesso bufão.

CABEÇAS SIMPLES



LITTLE CREATURES — Talking Heads (EMI-Odeon)

Controvérsia é o mínimo que *Little Creatures* pode causar. Depois de ter explorado as possibilidades da música africana, depois de meses a fio transmutado num octeto funk, depois de ter encabeçado a vanguarda rock, o Talking Heads descascou todas as camadas de influências acumuladas através dos anos e assumiu a mais simples (simplória?) de suas identidades: é, de novo, um econômico quarteto (participam apenas alguns músicos convidados, como Naná Vasconcelos). E faz músicas simples, sem maiores elocubrações, com letras simples. Pros acostumados à sofisticacão de clássicos do Heads ("Once in a Lifetime", por exemplo), este disco é um susto. Pros menos irritados, cresce a cada audição.

PLIM PLIM

TELEVISÃO — Titãs (WEA)

Ligue seu aparelho de TV e ponha este álbum no toca-discos. É a trilha sonora adequada para a telinha -que-hipnotiza-e-emburrece-enquanto-diverte. *Televisão* brinca com os clichês da comunidade televideota como nenhum disco conseguiu antes no Brasil e amplia o alcance dos Titãs de uma forma notável. Eles passeiam pelo reggae, pelo brega, pelo funk — sempre com desenvoltura — até chegarem ao climático final de "Massacre", um rugido de microfonias que comenta o Jornal Nacional... em italiano.

Fotos Estúdio Abril

MARCANDO PASSO

1984 — Eurythmics (RCA)

Esta é a trilha sonora original do filme *1984*. Mas não espere ouvi-la no cinema. É que, na última hora, o diretor Michael Radford resolveu trocar o trabalho de Annie Lennox (vocais) e Dave Stewart (guitarras e teclados) pelo de outro compositor. Mesmo assim o disco saiu e não se segurou sozinho. Divorciada das imagens do filme, a trilha pouco tem a ver com o restante da carreira dos Eurythmics. Vale apenas enquanto não chega *Be Yourself Tonight*, o sensacional novo álbum da dupla, cujo carro-chefe, "Would I Lie To You" é simplesmente um estraçalhante funk à la Motown. Até lá, só nos resta marcar passo.

QUÁ, QUÁ, QUÁ

COMO É BOM SER PUNK — Língua de Trapo (RGE)

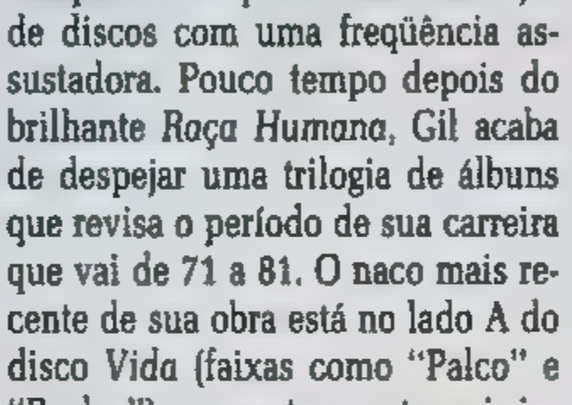
O MELHOR DOS IGUAIS — Premeditando o Breque (EMI-Odeon)

Fazer rir é difícil. Em música, então, nem se fala. O Premê e o Língua de Trapo são dos poucos grupos que fazem músicas para rir. E fazem bem.

A versão atual do Premê é mais polida, mais "profissional", graças ao dedo experimentado do produtor Lulu Santos. É gozado, tal e coisa, mas é um gozado quase erudito para quem está acostumado a ter verdadeiros espasmos de gargalhadas. Falta escracho.

Que há de sobra na última fornada do L.D.T.: gozações descabeladas que não poupam ninguém. Da doce valsa "Como É Bom Ser Punk" ao "Samba-Enredo da TRP" ("hoje sou fascista na avenida, minha escola é a mais querida/ Dos reaça nacional") é riso só.

RE-VISÃO



RÉ-SOL-VIDA — Gilberto Gil (WEA)

Gil não pára. É o tipo de pessoa que descansa carregando pedras. E comparece às prateleiras das lojas de discos com uma freqüência assustadora. Pouco tempo depois do brilhante *Raça Humana*, Gil acaba de despejar uma trilogia de álbuns que revisa o período de sua carreira que vai de 71 a 81. O naco mais recente de sua obra está no lado A do disco *Vida* (faixas como "Palco" e "Realce"), enquanto a parte mais interessante está no africanismo do lado B do disco *Sol* ("Baba Alapalan", "Logunede").

BOB MARLEY. JAH!

LEGEND — Bob Marley & the Wailers (WEA)

Stevie Wonder disse a Gilberto Gil: "Bob Marley estava à frente do seu tempo". Acertou em cheio. As quatorze faixas reunidas nesta compilação do melhor de Marley sublinham seu lugar único na propagação do reggae pelo mundo. Poeticamente incisivo, musicalmente hipnótico, melodicamente brilhante, Marley ainda é hoje, quatro anos após sua morte, o reggae. Palmas especiais para o texto de Timothy White na contracapa.

PURO POP

KATRINA AND THE WAVES — Katrina and the Waves (EMI-Odeon)

Uma garota americana, apaixonada por rock mas de saco cheio com seu país, vai para a Inglaterra, junta-se a um bando de músicos, forma uma banda e retorna aos Estados Unidos com um grande sucesso e um delicioso sabor de vingança nos lábios. Parece a história de Chrissie Hynde e os Pretenders.

Mas não é. Trata-se de Katrina and the Waves: pop anglo-americano puro, como em "Walking on Sunshine" (o maior sucesso do grupo) e "Going Down to Liverpool", já gravada antes pelas meninas do Bangles, outra nova sensação do rock americano.

ENTENDA UM MOD

MUDANÇA DE COMPORTAMENTO — Ira! (WEA)

"Ninguém entende um mod" eles cantam na faixa que leva esse título e, no final, descamba do funk para o maior batucão à Jorge Ben. Mas, se você leu a matéria da pág. 47, já sabe do que se trata.

O Ira! é a versão brasileira, atualizada e passada a limpo, dos mods ingleses — elegância a dar com o pau, estilo a se perder de vista e uma mescla de funk e rock tão maciça e musculosa que por pouco não deixa que se descubra o romantismo sonhador das letras.

Um álbum para os neurônios e os quadris, com adrenalina jorrando desde os primeiros sulcos.

NO AR, A REVOLUÇÃO

REVOLUÇÕES POR MINUTO — RPM (CBS)

Pensava que já não se fizesse mais discos assim: pungente, dinâmico, vigoroso, revelador e emocionante. O RPM provoca uma verdadeira invasão dos sentidos com letras sensíveis e inteligentes ("Rádio Pirata" e "Revoluções por Minuto"), melodias pop inesquecíveis ("Louras Geladas" e "Sob a Luz do Sol") e poderosas hecatombes sônicas.

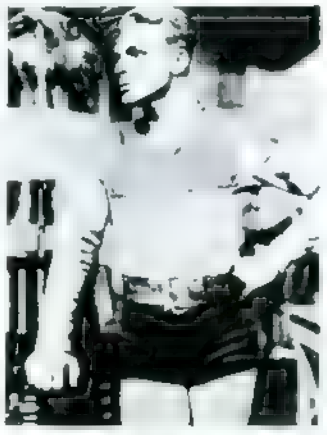
A produção de Luiz Carlos Maluly é suprema, emprestando ao RPM uma sonoridade gorda e moderna sem ser "moderninha".

A adesão do RPM à ponta do aríete rock que vem arrombando as portas do mercado fonográfico nacional é mais do que bem-vinda. É vital.

J.E.R.

FICÇÃO

FLASH GORDON NO PLANETA MONGO (*Perils from the Planet Mongo*, 1936)



Direção: Frederick Stephani. Com Buster Crabbe, Jean Rogers e Charles Middleton. Legendado.
Flash (Crabbe) e sua deliciosa namorada Dale Arden (Jean Rogers, uma precursora da minissaia), impedem que o maquiavélico imperador Ming (Middleton) destrua a Terra. Mais um dos filmes que saíram da criação genial em quadrinhos de Alex Raymond. Divertido futurismo em cenários baratos, se comparados aos incríveis efeitos especiais de hoje.

UNIVERSO EM FANTASIA (*Heavy Metal*, 1981)

Direção: Gerald Potterton. Desenho animado. Legendado.
Para quem curte quadrinhos, o estilo predominante na revista Heavy Metal (espaço, lances freaks e toques de neopsicodelismo). Diversos episódios.

BLADE RUNNER (*O Caçador de Androides*, 1982)

Direção: Ridley Scott. Com Harrison Ford, Sean Young, Daryl Hanna. Original.
Mesmo sem legendas, vale (e muito) pelo incrível impacto visual. Numa Los Angeles do futuro envolta na poluição e permeada pela cultura oriental, Harrison Ford é um policial com licença para matar andróides que se rebelaram contra o sistema. A trilha sonora de Vangelis contribui para tornar *Blade Runner* um dos mais belos filmes dos últimos anos

CONAN, O BÁRBARO (*Conan, the Barbarian*, 1981)

Direção: John Milius. Com Arnold Schwarzenegger, James Earl Jones. Legendado.
Conan, um personagem de quadrinhos, vive na pré-história. Seus pais foram mortos quando ele era criança. E sua missão na vida é a vingança. O assassino dos pais é Thulsa Doom, líder de um grupo religioso que cultua a magia.

TROVÃO AZUL (*Blue Thunder*, 1983)
Direção: John Badham. Com Roy Scheider (2010) e Malcolm McDowell (If). Legendado
Alta tecnologia no combate ao crime. Um super-helicóptero, dotado de computadores e raios laser, ajuda a caçar bandidos em Los Angeles. Ação, efeitos especiais e bom ritmo. Acabou virando um seriado na tevê.

MUSICAL

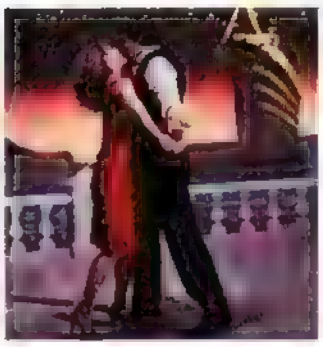
THE PUNK ROCK MOVIE (1981)
Diretor: Don Letts. Com Johnny Rotten e os Sex Pistols, The Clash, X-Ray Specs e outros. Original.
As origens do movimento punk em Londres com as bandas que o inventaram e ajudaram a revolucionar a música pop: Johnny Rotten (agora John Lydon, com a banda Public Image Limited) e X-Ray Specs (com a cantora Poly Styrene), além do Clash, valem uma sessão muito atenta.

THE POLICE AROUND THE WORLD (1982)

Diretor: Kate e Derek Burbidge. Com o grupo The Police. Original.
Alguns momentos arrastados, mas mesmo assim um excelente documentário de uma longa excursão do Police em 80 e 81. Belas imagens, inclusive as do grupo nas areias de uma praia carioca e no bondinho. Mas ao contrário dos outros países, não há imagens do show no Rio. Embora ótimo, foi pessimamente divulgado, reunindo apenas três mil pessoas no Maracanãzinho.

DRAMA

O FUNDO DO CORAÇÃO (*One From the Heart*, 1982)



Direção: Francis Coppola. Com Terri Garr, Frederick Forest, Raul Julia, Nastassia Kinski. Legendado.
Malhado por crítica e público à época de seu lançamento, o filme de Coppola que custou 40 milhões de dólares e levou dois anos para ser feito começa a virar verdadeiro culto em vídeo. Primeiro filme a ser editado em vídeo. Um visual belíssimo e uma careta — porém verossímil — história de amor. Do fundo do coração.

APENAS UM GIGOLÔ (*Just a Gigolo*, 1979)
Diretor: David Hemmings. Com David Bowie, Sidne Rome, Marlene Dietrich, David Hemmings. Legendado.
O charmoso e super cool Bowie como Paul, um gigolô de mulheres ricas. O pano de fundo é a decadente Berlim na época da ascensão do nazismo. O diretor, Hemmings, é o fotógrafo de *Blow-Up*.

COMÉDIA

CLUBE DOS CAFAJESTES (*Animal House*, 1978)

Diretor: John Landis (de Os Irmãos Cara-de-Pau e Um Lobisomem Americano em Londres). Com John Belushi e Donald Sutherland. Legendado.
Belushi, um dos melhores comediantes desta segunda metade de século (morto no ano passado com uma overdose de heroína), lidera um bando de malucos numa sátira à vida americana nos campus universitários da década de 60.

O JOVEM FRANKENSTEIN (*Young Frankenstein*, 1974)

Direção: Mel Brooks. Com Gene Wilder, Marty Feldman, Madeline Khan. Legendado.
Verdadeiramente hilário. Frederick Frankenstein (Wilde) é um neurocirugião que volta ao castelo de seu avô, na sinistra Transilvânia, e resolve, a partir de velhas anotações, fabricar um homem com pedaços de cadaveres. Cenários e cenas lembrando os filmes de horror de antigamente.

O INCRÍVEL EXÉRCITO BRANCALEONE (*L'Armata*, 1965)
Direção: Mario Monicelli. Com Vitorio Gassman, Catherine Spaak. Legendado.
O percurso quase surrealista de uma das facções que, na Idade Média, pretendia chegar em cruzada até Jerusalém. Um grupo de alucinados e desequilibrados é comandado pelo galante e boçal Brancaleone (Gassman), uma espécie de Dom Quixote medieval e italiano.

POLICIAL

A FORÇA DE UM AMOR (*Breathless*, 1983)

Direção: Jim McBride. Com Richard Gere e Valerie Kaprisky. Legendado.
Richard Gere, transpirando energia e inquietação, é um ladrão de carros que se apaixona por uma universitária francesa de classe média, numa versão americana de O Acossado, de Godard. Retrato perturbador de um personagem (Gere) que jogava com a vida até suas últimas conseqüências.

O AMIGO AMERICANO (*The American Friend*, 1977)

Direção: Wim Wenders. Com Bruno Ganz, Dennis Hopper, Liza Kreuzer. Legendado
Aclamado como a maior figura do novo cinema alemão, Wenders mostra no filme a vida de um pacato restaurador de quadros ser sacudida por uma proposta insólita — a de matar uma pessoa no metrô de Paris.

Levantamento feito a partir dos videoclubes Videoclube do Brasil, Audio, Omni Video e Videoland (SP) e Videoclube Nacional, Videoplay e Videoclube do Brasil (Rio).

Fotos Estudio Abril

Chegou sua chance de botar a "BOCA NO MUNDO"

E o seu som também.

Realmente chegou a hora de por prá fora o seu tremendo som. Se você confia em seu pique ou no pique do seu grupo de rock, o concurso JOVENS TALENTOS-85, promovido pela Gravações Elétricas S.A. - Discos Continental/Chantecler, vai por sua voz e seu som para todo mundo ouvir.
É simples: envie para a Caixa Postal nº 3.499 São Paulo - SP, até o dia 15 de setembro de 1985, uma fita K7, com no máximo seis músicas gravadas, inéditas ou não, juntamente com as letras datilografadas e o nome de seus autores. Anexe uma fotografia e um breve "curriculum" com seu nome e endereço, mencionando também, o nome artístico.

Pronto! Você já está a caminho de "Botar a Boca no Mundo". A gravadora selecionará dois trabalhos entre os inscritos que preencherem os requisitos acima. O primeiro colocado, além de um contrato, ganhará a gravação em nossos estúdios de um COMPACTO DUPLO, com promoção e distribuição para todo o Brasil.
O segundo colocado ganhará um contrato e a gravação de um COMPACTO SIMPLES, também com promoção e distribuição para todo o Brasil. Viu como é fácil? Portanto, não perca tempo! Reúna a turma e aproveite a chance de "Botar a Boca no Mundo". Nós garantimos que você será ouvido.

GEL Continental GEL Chantecler

Atenção: Até 60 dias após a divulgação do resultado, as fitas não classificadas, estarão à disposição dos interessados na portaria da GEL., à Av. do Estado, 4947 - São Paulo - CAPITAL, sendo que após esta data serão inutilizadas.

Para os fãs ele é

BRUUCE

Mas se quiser pode chamá-lo de Chefão, de "futuro do rock" ou de Bruce Springsteen. Para *José Emílio Rondeau*, ele é o último herói do rock

1974 Ao que tudo indicava, o rock estava morrendo. E rápido. A rebeldia, a fúria e o fogo do rock — a sua própria essência — haviam sucumbido a um vírus de complacência, cinismo e esnobismo que contaminara seus pais fundadores. Já não era mais possível haver qualquer identificação entre a garotada e a música e vida de artistas mais ocupados com suas contas bancárias e suas garrafas de champanhe do que com a emoção e a força de um simples acorde de blues.

BRUUUCE!

Springsteen reparte a primavera européia com 50 mil fãs

Os Rolling Stones e Rod Stewart preferiam freqüentar as colunas sociais a aparecer nas revistas de música. Princesas e famosos herdeiros de grandes corporações eram elevados à esdrúxula categoria de tietes de luxo. O rock daquele tempo era um triste circo de exibicionistas, um interminável desfile de limusines, jatos e starlets. Podia ser tudo, menos aquilo a que o rock se propusera no passado: libertação, juventude e esperança. Não havia mais futuro.

Na primavera de 74, o crítico norte-americano Jon Landau remoía dolorosamente estes sentimentos de desilusão com o rock. E o fato daquele 9 de maio marcar seu 27.° aniversário não melhorava em nada a situação. Landau sentia-se velho e traído. Mesmo assim, juntou suas forças e arrastou-se para o Harvard Square Theatre, em Boston, certo de que lá também acabaria achando mais alimento para sua amargura. Mal sabia que naquela noite teria uma Revelação. No palco do teatro, a E Street Band, um grupo desconhecido do tão demodê estado de Nova Jérsei, parecia especialmente determinada a fazer Landau engolir sua própria desilusão. Lá estava a música que Jon aprendera a amar, devolvida ao público com uma vingança — era musculosa, explosiva, intensa e sincera. Lá estava, de novo, *o* rock and roll; ou melhor, toda a história do rock, rugindo na voz do líder da E Street Band, um cara franzino e elétrico de nome Bruce Springsteen. Landau saiu do teatro com a certeza de ter vivido uma anunciação divina e sumarizou estes sentimentos na sua coluna de despedida do jornal *Real Paper:* "Eu vi o futuro do rock. Seu nome é Bruce Springsteen".

Graças a Landau, do dia para a noite Bruce passou de "o segredo mais bem guardado da costa leste americana" a celebridade nacional. Capa das revistas *Time* e *Newsweek* na mesma semana e preferido da crítica por causa do álbum *Born to Run* — produzido por Landau, que mais tarde também viraria seu empresário — Bruce começou a ser citado nas revistas especializadas com a mesma reverência dedicada a artistas como Bob Dylan e John Lennon.

Muita gente, contudo, torceu o nariz para a repentina ascensão de Bruce ao panteão do rock. Os grandes culpados por esta reação negativa foram a própria gravadora de Bruce — a CBS — e, indiretamente, Jon Landau. A frase sobre "o futuro do rock" foi transformada em campanha promocional de *Born to Run* e Bruce passou a ser anunciado como "o novo Bob Dylan". Para se enxergar o real significado de Springsteen por detrás dessa grossa muralha de exagero e desinformação foi preciso muito pouco, na verdade.

Quatro horas de show e o público exige mais, gritando a plenos pulmões: "BRUUUUUCE!"

Bastou que Bruce caísse na estrada e iniciasse uma série de álbuns clássicos para que se transformasse no melhor espécime-rock que a América tinha a oferecer. E o seu mais verdadeiro.

Desde então os shows de Bruce e a E Street Band são maratonas de quatro horas de duração — às vezes, mais — que começam e terminam sob coros ardorosos de BRUUUUUUUUUUCE!

Ao vivo, Springsteen e banda tocam com tamanha intensidade que cada show parece o último de sua vida. É uma usina poderosíssima que atravessou os anos praticamente intacta: o baterista Max Weinberg, o pianista Roy Bittan, o baixista Garry Talent, o tecladista Danny Federici, o saxofonista Clarence Clemons e, a nova aquisição, o guitarrista Nils Lofgren, que entrou no lugar do veterano Steve Van Zandt

Em disco, Bruce Springsteen é uma verdadeira enciclopédia de rock. Através de sete álbuns, ele construiu uma obra tão sólida e tão representativa da cultura norte-americana quanto os mais clássicos autores de todos os tempos. Suas canções reabilitam a simplicidade e a sinceridade do rock falando de coisas reais, iluminando o dia-a-dia com histórias sobre desemprego, amor, carros envenenados, prisioneiros e sonhadores.

Mas o principal atributo de Bruce talvez seja sua humildade; ou melhor, a perspectiva clara que mantém sobre si mesmo, sua carreira e seu público. Embora tenha sido apelidado há anos de The Boss (O Chefão), Bruce permanece o mesmo garotão boa-praça do interior de Nova Jérsei que pula pro meio da platéia durante os shows e canta suas músicas abraçando (ou no colo de) seus fãs. Mes-

Ao vivo, Bruce quebra

Fotos Neal Preston/ LFI

Em cada solo, uma confissão de fé ao rock and roll

Gangsters prontos para o ataque? Não, apenas a E Street Band

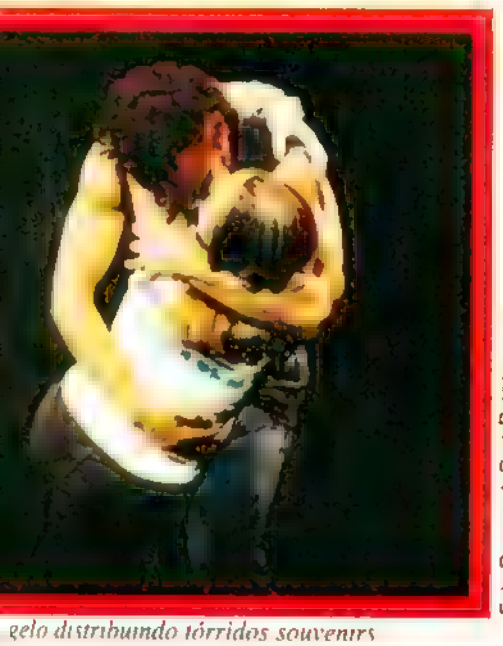


Foto Rapoport/ Sipa Press

gelo distribuindo tórridos souvenirs

mo que ele seja capaz de roubar o show de qualquer superestrela, Bruce continua sendo o moleque cujo grande amor sempre foi o rock and roll.

O Bruce Springsteen, que se tornou a estrela máxima do disco e do clip "We Are the World" pela mera força de um curto solo, não difere muito do meninote cuja primeira namorada foi um violão de 18 dólares dado pelo pai motorista de ônibus na abatida cidade de Freenold, em Nova Jérsei.

Hoje, Springsteen é um mito americano, comparável a John Wayne e George Gershwin

O Bruce capaz de vender mais de seis milhões de cópias de seu novo álbum, *Born in the U.S.A.*, é basicamente o mesmo que grudava os ouvidos no rádio de sua casa para aumentar o repertório das muitas bandas que formou durante sua adolescência — The Castiles, Steel Mill e Dr. Zoom and the Sonic Boom são algumas de suas criações. Não importa que Bruce seja um seguro campeão de bilheteria — seus dois últimos shows no estádio de Wembley, na Inglaterra, ocasionaram uma avalanche inédita de mais de um milhão de pedidos de ingressos. Ele faz cada show como se fosse o único de sua vida e faz com que cada pessoa do público sinta-se como se aquele show estivesse sendo feito exclusivamente para ela. Se existe um tal de "verdadeiro espírito do rock and roll", talvez ele realmente se chame Bruce Springsteen.

1985. Foram adicionados músculos ao antigo visual magriço. Antes um quase rumor, ele hoje é uma unanimidade nacional. Springsteen atingiu um nível de sucesso comercial e prestígio crítico tamanho que foi promovido a símbolo americano, tão venerado quanto um John Wayne, tão respeitado quanto um Gershwin. Esqueça Prince, esqueça Michael Jackson, esqueça Madonna — para citar apenas três estrelas de magnitude máxima na constelação-rock norte-americana. Bruce não é apenas um astro — durante a campanha presidencial do ano passado, o presidente dos EUA, Ronald Reagan, usou frases de Springsteen para consubstanciar sua retórica eleitoral (e, mais tarde, foi desautorizado pelo próprio Chefão). Bruce não é apenas um mito — os mitos são bonecos inacessíveis, irreais, maiores do que a própria vida, enquanto Bruce faz questão de continuar sendo um cara como qualquer outro, ligado a seu público e à sua comunidade (até hoje é comum vê-lo pintar de surpresa num clubinho mixuruca e tocar de graça por simples prazer).

Mais do que um artista de rock, Bruce é o último herói americano.

Rose d'Or montrem-se 85

Foi em maio o jubileu de prata da "Rosa de Ouro", festival internacional de TV realizado anualmente na Suíça. Para comemorar, quatro noites com 25 estrelas. Nosso correspondente *Silvano Michelino* estava lá

O festival de TV começou em 61. Em 64, para atrair público, chegaram os grupos de música em eventos paralelos. No ano passado, as redes européias de TV BBC, Ten e SSR fizeram o primeiro festival de rock de Montreux. Agora a dose foi repetida, mas com a pompa de um jubileu, no mesmo cassino onde é realizado o famoso Festival de Jazz.

Foram convocados 25 campeões mundiais de venda, tirados de uma pesquisa do instituto Gallup. Duas mil pessoas por noite pagaram para ver seus ídolos e acabaram descobrindo que eles não passaram de figurantes num arrastado show de mímica e dublagem para as câmeras.

A PRIMEIRA NOITE começou com o inexpressivo guitarrista e vocalista **Chris Rea** e só começou a esquentar com a entrada do **Dead Or Alive.** De tapa-olho e longa juba negra, o vocalista Pete Burns é uma espécie de Boy George adulto. Já a esperada apresentação de **Bryan Ferry** — a primeira depois do fim do Roxy Music — decepcionou pela gélida presença do crooner, agravada por problemas na amplificação. Após o funk do **Kool and the Gang,** a grande façanha da noite: o cantor **Billy Ocean** (com voz ao vivo) errou três vezes o começo da primeira música. Por último, uma razoável aparição dos australianos **Men At Work.**

A SEGUNDA NOITE foi aberta com maior animação pelo tecnopop do **Talk Talk,** euforia logo quebrada pela entrada do tímido **Philip Bailey.** Nem seu dueto com a atração seguinte, **Kenny Loggins,** conseguiu vencer o tédio reinante no cassino. Melhor sorte teve Mark Knopfler, cantando ao vivo enquanto seus **Dire Straits** dublavam a base. Após o funk contagioso das **Pointer Sisters** e o pop burocrático da dupla **Go West,** chega enfim o **Culture Club.** Boy George, agora de cabelos curtos, entra em cena levantando seu vestido "Madame no coquetel" e mostrando as pernas para delírio das gatinhas (sim, gatinhas). Um sucesso, apesar de parte da

À esquerda, a pulseira-ingresso do festival, uma cor para cada noite. Acima, Jimi Sommerville do Bronski Beat

Um dos raros destaques do festival: David Gahan, vocalista do Depêche Mode

Marlboro
Montreux Jazz Festival
July 5-21, 1985
Foto Abril

Sting: tocando guitarra e acompanhado por feras do jazz, o brilho da "Rosa de Ouro"

Silvano Michelino e a Lei

Holly Johnson, a garganta do Frankie Goes to Hollywood

platéia mudar a letra da canção, de "War is stupid" (A guerra é estúpida) para "Boy George is stupid".

É NA TERCEIRA NOITE que a temperatura vai subir. O clima é de expectativa pelas aparições do **Frankie Goes to Hollywood** e **Sting.** Antes, porém, é preciso agüentar o romantismo açucarado de **Howard Jones** e **Agnetha** (aquela loirinha do Abba). Passada a divertida e original performance dos Frankies, não se sabe por que cargas d'água Sting concordou em cantar sobre o playback, ainda mais com um time de músicos de primeira linha em sua nova banda (ver matéria nesta edição). Ainda assim, a amostra de seu LP solo foi considerada a luz do festival. Alto nível também foi o teor do **Depêche Mode.** Com chapas metálicas e muita sucata na percussão, além de dois grandes tambores africanos, sua música traz climas e timbres bem pessoais.

Logo na seqüência, o chão treme com a histeria feminina (gritos, choro compulsivo e seis desmaios registrados): é o **Duran Duran** subindo ao palco. Como em playback vale tudo, o crooner Simon Le Bon até se arrisca a arranhar um violão. Encerram com "A View to Kill", trilha do novo James Bond, e deixam o cassino em duas limusines pretas, sob forte esquema de segurança.

QUARTA e última noite. Passado o funk anacrônico do **Shakatak,** o único grupo a tocar ao vivo em todo festival, chega o cantor cara-de-bebê **Paul Young** — competente, e só.

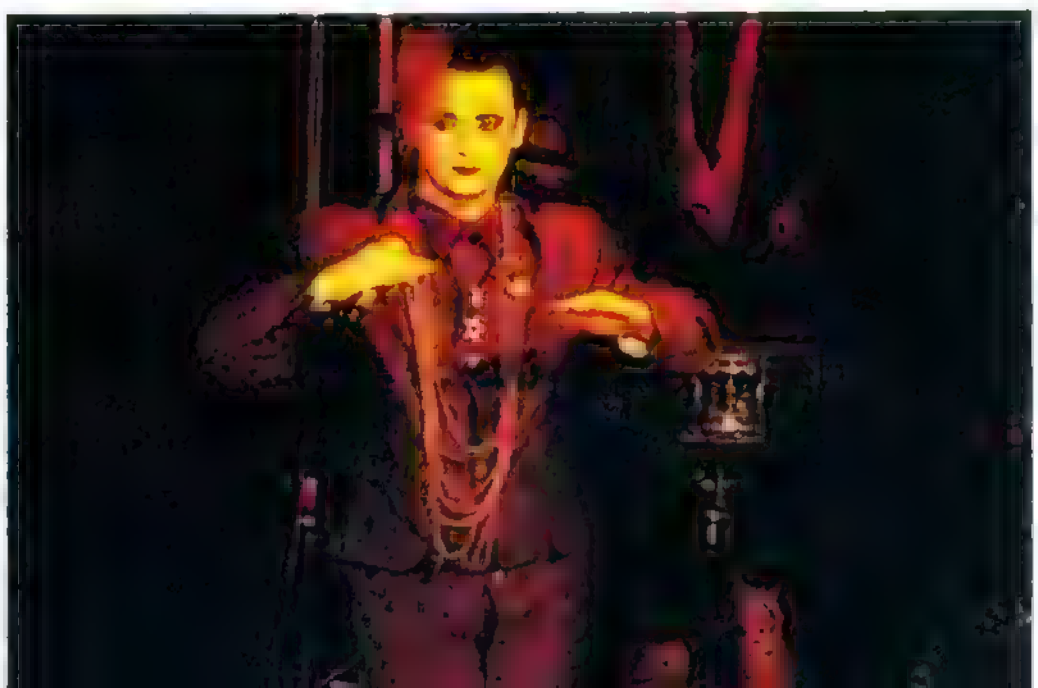
A melhor apresentação da noite ficou, sem dúvida, por conta do **Bronski Beat.** Apesar de oficialmente já ter deixado a banda, o vocalista Jimi Sommerville cumpriu a agenda com seu afinadíssimo agudo. Após o pop sem sal dos **REO Speedwagon,** fecham a noite a ótima dupla **Tears For Fears** e o divertido grupo americano **Huey Lewis and the News.**

Quem sabe, editado em um só programa, esse festival possa encontrar sua razão de ser.

Um flash do distinto público

Shakatak: os únicos a tocarem ao vivo

Acima, a fachada do cassino. Abaixo, Boy George de visual novo



Fotos Alain Morvan/Gamma

STING

SOLO E BEM ACOMPANHADO

O Police pode estar de férias, mas seu líder nunca andou tão ocupado. Nossos correspondentes cercaram o rapaz em Paris e Nova York

Paris, 29 de maio. Aqui Sting e sua superbanda dão o pontapé inicial para a excursão mundial que promove o LP *The Dream of the Blue Turtles*. E nada mais curioso que a fila para compra de ingressos em frente ao Teatro Mogador.

Muita garotada, claro, mais rastas, discípulos de Rajneesh, turistas, intelectuais franceses apreciadores de jazz. Das mais coloridas cabeleiras a casais que assistiram ao surgimento dos Beatles.

Sting escolheu a capital francesa justamente por ser um campo neutro. "Vir para cá foi um risco, eu não sabia qual seria a resposta do público, mas estou contentíssimo, eles são sofisticados e inteligentes", diria ele na entrevista coletiva.

Com a casa cheia, o show começa pontualmente às nove. O cenário se compõe de hollywoodianas escadarias da largura do palco que sobem até um fundo infinito. Em cima ficam os teclados de Kenny Kirkland e as duas baterias (uma eletrônica) de Omar Hakim, aquele mesmo do Weather Report e que toca em *Let's Dance* de Mr. Bowie. Para completar o visual, uma iluminação do mais alto nível. Fachos fragmentados multidirecionais e círculos em todas as cores, sem cair em recursos manjados como gelo seco e o frenético liga-desliga.

Mas o que rolou mesmo foi o som. Quando Sting diz que escolheu os melhores, trata-se da mais pura verdade. A fluência e facilidade desses músicos de passarem de funk para uma balada, de um reggae no mais tradicional estilo Marley a um blues sem harmonia de blues, deixa evidente sua competência e conhecimento de causa. Com o baixo nas mãos de Darrell Jones (da banda de Miles Davis), Sting agora ataca na guitarra. Paletó folgado, meio amassado, e cabelos despenteados, ele tem seu vocal sustentado com perfeição pelas garotas do backing, Janice Pendarvis e Dolette McDonald (que já cantou com os Talking Heads). Coroando tudo, as rítmicas e inventivas intervenções de um dos maiores sax do planeta, o sr. Branford Marsalis (ver entrevista na pág. 30).

A massa sonora resultante desse encontro pop-jazz é da mais elegante economia, com uma cozinha rica e fervilhante, de mexer até com canelas francesas. Nas letras, todo aquele emaranhado de psicologia, misticismo e mil citações dos últimos LPs do Police deu lugar a preocupações políticas mais objetivas. "Russians", por exemplo, fala da tensão Leste-Oeste com versos como "espero que os

Fotos Wilson Carneiro

O novo jazzista, na coletiva de Paris

russos amem seus filhos'' — um verso ridicularizado para valer em um dos únicos malhos recebidos até agora pelo LP, o do crítico Robert Christgau, do semanário nova-iorquino *Village Voice*. Já ''Children's Crusade'' vai pescar no fundo do baú da História o comércio de crianças como escravos praticado por frades do século onze.

Sting diz que largou o baixo por causa de Darrell Jones, mas também não deixou barato: no final do show, ele faz um belo solo em seu rabecão elétrico. Seja como for, todo o potencial de Sting fora do Police fica claro no quinto bis. Isso mesmo. O rapaz teve de voltar ao palco cinco vezes. É aí que a noitada termina: sozinho com a guitarra, Sting bota o teatro inteiro para cantar o refrão de ''Message in a Bottle''.

Do show à entrevista coletiva, desde os primeiros passos para a formação da banda, tudo isso está sendo filmado sob a direção do cineasta Michael Apted. ''A maioria dos filmes de rock é feita após o fim dos grupos, ou então em sua fase de maior sucesso. A originalidade deste filme é mostrar justamente o nascimento da banda'', diz Sting na coletiva.

Um nascimento pouco comum. No final do ano passado, Sting recebeu em Londres a visita de um de seus melhores amigos, Vic Garbarini, ex-editor executivo da revista americana *Musician*. Pela primeira vez, então, o loiro policeano falou na idéia de montar uma banda com músicos de jazz: ''Quem sabe eu dou para você um cheque em branco e você convoca os músicos para mim?''

Garbarini só parou de pensar que era uma brincadeira quando, de volta a Nova York, recebeu um telefonema confirmando a proposta.

Os músicos escolhidos por Garbarini tinham uma reputação tão alta no meio jazzista que Sting achou ridículo submetê-los a testes. A seleção veio através de *workshops*, ou ''seminários'', que começaram com os músicos improvisando sobre canções do Police e escutando as fitas-piloto que Sting trouxe de Londres. No fim das contas, não houve propriamente uma escolha. Garbarini convocou de cara os instrumentistas adequados, Sting aprovou todos e também foi aprovado por eles.

Só uma pessoa resmungou: Wynton Marsalis, irmão de Branford e parceiro de Kirkland, para quem o jazz é uma religião que exige estudo diário de teoria musical e uma boa distância do universo pop ao qual pertence Sting. Acontece que o LP *The Dream of the Blue Turtles* representa, de certa forma, uma volta às origens. Já faz parte do folclore roqueiro que Sting foi pescado por Stewart Copeland quando tocava baixo para a banda de jazz Last Exit.

Encerrado o giro pela Europa, Sting falou a BIZZ sobre o LP e o Police, numa entrevista recolhida no final de junho em Nova York. Pergunta número um: de onde vem esse esdrúxulo título, ''O Sonho das Tartarugas Azuis''?

''Bem, há uns três anos eu fiz psicanálise segundo o método de Jung, que encoraja a pessoa a usar seus sonhos de uma maneira criativa. A pessoa pode escrever seus sonhos, ou pintar ou desenhar. No meu caso, a forma de expressão é a música. E eu tive este sonho com tartarugas azuis que entravam no meu jardim e destruíam tudo. Mas era um sonho muito positivo, muito alegre. E eu analisei o sonho da seguinte forma: as quatro tartarugas azuis eram os quatro músicos da minha banda. São jovens músicos negros, de jazz, que estavam destruindo minha fórmula fácil e confortável de fazer música. Quando revolviam a terra, estavam tornando o solo fértil mais uma vez.''

Quando Sting diz que escolheu os melhores, trata-se da mais pura verdade

Para os fãs assombrados pela hipótese do fim do Police, uma declaração tranqüilizante. ''Não dissolvemos a banda, estamos é concentrados em nossos projetos individuais'', diz, antes de acrescentar que tem acompanhado os últimos trabalhos individuais de Andy Summers e Stewart Copeland — respectivamente a trilha sonora para *2010* e o LP *The Rhythmatist* (''muito charmoso'', na opinião de Sting).

Lembrando dos shows do Police aqui no Rio, no início de 82, ele se deixa empolgar: ''Foi um grande momento, nunca me diverti tanto. Fiquei sabendo que vai haver outro grande festival no Brasil e vou fazer de tudo para tocar nessa festa''.

Enquanto isso, sua carreira de ator vai muito bem, obrigado. Sting aguarda agora o lançamento de *The Bride* — uma versão da *A Noiva de Frankenstein* — e *Plenty*, onde trabalha ao lado de Meryl Streep.

E todas aquelas preocupações existenciais que povoaram suas letras? ''Na verdade, acho muito difícil encaixar idéias filosóficas em canções pop, mas o que me interessa são as idéias. Este, portanto, é um desafio a enfrentar.'' *S.M./M.A.M.*

Branford Marsalis, um sax do além

''Meu estilo pode ser definido como 'o sax tocado por um baterista', quer dizer, com nuances e estruturas rítmicas muito além do bebop.'' É o que diz Branford Marsalis, talvez a principal fera do time de jazzistas escolhido por Sting.

Quando criança, Marsalis queria mesmo era tocar bateria. Hoje, aos 24 anos, ele e seu irmão trompetista Wynton são considerados gênios da nova safra de músicos americanos.

''O que o Sting está fazendo é trazer a música de volta para o pop, porque atualmente ela está morta'', foi uma das declarações de Branford no ligeiro papo que tivemos em Montreux (ver a matéria da pág. 16).

''A base do que estamos fazendo é rock, pop. Mas improvisamos muito, a ponto de mudar a harmonia de uma música de um show para o outro. Mesmo no disco, tudo ia mudando à medida que estávamos tocando. Sempre que temos uma idéia nova estamos livres para executá-la. E isso é muito raro no trato dos cantores com seus músicos. Eu gosto demais desse projeto.''

E o Sting? ''Um dos melhores músicos que eu conheço, tem ouvido e, quando não conhece algo, pára para aprender e depois usar.'' *S.M.*

TINA TURNER

O furacão negro do rock num papo exclusivo em Londres com Bel Bicalho

Foto LFI

Nem o que um médico classificou como um incômodo "vírus asiático" abalou a resistência da magnética Tina Turner. Confortada pela conquista recente de três prêmios Grammy nos Estados Unidos, ela não deixou de cumprir uma extensa temporada pelos países nórdicos. Parou para uma escala em Londres, lançou um vídeo e descansou o que pôde em apenas quatro dias de folga em um mês de shows com casa lotada e um público jovem e estimulante.

Tina viaja com seus músicos num ônibus, opção considerada melhor que a de "ficar enfurnada numa limusine". Cercada de profissionais que acha perfeitos, ela conseguiu criar um clima onde a comunicação é total, "sem qualquer briga". Tudo sempre é conversado em tom franco: "Quem tem alguma queixa, algum problema, traz para mim. A gente discute e acha uma solução. Tem funcionado. E é incrível".

Deve ser mesmo. Tina deu mostras de uma enorme força após ter abandonado em 77 (com a roupa do corpo) seu parceiro Ike, num fim tumultuado para uma longa parceria. Conseguiu encontrar músicos excelentes que tocavam como ela queria, vestiu-se da maneira que gostava e encontrou o *designer* Bob Mackie, que deu mil dicas sobre seu visual. Contratou produtores que admirava, como Jack Good e Sheent Gibson e começou a produzir seus shows. E hoje revela que, "pensando bem, não foi difícil".

"Para entender o ponto em que cheguei, é preciso lembrar o quanto mudei", conta miss Turner. "No começo, meu marido era o produtor. Ike escrevia quase tudo. Tinha músicas que eu curtia, como 'My Home Town', mas no fundo eu não estava cantando o que gostava."

Até o momento de seu divórcio, Tina teve de cumprir contratos. A partir daí, percebeu que não gostava de sua "trilha sonora". E hoje há quem afirme que seu som está mais para o inglês, talvez como resultado direto de ter sido produzida pelo guitarrista Mike Knopfler, do Dire Straits, e por Martin Ware e Ian Marsh, do Heaven 17. Ela aceita a afirmação:

"Em 77 eu fazia rhythm and blues (r&b) e cantava também rock, Mick Jagger, Rod Stewart. De repente me toquei que cantava músicas deles porque não conseguia mais cantar meu repertório. Eu queria mudar minhas músicas". Mudou mesmo. Martin é alemão e mora em Londres. Ian é inglês. Tina disse ao produtor Roger Davies, após a separação, que queria cantar rock and roll sem r&b. Nunca tinha se imaginado cantando músicas como "What's Love Got Do to Do with It" e foi o maior sucesso.

Retrocedendo no tempo, Tina Turner faz uma revelação surpreendente. Diz que "nunca foi uma grande fã do tipo de música negra da Motown", uma gravadora que tinha em seu cast grupos como Supremes, e cantores como Marvin Gaye e o então iniciante Stevie Wonder. Sempre gostou de David Bowie, Stones, Beatles, Rod Stewart e acredita que hoje a música é muito mais *black* na Inglaterra que nos Estados Unidos, estes se cansaram da Motown. "A América foi adiante do rock. Lá, a música negra já não é mais tão importante. A maior parte dos artistas está numa faixa fronteiriça. Caso óbvio do Prince, do Michael Jackson, que já estão muito mais próximos do *hard rock*."

"Para entender o ponto em que cheguei é preciso lembrar o quanto mudei. No fundo, antigamente eu não estava cantando o que gostaria de cantar"

Profissional séria, Tina sente que poderia ter dado mais de si como cantora no disco *Tonight*, de David Bowie. E amplia sua agenda partindo para o cinema. Vai aparecer no terceiro filme da série *Mad Max*, que já virou culto. Talvez ache tempo para uns shows no Brasil. "Tenho dito ao Roger Davies que precisamos dar um jeito de ir ao Rio." Quando? Ela sorri e finaliza: "Quem sabe? Talvez lá pelo final de 86".

UM TWISTED SISTER SOLTO NO BRASIL

Sentado numa luxuosa suíte do Caesar Park, em São Paulo, o vocalista da pauleira-purpurina está de cara limpa. E pouco lembra sua agressiva presença de palco — onde, como gosta de dizer, "é mais do que tudo um animal".

Dee Snider veio promover o terceiro disco da banda, *Stay Hungry*. Um disco que surpreendeu a crítica inglesa e americana por sua sofisticação de produção em relação aos trabalhos anteriores (*Under the Blade*, míni-LP de 82, e *Can't Stop Rock and Roll* de 83).

A sofisticação — maior elaboração nos vocais e arranjos — é um caminho que deve ser aprofundado. "Eu gostaria de ter mais atmosfera nos discos, mais clima. Nós não tínhamos conseguido isto antes porque trabalhávamos com orçamentos apertados e pouco tempo de estúdio", justifica Snider.

O cantor sabe, porém, que a elaboração, no caso de uma banda pauleira, pode ser um grande risco. O risco da perda do caráter cru do heavy. "Mas será que nós somos mesmo heavy?", pergunta ele. E responde: "Acho que sim. Minhas influências mais fortes são AC/DC, que é mais *hardcore* que heavy; Alice Cooper, que não era heavy, e Black Sabbath, decididamente metal. Quer dizer, dois terços de mim são heavy metal".

O que o Twisted Sister quer agora é juntar as características da pauleira com "os valores de produção dos bons tempos de David Bowie, Alice Cooper, Mott the Hoople e Lou Reed". Para isto chamaram o produtor Bob Ezrin, que trabalhou em *The Wall* do Pink Floyd e *Berlin*, de Lou Reed. A banda começa a gravar em setembro ou outubro e uma participação é quase certa: a do grande ídolo de Dee, Alice Cooper. Já existe uma música feita para o dueto.

Mesmo com maior cuidado, o som do Twisted Sister continuará "pegando no estômago", e vindo mais "do coração que da cabeça". Dee critica as bandas que vieram após o punk não, como diz, "por serem minimalistas", mas por serem "tão cósmicas, espaciais" e não básicas o bastante. Afinal, ele mesmo considera o som do AC/DC minimalista, "menos rude, mais fragmentado".

A transição do básico para o mais complexo, acredita ele, é quase uma questão de idade: "Vejo pessoas da minha idade (30) ou muito mais jovens que atravessam a fase do heavy e saem dela, querem alguma coisa que achem mais madura. Parece que todos querem mudar e talvez um dia isto aconteça comigo também. Mas não enxergo ainda esta possibilidade".

Uma recomendação de Dee a quem acompanha o som pauleira: ouvir a banda americana WASP, em ascensão. E uma promessa: a de não tirar a maquiagem, apesar de ela não servir mais para chocar ou chamar a atenção. "Não vamos desapontar, como fizeram Kiss ou Bowie", diz ele.

José Eduardo Mendonça

Heavy metal

Ilustração Cleber Verga Garcia. Foto Estúdio Abril

O que é *black* e o que é *white metal*? Como é que pintou esta adoração de bandas pauleira por legiões de figuras de roupas negras e munhequeiras de tachinhas? Depois do Rock in Rio a palavra metaleiro virou moda. E se instalou, apesar de ser renegada por muitos grupos que dizem que o *rock pauleira* sempre existiu e sempre existirá. Vamos inaugurar esta seção falando do pessoal que sempre pegou no pesado

Foto LFI

Purple ao vivo: Glover e Blackmore

★ Após contratos milionários e mil exigências, o empresário Bruce Payne (então cuidando do Rainbow) conseguiu reajuntar o **Deep Purple**, com a nata dos músicos que passaram pelo grupo — Ian Gillan, Ritchie Blackmore, Ian Paice, Jon Lord e Roger Glover. Gravaram e lançaram, como se sabe, *Perfect Strangers*. E abriram com estardalhaço no final de junho, na Inglaterra, o festival de Knebworth.

★ No **Black Sabbath**, Iommi e Butler continuam à cata de um novo vocalista para gravar um LP. Pelo vocal passaram Ozzy e Dio, além de Ian Gillan, que está no LP *Born Again*. Chegaram até a apresentar Donato para a imprensa, em fotos promocionais, mas o rapaz foi mandado embora. Será que foi incompetência?

★ **Ozzy Osbourne** ficou sem o tecladista Don Airey e o batera Tommy Aldridge, que saíram depois do Rock in Rio. Ozzy já tem novo disco a ser lançado em breve e promete colocar logo em carreira solo seu guitarrista Jake E. Lee. "Ele merece", diz o velho metaleiro.

★ No time do Led Zeppelin, **Robert Plant** manda ver seu terceiro LP solo, *Shaken'n'Stirred* após o sucesso de *Honeydrippers*. **Jimmy Page** volta às paradas na Inglaterra e EUA com seu grupo The Firm, ao lado do ex-Bad Company Paul Rodgers. Page aparece ainda ao lado de Roy Harper em *Whatever Happened to Jugula*. O ex-baixista do Led, **John Paul Jones**, que andava quietinho, gravou a trilha do filme *Scream for Help!*, com três músicas de sua filha Jacinda. Page também está nessa. Jason, filho do falecido **Bonzo Bonham**, é batera do grupo Airrace, que lançou recentemente o LP *Shaft of Light*.

Foto Abril

David Byron, falecido em fevereiro

★ O **Uriah Heep** volta ao disco através da CBS, com *Equator*. Na banda, Mick Box, Trevor Bold, Lee Kerslake, Pete Goalby e John Sinclair. Para quem não se lembra, o abandonado David Byron, ex-vocalista, deixou este mundo em fevereiro último, vítima de cirrose. Álcool demais.

★ Está difícil para o **Kiss** acertar seu guitarra solo. Primeiro o complicado Ace Frehley foi substituído por Vinnie Vincent, que não deu muito certo. Foi trocado pelo elogiadíssimo Mark St. John, que participou do *Animalize*, tocou algumas vezes e teve de largar tudo por problemas com sua mão direita. Saiu St. John e entrou Bruce Kullick, irmão do guitarrista do Meat Loaf, Bob Kullick. Ace Frehley anuncia seu retorno com a Frehley's Comet.

Foto LFI

Def Leppard deve voltar à ativa

★ O **Def Leppard** promete muito apoio a seu batera Rick Allen. Como se sabe, Rick perdeu seu braço direito num acidente de carro no final do ano passado. Em plena recuperação, colocou *backing vocal* no novo álbum do grupo. Já tinha gravado parte da batera do álbum antes do acidente. Falam em sua ida para os teclados e percussão.

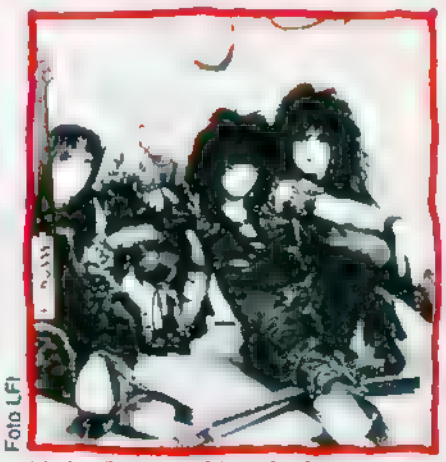


Foto LFI

Motley Crue, metal à moda glitter

★ Quem se refaz também de acidente de carro é o pessoal do **Motley Crue**. No bólido de um deles, Vince Neil, morreu o baterista do **Hanoi Rocks**, Razzle. O Motley parte para novo disco e vai botar de novo o pé na estrada.

★ Começando a ser ouvido aqui um guitarrista de som pesado e nome estranho. É **Yngwie Malmsteem**, que está estourando lá fora com seu LP *Rising Force* (saindo aqui pela Polygram). Malmsteem é um tipinho década de 70, com calças de veludo, casacos de couro de tigre, crucifixo no peito e uma Stratocaster pendurada no pescoço. E se diz influenciado por Hendrix, Page e Ritchie Blackmore.

Leopoldo Rey

Foto LFI

Da esquerda: Mike Joyce (bateria), Johnny Marr (guitarra), Morrissey (vocal) e Andy Rourke (baixo)

Como Você nunca ouviu falar dos SMITHS?

Pois então saiba. São quatro rapazes de Manchester que odeiam videoclips e sintetizadores, e se proclamam os salvadores da música pop. Por *Jose Augusto Lemos*

A primeira pista veio na primavera de 83, numa dessas livrarias que vendem revistas importadas. A *Rolling Stone* abria várias páginas e fotos para um apanhado das bandas inglesas que brotavam sobre as cinzas da velha wave. O quente então eram os grupos batizados como "positive punk" e alardeados como a "próxima onda". Nem dei bola para esses Smiths, cujo vocalista/letrista Morrissey afirmava "ter vindo salvar a música pop, que estava um lixo".

Declarações desse calibre já perderam a graça. Além disso, faz parte da música pop ser essencialmente um lixo. Mas, uns seis meses depois, seria impossível ignorar que a Inglaterra estava varrida pelos Smiths, como a mais contagiosa das pestes. Quanto à onda de punk "positivo", restavam os tenebrosos Sisters of Mercy.

Bastaram três compactos pelo selo independente Rough Trade — na ordem, "This Charming Man", "Hand In Glove" e "What Difference Does It Make?". Quando saiu finalmente o LP, em fevereiro de 84 (direto para o segundo lugar das paradas), público e crítica se misturavam numa rara e reverente confraternização. "Existe pouco lugar neste álbum para o que não seja a perfeição", dizia o semanário *Melody Maker*.

Qual o segredo? À primeira escutada, o sucesso parece desmedido. Prevalece a estranheza provocada pelo vocal de Morrissey — ora um barítono cheio de rodeios, ora um falsete desesperado — e pelo inabalável senso comum com que a banda traduz a predileção pelo lugar comum (daí o nome Smiths, equivalente a "Os Silva").

A hipnose é lenta e insidiosa. Quando você percebe, já é tarde demais. O que antes parecia um pop *retrô*, puro anos 60, eletrocuta o cérebro como uma revelação. As melodias são levadas sempre por delicados dedilhados do guitarrista Johnny Marr (autor de todas as músicas).

Sobre essa doçura, vem o golpe fatal das letras de Morrissey. Oscilam entre o mais exaltado lirismo e a mais mórbida apatia, invadidos por todos os poros de uma sensualidade pesada e ambígua. Para os céticos, não passam de fricotes literários homossexualóides, coisas de um rapaz que passou a adolescência lendo Oscar Wilde e contemplando posters de James Dean. Mas Morrissey, que se diz celibatário ("no sexo, as fantasias são sempre melhores que a realidade"), é avesso ao rótulo, frágil demais para o poder de alcance das letras.

Os céticos fechariam o bico com a obra-prima, ainda por vir no lado B do compacto "William, It Was Really Nothing". Movida por uma circular pulsação guitarreira, "How Soon Is Now" já derruba qualquer preconceito antes de entrarem os primeiros versos:

"Eu sou o filho e o herdeiro de uma timidez criminosa e vulgar/Filho e herdeiro de nada em particular"

A música acabou entrando em *Hatful of Hollow*, o segundo LP, uma reunião de todos os compactos lançados após o primeiro, mais algumas faixas repetidas em regravações para programas de rádio. Em fevereiro deste ano, "How Soon Is Now" volta a ser lançada em compacto — desta vez no lado A —, coincidentemente com *Meat Is Murder*, o terceiro LP. Como a canção é escolhida pela Warner para estourar a banda nos EUA, integra também a edição americana do disco. E vira um clip, para desgosto de Morrissey e banda.

Hora da questão crucial: por que os Smiths ainda não foram lançados aqui? Algumas rádios, como a Antena Um e a Transamérica em SP e a Fluminense e a Estácio no Rio, já tocam. Talvez seja só uma questão de tempo: a WEA já iniciou os contatos. Depende mais de Rough Trade do que da sua representante nos EUA, a matriz da gravadora "brasileira".

MADONNA - BIZZ N.°1

MADONNA

Nascida em Big City, Michigan (EUA) em 1960

"Tenho o nome mais místico que uma mulher pode ter"

Foto Helmut Werb/LFI

Madonna Louise Ciccone nasceu numa família italiana de oito filhos. Era a mais velha das seis irmãs e a "queridinha" do papai, engenheiro da Chrysler. Dois fatos abalaram sua infância: a morte da mãe quando ela tinha seis anos e o segundo casamento do pai, dois anos após.

Passou por três escolas católicas e estudou piano por um ano. Terminado o curso, iniciou aulas de balé. Um de seus professores, o menos ortodoxo (que ela mais tarde chamaria de mentor), concluía o aprendizado levando a estudante às danceterias gays de Detroit. Aos quinze anos fez sua estréia no cinema: o curta super-oito onde aparecia quase nua com um ovo frito sobre a barriga.

Madonna sabia que queria ser uma artista. Só não sabia se cantora, dançarina ou atriz. Optou pela dança. Em 1976 graduou-se na Ro-

Para a garota Madonna bons eram os cantores românticos, como Johnny Mathis, o jamaicano Harry Belafonte e Sam Cooke. Na música pop preferia canções como *The Letter*, do Box Tops, e *Sugar Sugar*, dos Archies, aos Beatles. Mas seu primeiro ídolo foi Nancy Sinatra: minissaia, cílios postiços, cabelos loiros. No cinema, Marilyn Monroe e Brigitte Bardot.

Com 17 anos mudou para Nova York, onde trabalhou em várias companhias de dança e conheceu Danny Gilroy, seu primeiro namorado nova-iorquino. Junto com o irmão de Danny, os dois moraram durante um ano numa sinagoga no bairro de Queens.

Cansada de apenas dançar, Madonna aprendeu bateria e entrou para a banda Breakfast Club, integrada por Danny, Eddie Gilroy e a ex-dançarina Angie Smit.

Certo dia, recebeu o telefonema

"Se eu fosse uma garota e me conhecesse, me vestiria como eu"

DISCOGRAFIA

Madonna (1983)
Like a Virgin (1985)

VIDEOGRAFIA

Everybody - direção Ed Steinberg (dezembro 1982)

ra, dançarina ou atriz. Optou pela dança. Em 1976 graduou-se na Rochester Adams School. De lá foi para o departamento de dança da Universidade de Michigan, onde completou sua formação clássica, com jazz e dança moderna.

çarina Angie Smit

Certo dia, recebeu o telefonema de um antigo namorado de Michigan, o baterista Steve Bray. Ele estava mudando para o centro da cidade e convidou Madonna. "A semana que vem estou aí", foi a resposta!!!!

Everybody - direçao Ed Steinberg (dezembro 1982)
Burning Up - direção Steve Barron (agosto 1983)
Borderline - direção Mary Lambert (fevereiro 1984)
Lucky Star - direção Arthur Piersen (março 1984)
Like a Virgin - direção Mary Lambert (novembro 1984)
Long Format - reunindo quatro clips: *Burning Up, Lucky Star, Borderline* e *Like a Virgin* (1984)
Material Girl - direção Mary Lambert (janeiro 1985)
The Gambler - direção Harold Becker (fevereiro 1985)
Into the Groove - direção Susan Seidelman (março 1985)

"Não, nunca entrei numa igreja, a não ser para roubar crucifixos"

"Eu não poderia ser sucesso sem também ser um símbolo sexual"

"Eu não gostaria de dormir com um rapaz virgem"

Foto Ken Regan/ LFI

Foto do poster Helmut Werb/LFI

GIL

Vinte anos de carreira, o cantor/compositor amplia suas fronteiras e leva seu som aos palcos do Novo e do Velho Mundo. Entusiasmado, ele fala a BIZZ sobre influências, música negra e sobre o papel de nossa música lá fora

Gil não cabe mais no Brasil. O que é apenas natural. Embora permeado pelos regionalismos nacionais que formam os alicerces de sua obra, Gil é cidadão do mundo. Suas referências atuais englobam as Américas, a África, a Europa e a Ásia. E, portanto, hoje sua música tem tudo a ver com o mundo inteiro.

Em junho passado, ele comemorou seus 43 anos no meio de uma excursão que o levou ao México, a três cidades norte-americanas — Boston, Washington D.C. (a maior população negra dos EUA) e Nova York — e à Europa. Foi talvez o primeiro grande amadurecimento de uma carreira internacional que vem sendo desenvolvida há oito anos e que agora, com o lançamento americano do disco *Raça Humana*, começa a atingir o ponto de maturação.

Às vésperas de seu show no Carnegie Hall, em Nova York, Gil recebeu Marco Antonio de Menezes, nosso correspondente nos EUA, no Sounds of Brazil, uma casa noturna especializada em música latino-africana que serviu de local de ensaio.

"Ele tá lindo", diz Gil sobre Stevie Wonder, que subiu com ele ao palco no show de Washington

Dias antes, em Washington, Stevie Wonder havia subido no palco para cantar e tocar gaita em *No Woman, No Cry* com Gil. E a euforia daquele encontro de duas faces da cultura negra mundial ainda era fresquinha. E indisfarçável.

"Ele tá lindo", disse Gil. "Ele tá muito interessante, com um sentimento muito *fresh*." Parece até uma involuntária autodefinição. Afinal, Gil exala um constante frescor. E cada vez mais, principalmente desde que redescobriu a África e, através dela, a Jamaica — passando a sublinhar em música a negritude de sua pele.

"Na época em que morei em Londres", recorda Gil, "havia muitos grupos africanos, e a atração dos músicos brancos pelos africanos era grande. Havia um conjunto só de negros da Nigéria chamado Osibisa, que já influenciava muito a coisa inglesa. O ex-baterista do Cream, Ginger Baker, mudou-se para Lagos, na Nigéria, montou um estúdio e ficou morando lá uns dez anos. Em 74 Paul McCartney foi gravar um disco, *Band on the Run*, na África. Talvez isso tenha acontecido porque a colonização inglesa

Gil chega a um ponto de maturação no cenário internacional, depois de uma batalha que já leva oito anos

Foto José Carlos de Oliveira

GIL

foi tão braba que, na época da descolonização, eles absorveram coisas que se tornaram simpáticas. E, como a população negra em Londres acabou crescendo muito, isso resultou num processo sócio-cultural que provocou uma aproximação muito grande com a África."

"Eu busco, no mundo, o que se passa em Cuba, na Nigéria, em Angola..."

Mesmo se interessando pela mescla cultural, Gil prefere "preservar esta coisa negra". Porque, como diz, de certa forma está "racial, cultural e nacionalmente ligado a isso, por uma questão de ser brasileiro, negro, mulato, baiano". Ele acha que ainda há "nativos, digamos, uma cultura nativa ainda não totalmente absorvida e digerida pelo internacionalismo estandardizante, abrangente. Ainda há culturas que, graças a Deus, acabaram tendo uma capacidade de autodesenvolvimento localizado. Então, eu fico buscando, no mundo, o que está se passando em Cuba, na Jamaica, na Nigéria, em Angola, no Brasil".

Paris no verão. É a temporada dos grandes festivais europeus. E Gil está lá, conforme explica ao correspondente europeu de BIZZ, Silvano Michelino, fazendo uma política de acordo com essa visão de mercado moderno — a presença através dos vários canais de apoio, como discos, imprensa, voltando todo ano, fazendo festivais.

"E a música brasileira tem sido muito bem recebida em todos os lugares", conta Gil. Não só por suas características folclóricas, tradicionais como o samba — como também pelas presenças alternativas, como bossa nova, e o pop mais moderno: "O que falta é o país ser suficientemente forte na área econômica e comercial para poder ter maior presença".

O resultado é diferente do obtido com trabalhos como o de Sérgio Mendes, ou o "de músicos que vão morar no exterior, se adaptam e se reciclam em função de uma demanda estética mais americana". Hoje os artistas saem do Brasil e voltam: "Agora é uma troca, com o produto brasileiro gerado lá no Brasil saindo para o mundo. É uma fase diferente da bossa nova, por exemplo, cujo marketing foi feito por padrinhos do jazz, como Stan Getz. No nosso caso — o de Caetano, Milton, Jorge Ben — não temos padrinhos locais".

Com todo gás aos 43 anos, Gil diz: "Eu quero envelhecer sorrindo"

O ânimo de Gil parece o de um garoto principiante, cheio de gás e com fome de futuro. Não fossem seus vinte anos de carreira, o entusiasmo de Gil caberia justinho num dos artistas brasileiros que mais admira: Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso.

"Ele toca bem, compõe bem, é bem situado na coisa da história da música dele. Se liga com muito carinho, com muita devoção, aos mestres. É um menino atento, que ouve e entende o que há de bonito e interessante na música africana e jamaicana. Os Paralamas são um avanção e o Herbert tem competência e compenetração para realizar muito. E eu vou chegando pra 'de junto', porque quero envelhecer garoto."

SOSSEGA LEÃO!

São treze músicos e uma paixão: todos os ritmos do Caribe. Depois de alguns anos esquentando bailes e noitadas várias, vem aí o primeiro LP

Se você vivesse no início dos anos 50, vestiria seu terno de linho branco, encontraria sua namorada produzida com um tomara-que-caia de bolas azuis e iria a algum baile dançar ao som de Glen Miller e da última moda, os ritmos do Caribe. O baile seria animado por orquestras como as de Severino Araújo, Sílvio Mazucca ou Luiz Arruda Paes.

Hoje, nos anos 80, você dificilmente sairá com um terno de linho branco e, provavelmente, sua namorada não estará vestida com um tomara-que-caia de bolas azuis. Mas vocês podem dançar rumba, mambo, salsa e bolero se forem aos shows de uma banda que há dois anos espalha os sons do Caribe pelo Brasil: o Sossega Leão.

A banda surgiu em 83, quando Skowa, que em 77 já tinha formado e dissolvido um outro Sossega Leão, montou um grupo para animar a Noite do Caribe, promovida pelo Sesc Pompéia, em São Paulo. De lá para cá o grupo passou a animar bailes com um repertório que incluía sucessos antigos da música centro-americana, reggaes e até Carlos Santana, já que um dos guitarristas, Marcelo Tuba, é um aficionado de Santana e não deixa de encaixar solos roqueiros nas músicas.

"A gente passou estes dois anos informando o público sobre a existência deste som", lembra o baixista e vocalista Skowa. Apesar de já ter sido moda há trinta anos, a música caribenha foi propositalmente colocada de lado pelo bloqueio econômico e cultural promovido pelos EUA após a Revolução Cubana. De modismo, passou a ter uma presença limitada a uma ou outra faixa dos discos.

O Caribe só foi retomado de uma forma mais forte há dez anos, quando a salsa, nome genérico dado à música caribenha atualmente, passou a fazer sucesso nos EUA e na Europa. E o sucesso continua até hoje. A salsa, feita principalmente por cubanos e porto-riquenhos radicados em Nova York, é uma mistura do mambo e da rumba com o jazz moderno.

Mapa musical

Mas qual a diferença entre estes sons que vêm do Caribe? "A América Central teve uma colonização muito variada e cada região criou sua própria música", lembra Guga Stroeter (vibrafone).

Das colônias espanholas vieram os ritmos mais conhecidos. No México surgiu o bolero, e em Cuba, a canção habanera e a rumba, que misturada ao swing deu no mambo e, ao twist, no chá-chá-chá.

O beguine e o merengue vieram das colônias francesas. Nas inglesas, surgiram o calipso das Ilhas Virgens e os jamaicanos ska e reggae.

Tudo isto, e mais alguns outros ritmos, sempre fizeram parte do repertório do Sossega nestes dois últimos anos. E continuará no que a banda decidiu chamar de "nova fase". Mas com um detalhe: sofrerá algumas modificações.

Salada mista

"Estamos tentando tocar só músicas nossas, parar de tirar arranjo de disco para arquivar no repertório de baile", lembra Tuba. Agora, o objetivo da banda é fazer um trabalho de criação dentro da música do Caribe, explorando a formação individual de cada um de seus treze músicos. Isto mistura o rock, o free jazz, o blue, o funk e ritmos brasileiros à salsa, ao ska, ao mambo e ao bolero.

O Sossega acaba de gravar seu primeiro LP que sairá pela Continental. "Ele é um divisor de águas", lembra Matias (trombone): "Está bem no meio das duas fases e foi feito com metade dedicada para a primeira e metade para a segunda".

Por isto, o disco possui músicas novas compostas pela banda e algumas antigas com arranjos adaptados pelo grupo.

L.O.

Fotos Rodolfo Tucci

RITA LEE

TITIA, EU NÃO

Enquanto o Brasil era tomado por uma enxurrada de roqueiros de primeira viagem, Rita Lee estava dando um tempo. "Criando galinha", como ela mesma diz nesta entrevista recolhida por *José Augusto Lemos* em um intervalo das gravações do seu novo LP

ESTOU COM LEUCEMIA

Agora que chegou a hora de colocar um ponto final nesse exílio voluntário, ela passeia de um lado para o outro com seu conhecido sorriso moleque. Não parece nem um pouco preocupada com as inevitáveis pressões e expectativas acumuladas. Afinal, não estaria superpopulada a quadra dos Unidos do Rock Engraçadinho?

"Não tenho nenhuma resposta para dar a nada, a ninguém... nem sinto a menor vontade de compor um 'Arrombou o Rock'. Estou é aproveitando essa rara oportunidade de poder fazer um disco com tempo e calma."

Bombom, seu último LP, foi feito, segundo ela, a toque de caixa, no mais impessoal esquema linha de montagem. Não fizeram muito mais que entregar as canções nas mãos dos produtores, arranjadores e músicos de estúdio contratados em Los Angeles.

Participações especiais

Agora, a julgar pela técnica de composição utilizada por ela e o inseparável Roberto de Carvalho, vem aí um prato cheio de tecnorock explícito. Todas as bases foram montadas em blocos apenas pelo marido/guitarrista, auxiliado por um arsenal de teclados computadorizados (ver ficha técnica).

Nenhum músico de estúdio na jogada. "Intervenções" no casulo eletrônico do casal ficarão por conta exclusiva de participações especialíssimas como os ex-Mutantes Liminha e Serginho Dias, os Paralamas João Barone e Herbert Vianna, mais Paula Toller. Ex-Mutantes? Peraí. Seria algum *revival?* "Não, apenas releituras", ela rebate com uma risadinha Mestres do Suspense.

Rita guarda péssimas recordações da maratona de shows que ela e Roberto fizeram, do Oiapoque ao Chuí, no verão 82/83. "Meu pai estava morrendo, acho que foi por isso que senti necessidade de me chapar... chapar através de um ritmo de trabalho desumano daqueles." Apenas uma lembrança bem-humorada: em certa cidade do Norte, chegaram a pensar que ela estava dublando em cima de *playback* por causa de seu microfone sem fio. "Foi um Projeto Rondon", arremata.

Risoleta do rock

E a tal nova geração do rock nativo? Rita conta que tem recebido visitas, no estúdio, do pessoal da Gang 90, Metrô, Degradée, feliz por ter sido tratada com a cumplicidade que se dedica a uma irmã mais velha — e não como a grande Titia simbólica pertencendo ao passado. Esse papo de "rainha do Rock Brasileiro", do qual ela nunca gostou muito: "Estou mais para a Risoleta do rock". Outra gargalhada.

No balanço final, Rita coloca como o grande ponto positivo de sua parada essa oportunidade de ouvir com atenção tudo que está surgindo, tanto aqui como lá fora. Está apaixonada pelo Style Council e seu pop latino, o ex-punk Paul Weller compondo bossa-nova: "Acho demais, minha relação com a música brasileira sempre foi mais bossa do que sambão". Dá "graças a Deus" pelos Eurythmics, o tecnocasal britânico (alguma identificação?). Exaltada, ela passa a disparar preferências: Prince ("ousadias mil"), o disco solo de Mick Jagger, Pretenders (essa, uma paixão mais antiga), Haircut 100, Frankie Goes to Hollywood ("pelo som da bateria"), Smiths nem tanto ("acho que fiquei meio indisposta com o surto de adoração generalizada").

Muito bem. E o novo LP, como está? Rocks, rockaços ou baladas aboleradas? "Tem uma baladona bem brega, *Vítima*, o resto é rock mesmo." A leva inclui *Titia*, *Eu Não Estou Com Leucemia*, para responder à boataria que varreu a imprensa um pouco antes e durante o Rock in Rio. O resto está trancado a sete chaves até que o disco seja lançado, em setembro.

FICHA TÉCNICA

ROBERTO PROGRAMA, ELES TOCAM

Todas as bases das canções compostas para o novo LP de Rita e Roberto de Carvalho foram gravadas exclusivamente pelo guitarrista de teclados computadorizados. O seqüenciador QX1 da Yamaha controla e sincroniza todos eles: um JX3P da Roland, mais um DX1 e três DX7 da Yamaha. A "cozinha" fica a cargo de dois computadores rítmicos, um Dr. Flick e um LynnDrum II custom *(isto é, adaptado segundo encomenda).*

Tudo isso conectado a uma mesa Boogie, somada a um Room Simulator AMS, para dar "acústica ambiental" aos sons sintetizados digital ou analogicamente. A guitarra mais utilizada por Roberto é uma Fender Stratocaster, também custom.

ARRIGO BARNABÉ

Foto José Carlos de Oliveira

Um outro Brasil na Europa

Nem samba nem baião, mas um som complexo e elaborado. Arrigo tocou por lá e conta como foi em entrevista a Silvano Michelino

Com grande apoio da imprensa francesa, Arrigo Barnabé conseguiu lotar recentemente, por uma noite, a New Morning, mais importante casa de jazz de Paris.

Valeu. O jornal *Le Matin* qualificou seu som de "surrealismo desarticulado". A revista especializada parisiense *Jazz Hot* elegeu *Tubarões Voadores* um dos dez melhores discos de 1984, colocando o músico de Londrina ao lado de gente consagrada como Miles Davis e o grupo Weather Report.

Com teatralizações, performances e ajudada pela voz de Vânia Bastos, a banda, exibindo uma música rica e estudada, conseguiu superar a barreira da linguagem.

Vestindo a habitual capa escura, com a qual circula pela noite paulistana, Arrigo Barnabé combina com a fria primavera européia. Entre queijos e vinhos, o autor de *Clara Crocodilo* e *Tubarões Voadores* fala de seu trabalho — tido pelos europeus como uma mistura de música erudita contemporânea e rock — e de sua excursão européia.

— O fato de você ter vindo para a Europa com tudo pago, a convite da prefeitura de Frankfurt, deu mais espaço para você experimentar?

— Claro! Eles não dependem do retorno. Na Alemanha eles investem uma grana alta na cultura. Se tiver retorno, tudo bem. Se não tiver, também. Isto dá uma liberdade em relação ao trabalho comercial.

— Como você acha que os europeus recebem sua música?

— Eles falam as coisas mais esdrúxulas. É difícil pra eles entender a síncopa, e minha música tem muita síncopa, aquela coisa rítmica. Eles me perguntam: "Mas este som é brasileiro?" Porque, para eles, brasileiro é o que tem a forma, o gênero. Eles entendem o samba, o baião, o choro, o frevo. Agora, se você pega elementos rítmicos do samba e coloca num compasso diferente eles acham que não é brasileiro. É aquela coisa do estereótipo

"O público de rock é mais aberto que o público que ouve jazz"

E isto causa um pouco de dificuldade.

— Dentro da divisão de tendências que se faz na Europa, seu público é mais de jazz ou de rock?

— Eu não sei. Tenho a impressão de que o público de rock tem entusiasmo maior e o de jazz uma amplitude de visão maior. Mas o cara que curte o jazz vai abrindo até um certo ponto e pára mesmo. Como os caras que acham que o Miles Davis não faz mais jazz. O público de rock quando abre, abre mesmo. Eu acho que quem pode me curtir mais é o pessoal ligado em jazz, mas o público de rock é uma gente interessante.

— Você aqui circula no anonimato. No Brasil a fama te incomoda?

— Incomoda. Se eu estou tocando piano, o vizinho de baixo já sabe quem é. Aí eu tenho que tocar legal, não posso incomodar o cara.

— O que você leva daqui para o Brasil?

— Se Deus quiser, um computador

— É um novo caminho?

— Vai ser um instrumento para facilitar a composição. Com ele eu corto, apago, reescrevo, ganho tempo

TITÃS NA TV

Foto Rui Mendes

Tony Belloto e Branco (centro) no programa de Hebe Camargo

No Chacrinha, a primeira execução de "Insensível"

Maquiados e coreografados, eles parecem feitos de encomenda para a tela. Até batizaram de *Televisão* o novo LP. Nossa repórter *Luisa de Oliveira* foi atrás da banda nos programas de auditório. Luzes, câmera, ação!

30/4 Perdidos na Noite

No camarim, próximos a Eduardo Araújo, os oito Titãs são abordados por Lúcia, fundadora de seu fã-clube. Distribuição de chocolates e chicletes para todos.

No palco, fala o imenso apresentador Fausto Silva: "Um programa ensaiado no ar". É verdade. O monitor volta a pifar, um amplificador está queimado e a produção perdida. "Acertou o som aí? Ao vivo, Titãs no Perdidos na Noite!! Primeiro lugar no concurso de marionetes!"

E entra no ar uma raridade no circuito televisivo: eles tocam ao vivo mesmo, sem playback. De uma só enfiada: "Autonomia" e "Televisão" (do novo LP) mais "Toda Cor" e "Sonífera Ilha". Apesar da aparelhagem não corresponder e mesmo com as vaias de alguns metaleiros presentes — "são muito comerciais", é a queixa de um deles — a platéia canta com Paulo a última música.

2/5 Porque Hoje É Sábado

O grupo chega e vai "fritar". Ou seja, esperar pela gravação na lanchonete. Lá, um dos produtores do programa pede pela presença de um Titã até o final, quando haverá um debate com a sexóloga Maria Helena Matarazzo.

Ao começar a gravação, Branco é o único a deixar a lanchonete para sentar-se, no estúdio, ao lado do veterano cantor Pery Ribeiro. Os outros sobem mais tarde e flagram, através de um monitor, o diretor de pornochanchadas Davi Cardoso dissertanto sobre pornografia e malufismo.

Charles vai dublar de pandeiro na mão: "Aqui o playback é muito baixo e a bateria acaba soando mais alto que a música".

Um apresentador formal, o sr. J. Silvestre: "O sucesso de hoje aqui está. Nossos aplausos para o grupo Titãs". Entra o playback de "Toda Cor" e a pequena platéia se anima.

E o tal debate sexológico? Fugiram todos.

3/5 Hebe Camargo

"Agora um conjunto gracinha. Alegria, juventude para o Brasil. Titãs!!!"

Lá vem o playback de "Toda Cor". É a última vez que fazem esta música na TV. Mais uma vez, o baterista Charles reduz o arsenal para um pandeiro.

Enquanto isso, Branco canta coladinho na apresentadora: "Eu preciso de você agora/ por favor meu bem, não vá embora". As gargalhadas de Hebe estão alguns decibéis acima da música, o que provoca alguns gritos da produção: "Arranca o microfone dela!!!"

Até a última nota, o auditório engrossa o coro dos Titãs. Quando eles já deixaram o palco, a apresentadora ainda está tomada por seu acesso de riso: "Vocês viram só que aula de ginástica? Muito engraçado".

Fotos Cristina Granato

Recém-maquiados, da esquerda: Marcelo, Branco e Nando

26/5 Cassino do Chacrinha

A Kombi da produção vem buscar o grupo no hotel. Antes de entrarem no teatro, clic — uma pausa para fotos com as fãs. Lá dentro, são submetidos a uma longa sessão de maquiagem: rostos brancos e batom vermelho compõem um estilo *new circense*.

Ao brado do sr. Abelardo Barbosa — "Titãäss!!" —, soltam o playback de "Insensível". O volume ensurdecedor recebe ainda a contribuição de uma sirene, dos berros da claque e da platéia. Longe do rebolado das chacretes, um assistente de câmera está desesperado para conseguir enquadrar todos os oito em sua mirabolante coreografia.

A volta. E que volta!

Durante dois anos, a banda andou meio dispersa, com alguns de seus músicos em passeios individuais. Agora eles voltam à cena, a todo vapor, e são flagrados por BIZZ em Paris

Depois de dois anos fora de cena, o Dire Straits começou uma longa excursão em maio último, em Israel. Quando a turnê terminar, em março do ano que vem em Darwin, Austrália, o grupo terá percorrido 25 países.

A maratona serve para matar a sede deixada por tanto tempo de ausência e reagrupa músicos que, isolados, andaram agitando muito. O líder, guitarrista e vocalista Mark Knopfler produziu Tina Turner em *Private Dancer* (onde tocaram os Straits menos ele; ver pág. 31) e Bob Dylan em *Infidels*. E de quebra realizou as trilhas dos filmes *Cal*, produzido por David Puttman, e *Comfort and Joy*, dirigido por Bill Forsyth. Outro membro da banda, o baixista John Illsey, gravou seu solo *Never Told a Soul*.

Nas lojas já aparece o LP novo, *Brothers in Arms*. E os Straits arrasam no palco com a mesma garra e desenvoltura que os ajudou a conquistar uma posição invejável no rock, com 17 milhões de cópias vendidas de seus cinco LPs.

A banda passou por Paris nos dias 23, 24 e 25 de junho. Resolvi ir logo na estréia. E lá estavam perto de 20 mil jovens confortavelmente instalados no amplo e moderno ginásio de esportes de Bercy, com suas formas piramidais cobertas de grama. Foram ver a formação atual: Mark Knopfler, Illsey, Alan Clark (teclados), Terry Williams (bateria), com o reforço de Jack Sonni — guitarrista que substitui Hal Lindes —, Guy Fletcher (teclados) e Chris White (sax e flauta).

Quando a luz apagou, pouco depois das nove, rolou aquele chão de estrelas de milhares de isqueirinhos acesos na multidão. No palco, um único foco de luz sobre Chris. Ele recuperou a flauta transversal, que anda esquecida no rock, fazendo um solo sobre um monocórdico "ostinato" (uma frase repetida) de um dos treze teclados a bordo, programado para soar como uma marimba africana debaixo d'água.

Knopfler cantou, tocou, trocou de guitarra, arrasou

Foto Claude Gassian

Do solo de flauta a banda chegou direto a uma explosão instrumental, com todos os integrantes distribuídos no palco. Sem roupas extravagantes, eles correram livremente pela grande e negra cena graças aos instrumentos sem fio (inclusive o sax), e foram iluminados com uma precisão e exatidão rítmicas raras.

Arranjos de efeito ligaram as músicas. Velhos sucessos, como "Romeo and Juliet", "Sultans of Swing", "Private Investigations", "Tunnel of Love", foram misturados a novidades como "Money for Nothing" e "So Far Away".

Ajudam bastante na pontuação do show a preocupação com a dinâmica de uma bateria grave e potente ou a ausência do baixo em longas passagens, sempre coloridas por timbres novos dos teclados. E os teclados foram usados sempre sem seqüenciadores, colocando o Dire Straits longe das tendências do tecnopop.

No lugar do tecnopop, a banda reconcilia tendências do começo da década passada, numa leitura atualizada e madura de correntes americanas e até do rock lisérgico inglês.

Mark Knopfler cantou, tocou, trocou de guitarra a cada duas músicas, fez solos com som de banjo sobre bases heavy, solos *hard* em momentos de suavidade, preparou a cama para Jack Sonni deitar e rolar (mesmo que discretamente). O Dire Straits não chegou a mostrar a luz no fim do túnel, mas deu provas de que está cruzando um trecho do túnel muito bem iluminado. *S.M.*

IRA!

Contra o som descartável

Quatro anos de estrada, diferentes formações e inspirações, um compacto mal gravado e ignorado. Essa é uma história do Ira. A outra história, a de um LP muito bem recebido pela crítica, começa aqui. E quem conta é *Sônia Maia*

Antes era Ira. Agora é *Ira!* A exclamação serve para sinalizar o fim de uma fase e o começo de outra. Não foi à toa que batizaram seu LP de *Mudança de Comportamento*.

Da formação que gravou o compacto "Pobres Paulistas"/"Gritos na Multidão" em 83 e que atraiu já um grande número de seguidores, restam o vocalista Marcos "Nasi" Valladão e o guitarrista Edgard Scandurra.

Edgard é um capítulo à parte. Instrumentista polivalente, já foi baterista das Mercenárias, é autor da maior parte das músicas do Ira!, é um backing-vocalista supremo e mais — canhoto, é considerado por muita gente o grande guitarrista do rock no país.

A parceira inseparável de Edgard é uma velha Giannini Stratosonic, com um *Who* escrito a esferográfica juntos aos captadores. Nem no estúdio ele trocou sua "Gianola" (como a chama carinhosamente) pelas Fender, Gibson e Ibanez descoladas pela produção. E o resultado você ouve no disco.

Os rostos novos da banda são o baterista André (ex-Titãs) e o baixista Gaspa (ex-Cabine C e Voluntários da Pátria). Perfeitamente sintonizados com o lema da banda — segundo Edgard, "tudo menos uma música passageira, descartável".

Nasi, que ganhou este apelido na escola (nada a ver com a suástica), arremata: "Só se vende e divulga abobrinha. Até parece caretice fazer música séria no Brasil".

Durante um tempo, desinformados em geral armaram uma reputação punk para a banda, cujo nome remete à sigla que identifica o Exército Republicano Irlandês. O grupo na verdade se lançou no Festival Punk da PUC de São Paulo, em 81. A influência está lá, numa temática "com poesia e sem miséria", como define Edgard. Mas não é predominante. No som do Ira! entram todos os estilos.

Foto Rodolfo Tucci

Da esquerda: Nasi, Edgard, André e Gaspa

O show de lançamento do LP *Mudança* na danceteria Pool de São Paulo reflete esta mistura. Requintada ambientação visual psicodélica. Utilizando o velho efeito da projeção de luz através de uma mistura de água e óleo, o artista plástico Antônio Peticov transportou corações e mentes presentes para meados dos anos 60. Exatamente o terreno onde anda a influência básica da banda. O terreno dos mods.

Aqui, um parêntese histórico. Os mods, abreviação de modernistas, eram uma das tribos que tomaram a Inglaterra dos anos 60. Deixando de lado modelitos e cortes de cabelo, o essencial ficava justamente na ânsia de atacar todos os estilos. Passaram pelo blues, pelos ritmos negros como funk e ska, mas bastava virar moda e partiam para outra. *Mod* é a antimoda. *Mod* é estilo, como demonstra Paul Weller e seu Style Council (Conselho do Estilo).

Não que caiba no Ira!, porém, o rótulo de "grupo mod paulista", como querem alguns. O grupo acha que a desinformação, o besteirol generalizado, fazem parte de um horizonte negro que está se desanuviando. Aponta como grande responsável pela mudança na qualidade de informação na música o Rock in Rio. "Ele afinou os ouvidos", diz Nasi, ressaltando que "os grupos estrangeiros entraram com muito mais garra e profissionalismo."

Estes ouvidos afinados estão proliferando. É o que o Ira! sente pela receptividade do público desde que, no começo do ano, a banda esquentou as turbinas para o LP tocando em danceterias do Rio, São Paulo e Minas Gerais. Eles preferem, porém, um palco de teatro. Chegaram até a tocar no Museu de Arte de São Paulo, apesar da resistência: "Tivemos mil dificuldades para fazer o show, mas insistimos porque é um espaço que precisa ser ocupado", afirma Nasi. Ele só esqueceu de contar que foi o maior sucesso.

BRAZIL

Humor negro ao som de Ary Barroso

Na Inglaterra, o Brasil está na moda. A onda da pop-bossa domina o cenário musical, e nos cinemas o diretor Terry Gilliam monopoliza as atenções com *Brazil*. Mas o que *Brazil*, o filme, tem a ver com *Brasil*, o país? Gilliam, bem conhecido por seu trabalho no anárquico grupo Monty Python, explica: ao ouvir *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, imaginou um sujeito em uma praia poluída, pensando no mundo paradisíaco, longe de indústrias e arranha-céus, que a música sugere. E mesmo quando a ideia foi mais longe, transformou-se num filme de humor negro, com roteiro de Gilliam, Tom Stoppard e Charles McKeown, a música e a praia ficaram. O país imaginário, além de poluído, [illegible] uma ditadura da era [illegible] no melhor estilo de [illegible] de George Orwell [illegible] regime [illegible] população [illegible] por [illegible]. No Departamento de Arquivos [illegible] de Informações [illegible] Sam Lowry, interpretado por Jonathan Pryce [illegible]

ve erro burocrático e prende o pacato sapateiro A. Buttle no lugar do dissidente e terrorista A. Tuttle (o ótimo Robert de Niro). A única testemunha da burrada oficial, a motorista de caminhão Jill (Kim Greist) — que Lowry descobre ser a garota de seus sonhos —, passa a ser procurada pelas Forças de Segurança. Decidido a encontrá-la e protegê-la, ele dribla polícia e terroristas, em uma sucessão de fugas e atentados.

Tecnologia desastrada

A idéia básica do roteiro — o Indivíduo lutando contra o Sistema Opressor — é aparentemente simples, mas Gilliam não se contenta com a simplicidade. Seus cenários superproduzidos, feitos com o auxílio de Norman Garwood e de George Gibbs (que supervisionou os efeitos especiais de *Indiana Jones e o Templo da Perdição*, *Conan* e *Flash Gordon*), lembram os cenários de *Blade Runner*. Eles mostram uma cidade repleta de recursos tecnológicos, como videocomunicação e tubos pneumáticos de transporte, mas de uma tecnologia falha, desastrada. Aliás, Gilliam é a pessoa certa para gozações futuristas. Em *A Vida de Brian*, seu penúltimo trabalho com os Pythons, a sequência do foguete que aparece por acaso na trama bíblica é o cúmulo do pastelão *high-tech*.

Humor e drama

Mas, ao contrário do que ocorre em seus trabalhos com o grupo, francamente debochados, em seus filmes mais pessoais o diretor empreende uma mistura entre humor e drama. Isso já era perceptível nos clímas estranhos de *Aventureiros do Tempo*, seu outro trabalho exibido aqui (ele fez mais um, *Jabberwocky*), mas com resultados menos polêmicos que agora. *Brazil* é um filme cruel e perturbador, em que as pessoas, segundo Gilliam, vão se descobrir rindo em momentos em que o que vêem é terrível. Nesse sentido, *Brazil* está na linhagem dos grandes filmes de humor negro, como *Armadilha do Destino*, de Roman Polansky, e *Um Lobisomem Americano em Londres*, de John Landis. E, a julgar pelas discussões que tem suscitado na Inglaterra, é tão marcante quanto eles.

Alex Antunes

Michelle Pfeiffer e o ator holandês Rutger Hauer em cena de novo filme de Richard Donner

Ladyhawke, uma fábula medieval

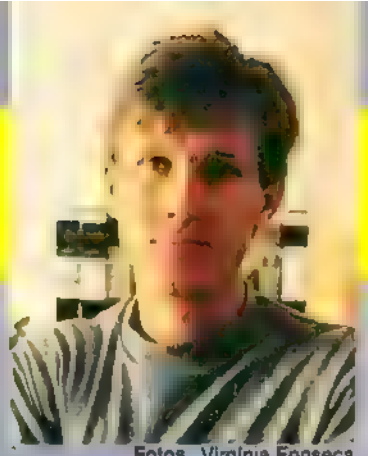
Richard Donner, o diretor de *Superman* e *A Profecia*, nos traz agora *Ladyhawke - O Feitiço de Aquila*, uma bela fábula medieval sobre o amor de Etienne Navarre (interpretado por Rutger Hauer, o replicante de *Blade Runner*) e Isabeau d'Anjou (Michelle Pfeiffer). Enfeitiçados pelo perverso Bispo de Aquila, Etienne está condenado a se transformar, à noite, em lobo, e Isabeau, de dia, em falcão. Só por breves momentos, no alvorecer e no crepúsculo, se encontram na forma humana. É com a ajuda — não tão voluntária — do bom ladrão Phillipe (Mathew Broderick) que eles vão tentar se vingar do Bispo corrupto e reparar o mal. Filmado na Itália, *Ladyhawke* tem direção de fotografia do excelente Vittorio Storaro.

OUTRAS

De resto... deve mesmo ser lançado aqui *Desperately Seeking Susan*, a comédia estrelada pela "material girl" Madonna em carne e osso.

Enquanto isso, o fenomenal diretor Julien Temple (*The Great Rock'n'Roll Swindle*, *Jazzin' for Blue Jean*, *She's the Boss* e clips mil) continua rodando o longa *Absolute Beginners*. Baseado no romance homônimo de Colin MacInness, retrata a vida dos jovens rebeldes e apaixonados por jazz na Inglaterra dos anos 50. Tudo isso com as participações de David Bowie, a venerável dupla Jagger & Richard, Ray Davies dos Kinks e a fulminante Sade Adu

OLHAR ELETRÔNICO A NOVA TV



Fotos Virgínia Fonseca

Ao sucesso! O aloprado disc-jockey Bob MacJack (foto central) dá o tom de *Crig-Rá*, o programa que está colocando a produtora paulista em cadeia nacional. Nesta entrevista a *Sônia Mala*, Marcelo Machado (foto acima) dá todos os antecedentes e coordenadas da turma responsável pelo que há de novo no ar.

Uma câmera na mão e muitas idéias na cabeça. Foi assim que, em março de 82, três irriquietas figuras fundavam a produtora independente Olhar Eletrônico. Os sócios proprietários Fernando Meirelles, Paulo Morelli e Marcelo Machado compraram uma câmera profissional, arrumaram uma grana (modesta) e foram para a rua.

De lá para cá, a Olhar Eletrônico conseguiu prêmios em dois festivais de vídeo, criou a personagem hilária e irreverente do repórter Ernesto Varela (vivida pelo ator Marcelo Tas) e estabeleceu uma nova linguagem nos vídeos do Brasil.

Esta nova linguagem, rápida, bem-humorada, alinhavada por vinhetas e balões emprestados da linguagem dos quadrinhos, conseguiu jogar no vídeo justamente o que a mocada não estava vendo na televisão. Um visual recheado de rock, de uma forma de jornalismo que junta o fato ao pique *freak* dos clips e de um cotidiano escamoteado pelas grandes redes de televisão. A linguagem do programa Crig-Rá (o grito de guerra de Tarzã, o rei dos macacos).

"Havia outros nomes, como Tesouros da Juventude, ou Freqüência Modulada", conta Marcelo Machado. "Mas existia uma identificação do pessoal da Olhar com os quadrinhos. Aí, um dia, alguém gritou Crig-Rá! E a macacada adorou!"

O caminho para se chegar ao Crig-Rá não foi fácil. A Olhar fez quase de tudo. As primeiras e pequenas produções fizeram o passeio ritual e inevitável pelo chamado circuito cultural de São Paulo e de outras capitais — museus, salas de vídeo, lugares de encontro de uma turma que, se gratifica pela atenção dispensada, não colabora muito no lado do necessário retorno financeiro.

Mistura de linguagens

Ao se unir, o grupo procurava uma fusão de suas experiências anteriores, um encontro de música, desenho, cinema, vídeo e literatura. A televisão permitia maior penetração, pegando não só o jovem mas diversas camadas etárias e sociais. E o cinema estava fora do alcance dos bolsos da turma da Olhar.

É claro que os primeiros trabalhos, como *Garotos do Subúrbio* e *Eletroagentes*, estavam carregados do que a TV convencional chamaria vícios, e que a Olhar chamou de "defeitos especiais". Em *Eletroagentes*, por exemplo, precisavam de um cometa na tela. O cometa foi representado por dois faróis acesos em frente à câmera numa estrada escura. Só que, normalmente, não se filma pontos de luz muito fortes assim de frente. Eles produzem riscos ondulados no vídeo, considerados tecnicamente como erros.

Em *Garotos do Subúrbio* usaram o que chamam de "corte sem remendo". Explica Machado: "Sempre que se faz uma reportagem, é comum, se você cortar a imagem do entrevistado no meio da fala, colocar outra imagem no meio, um *insert*. Isso para não dar pulos na imagem ou na fala". Mas no final de *Garotos* a Olhar deixou as falas com pulo, "o que deu ritmo às imagens e ao som". *Eletroagentes* foi uma co-produção com Alfredo Fritz e falava sobre Itaipu. *Garotos* é um documentário sobre os punks paulistas.

Já acostumada com o pique, a turma da Olhar partiu para o trabalho direto. Mesmo nos fins de semana. Chato era quando chegava com os trabalhos nas emissoras de televisão. Todo mundo gostava. A resposta, porém, era invariável: "Vocês estão loucos! Não dá para pôr isto no ar!" "As pessoas não estão interessadas em comprar as coisas que a gente mais gosta de fazer", concluiu Marcelo Machado. Era necessário um esforço comercial "numa boa".

A Olhar inscreveu toda sua produção no primeiro e segundo festivais de vídeo do Museu da Imagem e do Som/Fotoptica, realizados em São Paulo em agosto de 83 e junho de 84. E levou primeiro lugar nos dois anos seguidos, um deles em regime de co-produção. Em 83, com *Marli Normal*, o cotidiano de uma jovem classe média. E em 1984 com *Eletricidade* (co-produção, mais uma vez com Fritz), um clip com a música do tecladista *high-tech* Kodiak Bachine, do extinto grupo Agentss. O clip usou até, em seus efeitos, os recursos do Instituto de Física da Universidade de São Paulo.

Padrão Japão

Os prêmios abriram as portas. A Olhar foi a campo, com Goulart de Andrade — que também estava atrás de uma fórmula para a nova reportagem na TV Gazeta. Com a ida de Goulart para a Record, a Olhar mudou-se para a Abril Vídeo. Onde até hoje permanece, com sucesso. Com Crig-Rá. Um programa baseado em um personagem central, Bob MacJack, outro tipo vivido por Marcelo Tas. MacJack, no vídeo, é um assombro. Roupinha super niu uêive, óculos escuros, a pele lambuzada de óleo brilhando para as câmaras. O homem-âncora MacJack é uma reunião dos estereótipos que estão aí. A comida plástica de cada dia, a rapidez da metrópole, o consumo acelerado da produção artística — em especial a música, hoje descartável.

O patético MacJack fala em FM. Quer chegar a um público composto de adolescentes, de 13 a 25 anos. E o programa adota um visual próximo do japonês: "A diagramação das revistas japonesas não tem muita limpeza, tem um acúmulo de informações, muita imagem, choque. O padrão Japão é muito avançado. E a união Oriente/Ocidente dá um equilíbrio maior, uma interação universal". Recheando tudo, videoclips. E as reportagens de Sandrinha, 16 anos.

O retorno de Crig-Rá, há cinco meses no ar, é compensador. Um Ibope que já chegou aos quatro pontos na Abril Vídeo (cidade de São Paulo). Cartas apaixonadas. Um público que, mesmo relativamente pequeno, é ligado e participativo. E um investimento profissional que leva a gente a acreditar — ainda bem — na vitória de um jeito novo de fazer TV.

ONDE MESMO? O Crig-Rá pode ser visto em São Paulo (capital) pela TV Gazeta, canal 11, aos domingos, 19h30. No Rio, aos sábados, 21h, pela Record, canal 9. E, finalmente, em Porto Alegre, pela TV Guaíba, canal 2, aos sábados, 14h. O programa deverá estar aparecendo logo em Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Manaus. Fiquem antenados.

CLIP

Foto Estudio Abril

VIDEOCLIPS

É só ligar na MTV, um canal americano que toca rock direto

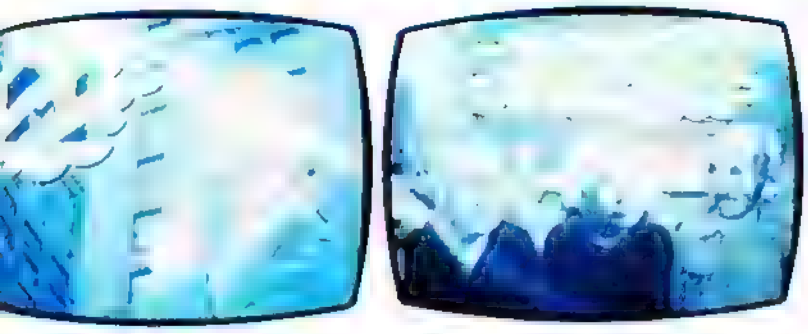
Você seria capaz de imaginar, dez anos atrás, que chegaria o dia em que o *som* da música não mais seria suficiente para saciar sua sede por música? Seria capaz de conceber um mundo musical onde a *imagem* fosse tão importante e indispensável para o funcionamento da indústria fonográfica quanto turnês promocionais e execução em rádio? Ou, por outra, que esta mesma indústria fonográfica hipotética — cuja meta sempre foi vender *sons* — se recuperasse de uma profunda crise comercial justamente graças ao *marketing* de som através de imagens?

Pois bem. Este futuro já existe e sua explicação é simples. Cabe em três letras: MTV.

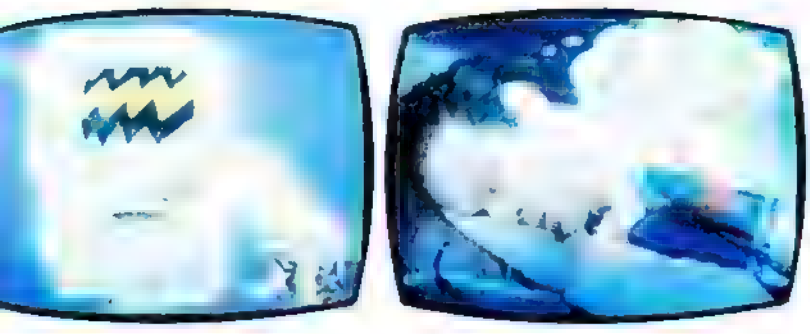
Em menos de quatro anos, a MTV (abreviação de Music Television) se transformou na mais influente, rentável e bem-sucedida estação de cabo norte-americana veiculando 24 horas diárias de música com imagens — videoclips, entrevistas exclusivas com astros consagrados e estrelas em ascensão, versões integrais de shows disputadíssimos nas bilheterias e paradas semanais dos 20 vídeos de maior sucesso. Desde sua inauguração, em agosto de 81, a MTV colecionou 26 milhões de assinantes (de cada três americanos, um tem acesso diário à MTV) e simplesmente arrebatou o lugar de honra nas prioridades de gravadoras e artistas nos Estados Unidos Hoje, se você não estiver "tocando" na MTV, você não existe.

Se não existisse MTV, talvez hoje você não conhecesse tão bem artistas como Men at Work, Stray Cats, Billy Idol, Flock of Seagulls e Duran Duran, lançados e alimentados pela penetração crescente da MTV. E, se não

24 HORAS POR DIA



Vinhetas como estas fazem parte de uma programação que levou a uma relação estreitíssima da MTV com seu público...



... 60% dele baseia suas compras de discos no material veiculado na emissora. E os lojistas fornecem ao canal informações exclusivas de vendas

Fotos Rui Mendes

fosse a MTV, muitos garantem, a indústria fonográfica estaria chafurdando na recessão brutal de que foi acometida no final da década passada.

Senão, vejamos: em 1977, as vendas da indústria norte-americana somaram quatro bilhões de dólares. Depois disso, franca decadência. Até que, intrigado com a situação, Robert Pittman, ex-disc-jóquei, ex-estudante de Sociologia, intuiu que era preciso acrescentar TV ao rock para conquistar uma geração que tinha sido criada sob a influência da telinha caseira. Conseguiu vender a idéia à Warner Brothers e à American Express. Convenceu as gravadoras a produzir elaborados comerciais ao som de seus lançamentos e transformar estes anúncios em programação, a custo zero. Estava fundada a MTV. E Pittman era seu vice-presidente.

Por sua força e influência, a MTV também é altamente polêmica. Ela foi acusada de racista por minimizar o elenco negro em sua programação (o primeiro a romper esta barreira foi Michael Jackson, com o clip de "Beat It"). E agora acabou de reverter a mão, reduzindo drasticamente o condimento metaleiro de seu *playlist* e abrindo maior espaço para artistas novos e desconhecidos. E para os artistas negros.

Para Michael Shore, colunista de rockvídeos da *Rolling Stone*, basta um detalhe para provar a importância vital da MTV: hoje em dia, todas as listagens de músicas mais vendidas ou mais tocadas refletem, invariavelmente, a lista de músicas em "heavy rotation" ("alta rotação", equivalente a três ou quatro execuções diárias) da MTV, sem exceção.

"Em outras palavras", arremata Shore, "só é campeão de vendas quem passa pela MTV."

M.A.M./J.E.R

As opiniões de disc-jockeys e produtores

Foto Luis Gomes

Serginho Leite

Carrossel da Repetição

Nos bares da vida, em entrevistas com estudantes, agências de propaganda e outros cantos, é comum que me cobrem mais qualidade e variedade nas FMs. Dizem que são alienadas, iguais e massificantes. E eu respondo: é verdade.

Até que a Rádio Cidade introduzisse no Rio o formato jovem, a freqüência modulada era vista como um fricote tecnológico que serviria para adocicar com música de violinos a vida dos elevadores e escritórios. Foi aí que surgiu a figura do disc-jockey desimpostando a voz do rádio, falando descontraidamente para gatinhas e gatões, tocando música agitadinha. E deu certo. Afinal, não era preciso mais que isso para a juventude, asfixiada cultural e politicamente pelo regime, aquele.

Um bom negócio

Logo as vendas de aparelhos FM aumentaram: três-em-um, radinhos de pilha e, finalmente, o walkman. Os ecos desta agitação chegaram ao mercado publicitário, e as agências descobriram o veículo ideal para vender jeans, refrigerantes e chicletes. Mas não havia dinheiro para todas e só as primeiras do ranking do todo-poderoso Ibope ganhavam as verbas. Aos donos de rádios passou a interessar somente o primeiro lugar, pouco importando as concessões para chegar ao topo da audiência. E cada vez mais as rádios são só jovens e se ouvem e se repetem, ficando cada vez mais iguais. Nunca Chacrinha esteve tão certo: "Nada se cria, tudo se copia".

Das páginas do Diário Oficial jorravam novas concessões. Afinal, quem autoriza as novas rádios é o governo, e, como FM virou bom negócio, os donos do poder descobriram que tinham uma nova moeda política. E os novos prefixos, tocados por filhos, parentes ou aderentes, vêm engrossar o coro da mesmice.

A chegada de novas rádios obrigou a contratação de novos profissionais. Estes somos nós: formados na marra, dando cabeçada para aprender o que é FM. As exigências que o padrão impõe são mínimas: voz bonita, um mínimo de coordenação motora para operar a parafernália e rudimentos de inglês. Português é opcional.

Padrões de consumo

As tentativas de se fazer FM fora dos padrões vigentes, geralmente bem-intencionadas, esbarram em muito amadorismo, imediatismo dos donos e má vontade da mídia. Estas rádios novas e necessárias são hoje como aquele enviado dos céus: muito esperadas mas pouco acreditadas. Neste cenário, as gravadoras se ocupam quase exclusivamente em fornecer matéria-prima para o consumo das rádios jovens. Deram um banho de estúdio em seus contratados, para que as gravações brasileiras tivessem o padrão sonoro das americanas. A paranóia de ser executado em FM chegou a produtores e artistas, que passaram a se guiar por padrões cada vez menos estéticos e mais de consumo.

Para garantir seus investimentos, as gravadoras sofisticaram a prática do jabaculê, e hoje, ao invés do presente ou dinheirinho para o programador, acontecem elegantes trocas de favores entre empresas. É o jabaculê de colarinho branco.

Mas nem tudo está perdido para os descontentes. A tão sonhada diversificação começa a amadurecer. Não dá para sentir no dial, onde as músicas continuam se repetindo de uma rádio para outra. Mas os primeiros sinais surgem no horizonte. O número de ouvintes de FM está caindo em praças como São Paulo e logo vai ser um bom negócio atrair este público com outro tipo de programação.

Do governo só se pede que profissionalize a concessão de emissoras e que fiscalize a atuação das que estão na praça, não com censura (pelo amor de Deus), mas fazendo com que seja mantido o caráter de serviço público que as rádios têm. Afinal de contas, a idéia original era de que o rádio deveria servir à comunidade com formação, informação e, claro, lazer, e não virar uma caixa registradora.

Se isso começar a acontecer, quem sabe, em algum tempo, os heavies possam escutar seus rocks sem interferência de Simone, os moderninhos possam curtir Kid Abelha em paz, quem já passou da idade de ouvir Metrô possa curtir em paz seu Manhattan Transfer e quem goste de samba não precise ouvir sintetizadores. Democraticamente, o que é muito melhor.

SERGINHO LEITE, 28 e 11 meses, é músico, compositor, humorista e está em FM há cinco anos porque gosta. Trabalhou na Rádio Cidade, Jovem Pan 2 e hoje está na Globo FM. Colaborou Luiz Henrique Romagnoli.

Não se deprima.

Briansk é uma cidade da Rússia às margens do Desna.
Shapandu também é uma cidade e fica na Birmânia.
Se você conhecia algumas destas cidades, ligue-se mais na Cidade.
Largue das coisas inúteis e module a sua freqüência.
Porque a vida é como dizia o venerável mestre Adub:
Airefirep an uo edadic an acif êcov uo.

RÁDIO CIDADE
A MAIS FM DE TODAS

REM

Nestas três letras pode estar o futuro do rock made in USA. De Nova York, *Marco Antonio de Menezes* explica porque

Foto LFI

O quarteto da Geórgia, à base de violão

Em sua terra natal, os americanos do R.E.M. são, já há alguns anos, incondicionais queridinhos da crítica. Na Europa, então, a adoração se estende a um pequeno mas fanático séquito. É a tribo que os coloca, junto com os grupos Jason & the Scorchers, Violent Femmes, Dream Syndicate e Gun Club numa espécie de renascença do *verdadeiro* rock ianque. Um rock rústico, ruidoso e original.

Formado em 1980 por Peter Buck (guitarra), Michael Stipe (vocal), Mike Mills (baixo) e Bill Berry (bateria), o R.E.M. pôs no mapa musical o nome de Atlanta, capital da Geórgia. Com várias gravações superpostas de Buck, ora na guitarra, ora no violão, o primeiro compacto era uma produção independente com *Radio Free Europe* e *Sitting Still*. Não deu outra: melhor do ano (81), segundo os críticos da *Rolling Stone*. A mesma turma de escribas que elegeria *Murmur*, o LP de estréia, melhor de 83.

No confronto direto com o público não foi tão fácil. Os fregueses de um bar, no Texas, pagaram à banda 500 dólares para ela *não* tocar. Num show para a Força Aérea americana, tiveram de sair do palco sob proteção policial, tomates voadores e gritos de "bicha!". Doce calvário dos inovadores.

R.E.M. é um termo médico que abrevia *rapid eye movement* (rápido movimento ocular) e designa a etapa do sono em que mergulhamos em sonhos. Sintonia direta com as letras enigmáticas, quase obscuras, que povoam um universo sonoro comparado a dois marcos do rock feito à base da fusão guitarra/violão, os Byrds e o Velvet Underground.

No palco, essa textura se espalha em trancos e barrancos de liberdade e irreverência. É capaz que o R.E.M. seja a última banda do planeta a aceitar pedidos da platéia.

JESUS AND MARY CHAIN

Não, não é outro grupo cristão à la U2. Um mistério decifrado por *Pepe Escobar*

Quando você ouvir — e ouvir falar de — Jesus and Mary Chain, pense em *desintegração*. São quatro garotos de Glasgow, Escócia, um belo buraco onde não existe nada para a garotada, a não ser um bate-bola e um porre constante. William Reid (guitarra), Jim Reid (vocal), Douglas Hart (baixo) e Bobby Gillespie (bateria) têm menos de vinte anos. Formaram a banda há menos de um ano. Nesse tempo, saíram da monotonia caseira, estabeleceram-se em Londres — morando três em um quarto —, lançaram um compacto *(Upside Down)* pelo selo ultra-independente Creation, lançaram outro compacto *(Never Understand)* pelo selo menos independente Blanco Y Negro (associado à WEA), que penetrou nas paradas inglesas, e logo passaram a ser qualificados de "Sex Pistols dos anos 80". Qual é o mistério?

Desintegração. Uma batida psicótica. Uma melodia pop que se arrasta como um dinossauro ferido. E ondas e ondas de microfonia. Para eles, a microfonia não é apenas um truque no final de um acorde, usado para excitar o ouvinte. É a própria essência de seu som. Hendrix adoraria.

Não existe tonalidade. Não existem os crescendos que atingem aqueles piques dançantes e assobiáveis próprios ao pop. Temos microfonia rasgando o ouvido como uma lima, e a guitarra arranhada a ponto de soltar faíscas. Eu os ouvi pela primeira vez em uma fita pirata de um vendedor em Portobello Road, em Londres. Disse ele: "O concerto é assim mesmo. Quarenta minutos de microfonia. E quando eles resolvem ir embora, param e saem no meio de uma música".

Apareceram em um "vídeo", digamos assim, na BBC. Camisas soltas, caras de bebê, branquinhos, jeans rasgados no joelho. Um estilo de neopsicodelismo. Mas eles não estão preocupados com modas.

A Corrente de Jesus e Maria. A ambivalência de fundo religioso não fica só no nome. Em nome do pai do rock — Elvis — do Filho — os malucos e degenerados do som dos anos 60 — e do Espírito Santo — a geração punk —, esta corrente diz "Amém".

Foto WEA

O Sex Pistols dos anos 80?

Este seria o som do incesto de Jesus e Maria. Cortante, estilhaçador, um diamante bruto rasgando o vidro. Por tudo que evita, por todos os sons que não respeita, por todos os silêncios aos quais não se submete, a "música" de Jesus and Mary Chain é uma das soluções possíveis para a música pop.

A indústria do pop é mais voraz do que qualquer monstro mitológico. Precisa de um mito a cada dia. Na indústria, existe uma grande expectativa em torno desses escoceses. Eles serão capazes de gravar um LP? A WEA vai apostar no seu sucesso? Eles são capazes de levar gente a seus concertos? Tudo isso é secundário. Jesus and Mary Chain já cumpriram sua função transgressiva. Se voltarem ao silêncio, será um grande e apropriado final.

BIQUINI CAVADÃO

Um rock eclético e salutar

Se numa das tardes preguiçosas de outono você tiver esbarrado no rádio com um grupo chamado Biquini Cavadão, das duas uma: ou você jogou longe a caixa de chocolates e tratou de aumentar o volume aos berros de "que negócio é este!?" ou você correu ao telefone para marcar uma consulta urgente com o otorrinolaringologista, certo de estar sendo vítima de um caso agudo de alucinação aural.

Nenhuma das alternativas acima. O Biquini não é piada, nem alucinação, apenas um dos quintetos mais afiados que surgiram na cena carioca nos últimos meses. Misturando teclados tecnomultitexturizados, harmonias pop remanescentes dos Beatles e letras incisivas, o Biquini é um rock-shake peculiar, resultado da dieta musical ultra-eclética a que foram submetidos Bruno (vocais), Sheik (baixo), Miguel (teclados), Álvaro (bateria) e Luis Carlos (guitarra). Nutridos de muito samba, música clássica, Roberto Carlos, tecnopop inglês e alemão e bandas da nova geração de rock brasileiro, o Biquini forjou uma sonoridade única.

Há dois anos o Biquini Cavadão não era o Biquini Cavadão. "A gente ficava debruçado no dicionário", lembra Bruno, "tentando achar nomes diferentes e acabava não achando nada de bom. O grupo quase se chamou Hipopótamus de Kart, ou, então, Lambrodocidus Angelibarba (o nome de um peixinho abissal), até que um amigo (iniciais: H.V.), vendo aquela confusão toda, disse: 'Ah, põe Biquini Cavadão e acabou o assunto'. E ficou sendo Biquini Cavadão. Eu fui contra, achava bobo, mas todo mundo gostava e acabei gostando também."

Sonoridade única: Luís Carlos, Miguel, Álvaro, Bruno e Sheik

Foto Maurício Valadares

"Tédio", compacto de estréia, é uma bela crítica ao marasmo das jornadas escolares e um claro flagra do estado de espírito do estudante, em particular, e do jovem, em geral. Parafraseando Herbert Vianna, que emprestou guitarras e idéias à gravação de "Tédio", atrás do bom humor do Biquini tem uma seriedade legal. *J.E.R.*

CAPITAL INICIAL

Uma nova banda vinda diretamente da Capital Federal

"A Europa tá um tédio, vamos transar com estilo. Nós só temos um remédio, descendo o Rio Nilo." É um trecho de "Descendo o Rio Nilo", música do Capital Inicial, primeira banda, depois do Legião Urbana, a sair do Distrito Federal para uma carreira nacional. E Brasília, também está um tédio? "Tá, tudo tá", acha o vocalista Dinho.

Qual o remédio? No final dos anos 70, um grupo de amigos apaixonados pelo punk inglês resolveu fazer "alguma coisa" em Brasília e colocou em prática o lema *Do it Yourself* (em português, Faça você mesmo). Saiu tocando pelas ruas da cidade.

O movimento punk inspirou várias bandas brasilienses, mas o Capital foi a primeira a deixar a cidade. Está em São Paulo há seis meses.

O primeiro show da formação atual da banda foi em julho de 83 na UnB. Dias depois estavam no Rio, junto com o Legião Urbana, abrindo para Lobão. Na semana seguinte tocavam no Sesc Pompéia, em São Paulo.

Em 84 o grupo tinha duas fitas de demonstração (demo) na Fluminense-FM de Niterói. A CBS ouviu, incluiu o grupo na coletânea *Os Intocáveis* e lançou o compacto.

O grupo pensa num LP ainda para este ano. Até lá, a meta é fazer shows, cuidar do repertório e "ganhar experiência", diz o baixista Flávio.

"Formamos a banda sem saber tocar", lembra o guitarrista Louro. "Mas compensamos com sangue", emenda o baterista Fê. *L.O.*

Da esquerda: Fê, Dinho, Loro e Flávio.

Foto Rodolfo Tucci

TEARS FOR FEARS

EVERYBODY WANTS TO RULE THE WORLD

(A - G) (A - G)
Welcome to your life, there's no turning back
(A - G)
Even while we sleep
Em F#m
We will find you writing off your best behaviour
G F#m
Turn your back on mother nature
Em F#m G A (A - G)
Everybody wants to rule the world
(A - G) (A - G)
It's my own design, it's my only loss
(A - G)
Help me to decide
Em F#m
Help me make the most of freedom and of pleasure
G F#m
Nothing ever lasts forever
Em F#m G A G
Everybody wants to rule the world
DD AA
There's a room where the lads won't find you
G DD AA G
Pulling hairs while the walls come tumbling down
DD AA
When they do, I'll be right behind you
Em F#m
So glad we almost made it
G F#m
So sad they had to fade it
Em F#m G A D
Everybody wants to rule the world
Em F#m
I can't stand this indecision
G F#m
Married with the lack of vision
Em F# G A Em
Everybody wants to rule the world
F#m
Say that you never never did it
G F#m
One head might quite believe it
Em F#m G A D
Everybody wants to rule the world
Em F#m
And for freedom and the pleasure
G F#m
Nothing ever lasts forever
Em F#m G A (A - G)
Everybody wants to rule the world

Toda pessoa quer governar o mundo

Bem-vindo à sua vida, não há como voltar atrás
Mesmo quando estamos dormindo
Nós encontraremos você rechaçando seu melhor comportamento
Vire as costas para a mãe natureza
Toda pessoa quer governar o mundo

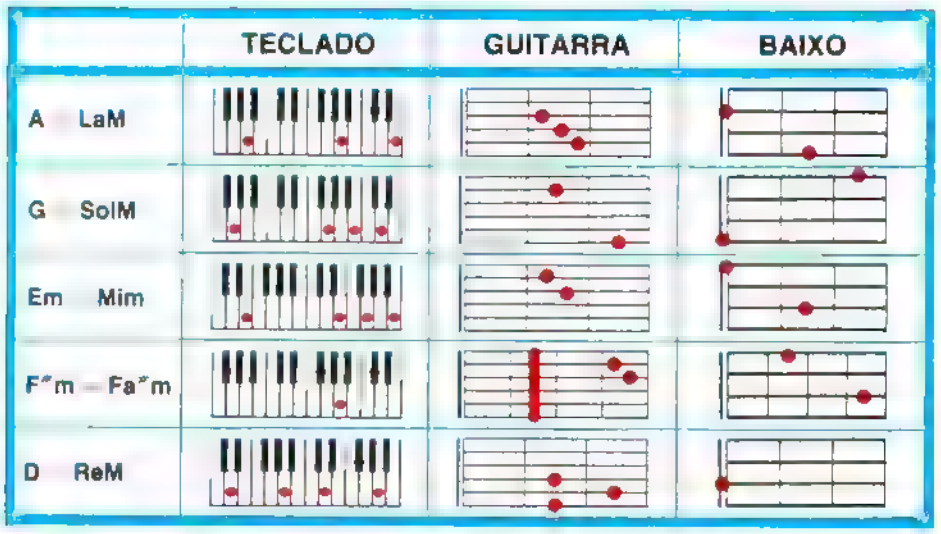
É meu próprio projeto, é minha única perda
Ajude-me a decidir
Ajude-me a aproveitar o máximo da liberdade e do prazer
Nada dura para sempre
Toda pessoa quer governar o mundo

Há um quarto onde o pessoal não vai achar você
Arrancando os cabelos enquanto as paredes tombam em pedaços
Quando isto acontecer, estarei logo atrás de você
Tão contente por termos quase conseguido
Tão triste por eles terem destruído
Toda pessoa quer governar o mundo

Não posso suportar essa indecisão
Aliada à falta de visão
Toda pessoa quer governar o mundo

Diga que você nunca, nunca fez isto
É possível que alguém acredite
Toda pessoa quer governar o mundo

E pela liberdade e pelo prazer
Nada dura para sempre
Toda pessoa quer governar o mundo



Antigamente a escala musical começava pela nota *lá*. Na convenção usada nestas cifras, a primeira letra corresponde ao *lá* e, assim, sucessivamente

A = lá
B = si
C = dó
D = ré
E = mi
F = fá
G = sol

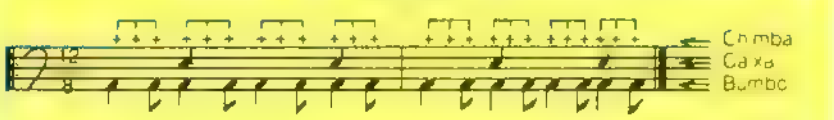
M = maior
m = menor
# = sustenido
b = bemol
‖·‖ = sinais de repetição
Repita o que estiver entre estes dois sinais.

Semibreve	4 tempos	Semicolcheia	1/4 tempo
Mínima	2 tempos	Fusa	1/8 tempo
Semínima	1 tempo	Semifusa	1/16 tempo
Colcheia	1/2 tempo		

PAUSA - Define a duração do silêncio

Semibreve	Mínima	Semínima	Colcheia	Semicolcheia	Fusa	Semifusa

PENTAGRAMA
É composto de
5 linhas e 4 espaços



BATERIA

Chimba
Caixa
Bumbo

	TECLADO	GUITARRA	BAIXO
A LaM			
G SolM			
Em Mim			
F#m Fa#m			
D ReM			

Escreva para a redação e envie sugestões de músicas que você gostaria de tocar

BEM VINDOS AO MUNDO DO DISCO!

GRUPO SIGLA

OPUS SOM LIVRE RGE

U2

Pride (in the name of love)

One man come in the name of love
One man come and go
One man come he to justify
One man come to overthrow

Refrão
In the name of love
What more in the name of love?
In the name of love
What more in the name of love?

One man caught on a barbed wire fence
One man he resist
One man washed up on an empty beach
One man betrayed with a kiss

Refrão

Early morning, april 4th
A shot rings out in the Memphis sky
Free at last, they took his life
They could not take his pride

Refrão

Orgulho (Em nome do amor)

Um homem vem em nome do amor
Um homem vem e parte
Um homem vem para reabilitar
Um homem vem para derrubar

Em nome do amor
O que mais em nome do amor?
Em nome do amor
O que mais em nome do amor?

Um homem preso em uma cerca de arame farpado
Um homem que resiste
Um homem trazido pela maré até uma praia deserta
Um homem traído com um beijo

De manhã cedo, 4 de abril
*Um tiro ressoa no céu de Memphis**
Livre enfim, tiraram sua vida
Não conseguiam aceitar seu orgulho

* Referência ao assassinato de Martin Luther King

Miauuuu!

Especial para férias: livrinho de jogos e testes!

Capricho é a Revista da Gatinha. E miau para as outras.

NAS BANCAS

CASIO CT 6000

Polifônico de oito vozes, o CT 6000 é o primeiro modelo da Casio a apresentar sensibilidade ao toque em duas formas. Uma delas responde à velocidade do toque, que altera a intensidade do som (numa forma análoga às teclas do piano). A outra responde à pressão do toque, que aumenta o volume de som à medida que se aperta a tecla já abaixada

Além disso, o instrumento possui vinte timbres, pré-programados e combináveis, e oito efeitos, tais como conjunto, celeste, *sustain*, vibrato, vibrato com *delay* e três *unison*.

O CT 6000 encontra-se naquela categoria entre os instrumentos para músicos amadores e os equipamentos profissionais. Isto porque há a presença simultânea de acordes e baixos automáticos, vinte ritmos eletrônicos e alto-falantes embutidos ao lado de um *pitch bender*, memória para cerca de 400 notas e terminais de entrada e saída de *MIDI*, que inserem o CT 6000 em contexto musical bem mais amplo.

Por suas características, este teclado da Casio é indicado para tecladistas iniciantes que necessitem de um instrumento doméstico para se exercitarem, mas que não se torne inútil ante a aquisição de material mais sofisticado

Em lojas de instrumentos importados, o CT 6000 pode ser encontrado por Cr$ 11 800 000 à vista (junho/85). M.S.

A LINHA 1800 DA CYGNUS

Cygnus é um nome respeitado por poucos e bons conhecedores de equipamentos de som. Ao lado da também seleta Micrologic, ela tem o *crème de la crème* do áudio nacional de alta qualidade. É nessa linha que se enquadram os equipamentos da recém-lançada linha 1800, indicada pelo diretor Marcos Misiak para "amadores entusiasmados".

A definição não é exagerada. A série agrupa equalizador de dez oitavas por canal com quatro opções para gravação (preço médio: Cr$ 1 900 000, junho/85), pré-amplificador estereofônico pronto a receber toca-discos a laser (preço médio Cr$ 2 100 000, junho/85), duas versões de amplificador de potência (380 watts RMS ou 520 WRMS — preço médio: Cr$ 4 950 000, junho/85) e caixas acústicas, as Heavy 500, para 500 watts IHF (preço médio: Cr$ 2 500 000 cada, junho/85). Os sonofletores, segundo Misiak, foram desenhados especialmente para danceterias e contam com quatro falantes para as freqüências médias, dois para os agudos e um *woofer* para os tons graves.

Com a história de agrupar som e vídeo, a Cygnus sai a campo preparada para pegar o provável bonde dos casamentos de racks. O pré-amplificador 1800, por exemplo, tem conectores específicos para videocassetes, o que pode dar um tempero fantástico nos clips. M.B.

TRENDSET PHILIPS

O Brasil entrou em abril no seleto clube dos países que fazem transmissões de TV em estéreo. Em um lance feito a quatro mãos, Philips e Rede Globo mostraram em São Paulo, para uma pequena e privilegiada platéia, uma transmissão em estéreo do programa Clip Clip.

A transmissão foi um dos lances da campanha agressiva de lançamento do caro e sofisticado televisor Trendset, de 20 polegadas (preço médio: Cr$ 4.000.000, junho/85) Há 61 anos operando no Brasil e com mais de cem milhões de aparelhos vendidos em todo o planeta, a antiga companhia holandesa mais uma vez faz jus ao que consideram sua característica — pode ser lenta mas, ao se movimentar, rola com o poder de um tanque de guerra.

A Philips respondeu ao lançamento de duas tevês estéreo surgidas no ano passado, da Mitsubishi e Telefunken. Por isso, a resposta parece ter vindo tarde. Na verdade, a Philips acabou se beneficiando Até a Globo resolver transmitir em estéreo, não havia indícios de que as emissoras se preparavam para um som de melhor qualidade. Agora, os consumidores podem se sentir mais confiantes

A novidade não é só o estéreo. O Trendset tem algumas características que o elevam à categoria do receptor de vídeo mais complexo já produzido no Brasil. Para isto, colaboram o controle remoto de 31 funções, conectores para videocassete, game ou microcomputador e saídas para fones de ouvido.

Além de um amplificador estéreo de 12 watts RMS e caixas acústicas que podem ser desacopladas do aparelho. M.B

GAMBITT TX-70

Começam a surgir no Brasil órgãos portáteis que incluem sintetizadores analógicos, num primeiro passo no sentido dos sintetizadores polifônicos.

O princípio empregado no TX-70, recente lançamento da Gambitt, é o da parafonia: um sintetizador atua como modificador dos sinais gerados por um órgão elétrico. Este sistema é semelhante ao utilizado num dos primeiros sintetizadores polifônicos da Yamaha, o CS 80, o teclado predileto de Brian Eno.

O órgão, que é a seção polifônica do instrumento, possui sete registros variáveis e seis *presets*. A seção monofônica traz sete presets sintetizados, além dos módulos do

sintetizador, com os quais podem ser criados novos sons. São estes os módulos: um VCO, um VCA, um VCF, ADSR e LFO.

Dos recursos mais elogiáveis do TX-70, destacam-se as saídas separadas para órgão e sintetizador, e a afinação independente para cada um com reajuste instantâneo. Os acessórios opcionais incluem o Interface *MIDI*, inédito em teclados produzidos no Brasil. O resultado sonoro da atuação parafônica do TX-70 é bom, considerando-se a distorção causada por essa espécie de sistema.

Maiores detalhes sobre o TX-70 podem ser obtidos com a Gambitt, na av. José Maria de Faria, 470, CEP 05038, telefone (011) 261-5377, Lapa, São Paulo. M.S.

BATERIAS ELETRÔNICAS PITCH

Dos últimos lançamentos na área de instrumentos musicais no Brasil, as baterias eletrônicas são o item mais atualizado em termos internacionais.

A Pitch apresenta seus modelos ESD-8 e ESD-9. A console da ESD-8 recebe até nove instrumentos: bumbo, surdo, caixa, dois tom-tons, dois pratos, chimbau e palmas eletrônicas. São oito controles por módulo: nível, banda de freqüência, *decay*, sensibilidade do toque, afinação, comando de estéreo, afinação de ruído branco e balanço ruído/VCO. O chimbau "abre" e "fecha" através de pedal. Cada instrumento tem saída individual, havendo também saída para fone e entrada para fonte externa, além de interface para microcomputador.

A ESD-9 é basicamente o console da ESD-8 ativado por micropads dispostos numa mala executiva, com interface para microcomputador e pedais de bumbo e chimbau. A mala traz os pedais e os cabos. Os micropads são tocáveis com os dedos, e seu formato prático lembra a Drumulator.

O design e o acabamento dos equipamentos Pitch são destacáveis entre os instrumentos nacionais pela sua qualidade. Seria louvável que fabricantes de instrumentos musicais tornassem seus produtos mais belos e contemporâneos.

Aos interessados nestes e noutros modelos da Pitch, os preços variam entre quatro a dezesseis milhões (junho/85). Contatos pelo telefone (011) 881-2262, ou no endereço: r. Santa Francisca, 234, Vila Jaguara, CEP 05116, São Paulo. Segundo o fabricante, a ESD-8 e a ESD-9 estarão nas lojas a partir de julho.

GLOSSÁRIO

ADSR: em sintetizadores, controla o ataque (A), o decaimento (D), a sustentação (S) e a "finalização" (R, de *release*) de um som determinado. Também conhecido por *envelope*.
Baixo alternado: emissão das notas tônica e dominante de um acorde pelos registros do baixo de um órgão, dentro de um padrão rítmico.
Baixo "caminhante": seqüência ascendente ou descendente de notas do baixo de um órgão, segundo um acorde e um padrão rítmico.
Fill-in: "preenchimento" rítmico de um compasso ou repique, em computadores rítmicos e órgãos.
LFO: oscilador de baixa freqüência de um sintetizador. Produz formas de onda que resultam em sons graves.
MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*): conector digital que permite interligar instrumentos musicais e computadores, de forma que os recursos das várias unidades possam vir a ser utilizados em conjunto por um único operador, simultaneamente.
Pad: elemento percutido em uma bateria eletrônica.
Pitch bender: controle manual da afinação de uma nota tocada, usado em sintetizadores.
Presets: timbres pré-programados em órgãos e sintetizadores.
Rim shot: borda-de-caixa em computadores rítmicos.
Spinet: designação comum dos atuais órgãos elétricos de móvel, não-portáteis.
Trigger: sinal usado para gerar formas de onda transitórias, "disparando" o processamento eletrônico.
VCA: amplificador controlado por voltagem, altera a intensidade de um sinal. Parte integrante de um sintetizador analógico.
VCF: nos sintetizadores, filtro controlado por voltagem, que filtra freqüências determinadas do sinal emitido pelo oscilador.
VCO: oscilador controlado por voltagem de um sintetizador analógico. Produz formas de ondas, tais como retangulares, dentes-de-serra, etc.
Chorus: efeito que, ressaltando os harmônicos, cria uma espécie de eco.
Delay: literalmente quer dizer atraso. Retarda o sinal emitido pelo instrumento, sustentando a nota ou repetindo-a indefinidamente.
Feedback: no jargão de palco é a microfonia causada pela aproximação de uma fonte emissora aos amplificadores. No caso do pedal phaser, é o controle da ressonância do efeito.
Humbucking: captador que possui duas bobinas ligadas em contrafase, que elimina o chiado comum no captador simples, resultando num sinal de alta impedância e, conseqüentemente, num som com volume maior.
Phaser: inverte a fase do sinal em 180 graus.
Playback: é o controle da velocidade do efeito delay, ou seja, da distância entre a nota e sua repetição.
Sunburst: acabamento feito com cores quentes em degradée, que vai escurecendo de dentro para fora. O nome vem da semelhança entre este tipo de acabamento e o pôr-do-sol.

Herbert e sua Fender Stratocaster, uma entre dez

Foto Mauricio Valladares

HERBERT VIANNA

Ele usa óculos. Tem uma invejável coleção deles, só superada por uma segunda coleção — a favorita — que, ironicamente, ajudaria a celebrizar nacionalmente os óculos: as 10 guitarras de Herbert Vianna, dos Paralamas do Sucesso.

O caso de amor de Herbert com a guitarra começou bem cedo, quando, aos 5 anos, ele viu os Beatles na TV pela primeira vez. "O que me pegou, em primeiro lugar, foi a atitude do guitarrista", explica Herbert. "É muito diferente uma guitarra de um teclado, por exemplo. Quando você vai tirar aquele acorde que vem do fundo da alma, você fica praticamente parado, se for um tecladista. Já a guitarra permite ao músico responder com mais intensidade, usando mais o corpo."

Por sorte, os pais de Herbert aprovaram este precoce namoro. Aos 10 anos, Herbert ganhou do pai seu primeiro violão e aprendeu de ouvido a tocar alguns *hits* vigentes, como "My Sweet Lord", de George Harrison, e "Amada Amante", de Roberto Carlos. Pouco mais tarde, um carpinteiro amigo da família fez, por encomenda do pai de Herbert, uma guitarra caseira, "na verdade um verdadeiro tronco". Novamente o sr. Vianna ajudaria a alimentar a carreira do Herbert-músico quando trouxe dos EUA uma guitarra. De verdade: uma Gibson. Curiosamente, Herbert, na época com 14 anos, estava mais interessado em aprender bossa-nova no violão ("Eu só ouvia Tom Jobim. Outro dia destes até pedi um autógrafo a ele.") do que tocar guitarra ou rock.

Por influência de bandas que tocavam em sua quadra, em Brasília, Herbert acabou voltando ao rock. "Aí só ouvia Jeff Beck, Eric Clapton, Jimi Hendrix, John McLaughlin. Só comprava discos para ouvir o guitarrista." Quando se mudou para o Rio, aos 15 anos, Herbert não tinha amigos e ficava tardes inteiras trancado no quarto, plugando sua novíssima Gibson L6-S num amplificador Honner (obrigado, sr. Vianna). E foi aí que começou a mexer no instrumento: "Se você abrir a sua guitarra, desmontar tudo, ver como cada peça funciona, você vai entender melhor sua guitarra. Tem muita gente que acha que é só ligar o instrumento e sair tocando, mas, se você mexer nela, vai poder enriquecer muito mais o seu conhecimento e a sua música".

O arsenal de cada músico

Depois de tanto fuçar, Herbert acabou optando por uma sonoridade de guitarra mais limpa. "Eu gosto das nuances da guitarra limpa. Você vê uma guitarra heavy metal, por exemplo. Se você for comparar os sons de diferentes guitarristas heavy vai ver que o som é basicamente sempre o mesmo. Os recursos — como pedais — que eu uso são usados para preencher mais espaço, não para mudar o timbre do instrumento."

Se os guitarristas que influenciaram Herbert simbolizavam o cume da veneração da guitarra como instrumento de destaque no rock — traduzida em longos (e muitas vezes tediosos) solos —, Herbert é agora um claro exemplar do guitarrista anos 80, econômico, contido, mais preocupado com ritmo e harmonia do que com solos ou melodia. "Dois terços das músicas (dos Paralamas) não têm solo", diz Herbert, "a gente cria mais climas com paradas e ecos de repetição do que com solos. Antigamente, nos anos 60/70, o solo era considerado a parte mais importante de um rock, era o destaque da banda. Mas acontece que naquela época surgiu uma geração de guitarristas excelentes, principalmente na Inglaterra. E isso não acontece todo dia. E foi da própria Inglaterra que partiu a desmistificação do guitarrista. Surgiu o punk, com bandas que não se interessavam em tocar extremamente bem, que se preocupavam mais em passar uma idéia. Hoje em dia, ninguém mais é o destaque. O destaque é o que a banda quer dizer." *J.E.R.*

FICHA TÉCNICA

GUITARRA POR GUITARRA

De suas dez guitarras, Herbert prefere duas Fender Stratocaster (uma azul, outra vermelha), da série especial The Strat. "Elas têm um corpo especial, de madeira pesada, e a eletrônica delas é toda nova."

As outras duas favoritas são Ibanez, de fabricação japonesa. "Só uso essas duas no estúdio, porque são muito complicadas para shows, têm muitos controles diferentes, enquanto outras guitarras funcionam apenas com uma chave de captadores e controles de volume e tonalidade. Essas Ibanez também são diferentes por causa do braço de 24 trastes (quando normal são 21)."

As guitarras de Herbert são ligadas a um compressor DBX (que aumenta o sinal de saída da guitarra e diminui os abismos existentes entre notas mais ou menos intensas), um digital delay *Roland, mais um Ibanez HD-1500. Essa nova aquisição acumula funções de* harmonizer e chorus *(para "dobrar" os desenhos musicais da guitarra e dar mais ressonância a essa "dobra", respectivamente) e* pitch control.

Um pitch control *serve para alterar a tonalidade de uma ou mais notas. Assim, quando Herbert toca um acorde, ele pode, ao mesmo tempo, conseguir, do* pitch control *de seu HD-1500, a terça, a quinta e a oitava de cada nota daquele acorde.*

Os pedais e as guitarras falam através de dois amplificadores Mesa Boogie e caixas Marshall. J.E.R.

SHOWROOM: R. AMAURI, 350 - VENDAS: R. GIRONDA, 126 - TEL. (011) 280-3477

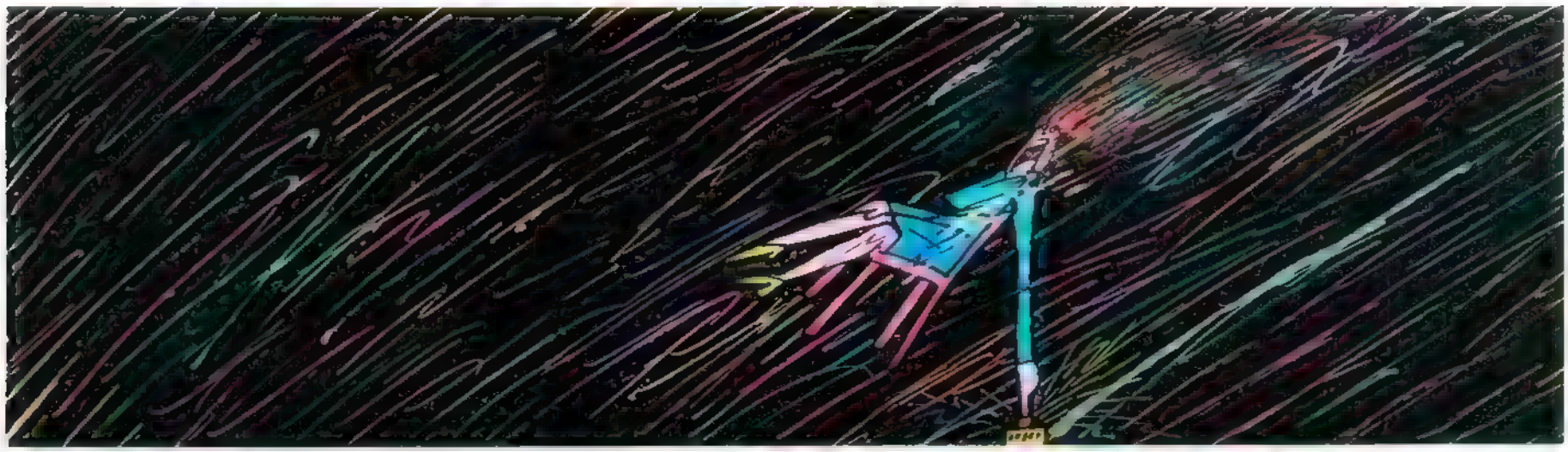


Ilustração Ricco

Os micros fazem dez anos de vida

Os computadores pessoais estão completando dez anos. Desde 1975, foram vendidos nada menos que 20 milhões deles nos Estados Unidos, ou quase um para cada dez habitantes. Destes micros todos, 7 milhões estão em residências e o resto nos escritórios.

Toda esta revolução não aconteceu com o Apple, como muita gente imagina. E nem com o "micro da cozinha", oferecido em 1969 no catálogo da loja de departamentos americana Neiman Marcus. Era apenas uma maquininha tímida que planejava menus e investimentos e armazenava os resultados do golfe. O primeiro micro foi mesmo o Altair, um *kit* que apareceu em janeiro de 1975 na revista *Popular Electronics*. Apesar do preço — 1.600 dólares —, foi um sucesso total. Quarenta e cinco mil pessoas compraram a engenhoca, dando o pontapé inicial de uma radical mudança na história. Hoje é possível enxergar um micro atrás de quase toda atividade do nosso cotidiano.

Os computadores ficam cada vez menores e mais baratos

Os computadores ficam cada vez menores e mais baratos. O primeiro computador do mundo, o Eniac, foi inaugurado em 1946. Quase quatro décadas depois, virou um fóssil grande e inútil como um dinossauro. Tinha a altura de dois andares, pesava trinta toneladas e ocupava cerca de cinco mil metros quadrados. Consumia uma energia fantástica, esquentava demais, era barulhento e suas enormes válvulas viviam pifando. Tudo isto para uma eficiência discutível. Um micro destes comuns que a gente vê nas vitrines tem velocidade de cálculo vinte vezes mais rápida. E no começo da próxima década, até um relógio digital vai ser mais poderoso.

Hoje há um chip atrás de quase todas as nossas atividades

Encolhem os micros, encolhem os chips, as pequenas pastilhas de silício cheias de circuitos elétricos que são a alma da computação. As memórias são tão miniaturizadas que permitem colocar toda a Bíblia no espaço de uma cabeça de alfinete e todo o mapa de São Paulo, com detalhes, numa pastilhinha do tamanho de uma unha. Alguns chips chegam a ter 40 quilômetros de circuitos. E hoje existem mais pastilhas microprocessadoras que pessoas na superfície da terra.

Numa pequena pastilha, cabem 40 quilômetros de circuito

Nesta redução toda, um dado assombroso. O equivalente humano de um computador de porte médio em 1984 é um milhão de matemáticos trabalhando 24 horas por dia, fazendo somas e consumindo uma tonelada de papel por segundo.

Um instrumento mágico

Ninguém vai negar que Stevie Wonder é um gênio. Mas, para o Oscar que ganhou com a música de *The Woman in Red*, ele teve a colaboração de outro gênio: o da eletrônica. A música que fez para o filme foi toda composta com o teclado Kurzweil 250, invenção de Raymond Kurzweil, sugerida pelo próprio Wonder.

Stevie usava, há tempos, uma outra invenção de Kurzweil, que lê texto impresso para cegos. E sugeriu: por que não fazer uma máquina que produzisse o som rico e profundo de instrumentos acústicos, mas com todos os efeitos dos melhores sintetizadores?

O resultado, que já está à venda nos Estados Unidos por 11 mil dólares, é o teclado 250, que quebrou a barreira entre sons naturais e sons reproduzidos. Tem incorporados 30 instrumentos acústicos, de guitarras a baterias, pode registrar qualquer som natural em sua memória e reproduz um coral perfeitamente.

Para amadores, ainda é um sonho. Mas, mesmo para quem tem ambições iniciais menores, o casamento de música simples e computadores domésticos já tem muito a oferecer.

Várias companhias americanas oferecem programas para computadores domésticos que permitem compor melodias na tela e tocá-las através de um alto-falante incorporado ao computador.

Para multiplicar esta capacidade, basta conectar seu computador com um sintetizador musical que tenha conexão MIDI *(musical instrument digital interface)* e com um sistema de som em estéreo. A partir daí, você pode usar disquetes. E experimentar, no teclado, diferentes arranjos para a música gravada no disquete, designando partes para várias vozes e instrumentos.

Enquanto a música toca, suas notas aparecem coloridas na tela do terminal, como uma "partitura animada".

A Microdigital lança no Brasil o micro pessoal de maior sucesso no mundo.

A partir de agora a história dos micros pessoais vai ser contada em duas partes: antes e depois do TK 90X.

O TK 90X é, simplesmente, o único micro pessoal lançado no Brasil que merece a classificação de "software machine": um caso raro de micro que pela sua facilidade de uso, grandes recursos e preço acessível recebeu a atenção dos criadores de programas e periféricos em todo o mundo.

Para você ter uma idéia, existem mais de 2 mil programas, 70 livros, 30 periféricos e inúmeras revistas de usuários disponíveis para ele internacionalmente.

E aqui o TK 90X já sai com mais de 100 programas, enquanto outros estão em fase final de desenvolvimento para lhe dar mais opções para trabalhar, aprender ou se divertir que com qualquer outro micro.

O TK 90X tem duas versões de memória (de 16 ou 48 K), imagem de alta resolução gráfica com 8 cores, carregamento rápido de programas (controlável pelo próprio monitor), som pela TV, letras maiúsculas e minúsculas e ainda uma exclusividade: acentuação em português.

Faça o seu programa: peça já uma demonstração do novo TK 90X.

Preço de lançamento*

16 K - Cr$ 1.499.850 • 48 K - Cr$ 1.749.850

MICRODIGITAL

Chegou o micro cheio de programas.

*Sujeito a alteração sem prévio aviso

Filiada à ABICOMP

Foto Estudio Abril

THE BEATLES

SARGEANT PEPPER'S LONELY HEARTS CLUB BAND (1967)

"Cada década produz um ou dois momentos autenticamente memoráveis. Em regra, apenas uma guerra ou uma tragédia apavorante conseguem penetrar as preocupações de milhões de pessoas ao mesmo tempo e ocasionar uma única e bem orquestrada emoção. Mesmo assim, em junho de 1967, tal emoção brotou sem ter sido causada por nenhuma morte, mas pela simples audição de um disco." Trecho do livro *Shout!*, de Philip Norman.

O tal disco era *Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Ainda hoje existem centenas de milhares de pessoas que lembram-se com clareza cristalina do primeiro dia em que ouviram um trecho ou uma faixa de *Sgt. Pepper's*. Na maioria dos casos, ficou na memória a lembrança de um imenso pasmo — feita pelo grupo pop mais famoso do mundo, ali estava uma coleção de sons musicais absolutamente inédita, revolucionária. Nunca se ouvira (ou se imaginara) coisa parecida: rock'n'roll misturado com vaudeville, ragas indianas entremeadas a cravos renascentistas, atmosferas psicodélicas combinadas com climas circenses. E também havia as letras, que para o suplemento literário do jornal inglês *The Times* eram "um barômetro dos nossos tempos" — fragmentos de imagens coladas num ritmo vertiginoso, lado a lado com os comentários sócio-políticos mais agudos. *Sgt. Pepper's* expandiu o vocabulário e o alcance do rock como jamais se sonhara, elevando o gênero à inédita posição de arte.

A idéia do disco surgiu de uma música de Paul McCartney — "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" —, que ele compusera inspirado na onda de nostalgia vitoriana que na época varria a indústria de moda londrina. A música falava de uma banda imaginária liderada, vinte anos atrás, por um tal Billy Shears. Nada de mais. Até que Paul sugeriu a George Martin, produtor dos Beatles: por que não fazer um álbum inteiro como se a Sgt. Pepper's Band existisse mesmo? Como se fosse a banda do Sargento Pimenta que estivesse tocando?

Martin tremeu na base. As máquinas de quatro canais usadas nos estúdios da época não comportariam a quantidade de idéias que os Beatles faziam jorrar. A solução foi um intrincado sistema de interligação de gravadores que gerou uma enormidade de superposições de fitas. E as fitas nunca pareciam suficientes para a criatividade dos Beatles — encharcados de LSD, eles escancararam as portas de sua percepção.

A obra-prima de *Sgt. Pepper's* foi uma das últimas verdadeiras parcerias de Lennon e McCartney. John havia começado a escrevê-la sozinho, baseado em dedicada leitura dos jornais e na morte da milionária Tara Browne, amiga dele e dos Stones, vítima de um acidente automobilístico. Paul ofereceu para John algumas frases curtas — "acordei, caí da cama, arrastei o pente pela minha cabeça". "A Day in the Life", a música escolhida para encerrar o álbum, foi, provavelmente, a faixa mais difícil — todas as demais davam uma sensação de picadeiro de circo, até mesmo a indianista e intimista "Within You, Without You", de George Harrison, que terminava em gargalhadas. Em "A Day in the Life" os Beatles queriam ser sérios. Como nunca. Para o grand finale da música John pediu, literalmente, "um som que crescesse do nada e chegasse até o fim do mundo". Martin encomendou uma orquestra de 41 músicos. Deu a eles apenas uma instrução: disse quais eram as notas mais altas e mais baixas que teriam que tocar. No miolo, era cada um por si. O resultado estonteante foi comparado por um crítico ao som "de um sarcófago sendo fechado", mas para os Beatles ainda não era um encerramento definitivo. Adicionaram, nos últimos sulcos do disco, duas coisas a mais: primeiro, um palavreado incompreensível gravado de trás para frente. Depois, uma nota na freqüência de 20.000 hertz, audível apenas para cães. *J.E.R.*

Editora Abril
Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Silvio Faria, Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto P. Moreira, Plácido Lorggio, Raymond Cohen, Ricardo A. Fischer, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

BIZZ

Diretor-Gerente: Angelo Rossi
Diretor de Grupo: Carlos Arruda

REDAÇÃO
Chefe de Redação: José Eduardo Mendonça
Secretário de Redação: Roberto Wagner Pereira Perucci
Repórter: Luísa de Oliveira
Arte: Cristina Canabrava Arruda (chefe de arte), Rodolfo [illegible] (chefe de paginação), Cleber Vega Garcia (diagramador)
Produtor de Texto: Jorge Toth
Consultores Especiais: José Augusto Lemos, José Emílio Rondeau
Assistente de Promoções: Sônia Maia
Colaboradores: Alex Antunes, Heimar Maracy Gonçalves, Leopoldo Rey, Marcos Smirkoff, Maurício Bonas, Pepe Escobar, Willy Verdaguer (texto), Cristina Granato, Geraldo Luis Gomes, Luciana de Francesco, Maurício Valladares, Rui Mendes, Virgínia Fonseca (fotos)
Correspondentes - Nova York: Marco Antônio de Menezes. **Paris:** Silvano Michelino

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Miriam Milioni (gerente) — Escritórios — **Milão:** Casella Censi International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone 02-54-56331 e 54-56212 20122, Milano, Telex 331545 e 332809 — **Nova York:** Odilio Liccetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex [illegible], Phone (212) 5990 5993 — **Paris:** Pedro de Souza, 33 Av. Champs Elysées, 2° Bureaux 213 Bis 214, Paris 74008, Phone 225-5865, Telex 660731F
Departamento de Documentação: Aula Roas Barreto (gerente)
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli (gerente)

Gerente Comercial: Sandra Cameleer
Gerente de Publicidade - Brasil: Carlos Alberto F. de Araujo
Gerente de Publicidade - São Paulo: Armando de Arruda Sampaio
Representantes: Ricardo Corte Real, Marcia A. de Andrade (S.P.)
Coordenação de Publicidade: Rosângela Garcia de Souza Lima
Rio: Getulio T. Batista (gerente), Raimundo Maia (representante)
Belo Horizonte: Valter Cruz Gonçalves
Brasília: Gilberto Amaral de Sá
Curitiba: Angelo A. Costa
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcenho Enge
Recife: Edmilson R. Oliveira
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios para Terceiros: Vitorio Castaroli Filho
Diretor de Propaganda: Roberto Pedroso
Diretor Administrativo: Pedro Frazão

EDITORA ABRIL
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Costa Jr.
Gerente de Promoção e Venda de Espaço: Haydée Gomes Guerson
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Nov[illegible]
Diretor Adjunto de Circulação: Roberto Galvane
Diretor do Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor do Escritório Rio de Janeiro: Sebastião Mart[illegible]
Diretor de Atendimento ao Governo e Escritórios Regionais: Dreyfus Soares

Diretora Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

BIZZ é uma publicação da Editora Abril S.A. **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência - São Paulo:** r. Geraldo Flausino Gomes, 61, Brooklin, CEP 04575, tel.: (011) 54-8122, Telex (011) 23227, 23322 e 24134, Caixa Postal 2372, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Escritórios: Belo Horizonte:** r. Aimorés, 388, 2° andar, salas 201 a 208, CEP 30000, tel.: (031) 224-4855, Telex (031) 1085. **Brasília:** SCS - Quadra 1, Bloco 1, n° 30, Edifício Central, 10°, 12° e 13° andares, CEP 70304, tel.: (061) 224-9150, Telex (061) 1464, Telegramas: Abrilpress. **Curitiba:** r. Fernandes de Barros, 491, 2° andar, salas 05 e 06, CEP 80000, tel.: (041) 262-8833, Telex (041) 5278. **Florianópolis:** av. Osmar Cunha, 15, bloco C, sala 101, CEP 88000, tel.: (0482) 22-7826. **Fortaleza:** av. Santos Dumont, 3050, salas 516 e 518, CEP 60000, tel.: (085) 224-0410, Telex (085) 1607. **Porto Alegre:** av. Getulio Vargas, 774, 3° andar, salas 301 a 308, CEP 90000, tel.: (0512) 33-2899, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress. **Recife:** av. Dantas Barreto, 1186, 9° andar, salas 903 e 904, CEP 50000, tel.: (081) 224-0977, Telex (081) 1184. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8° ao 11° andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril Abrilpress. **Salvador:** r. Itabuna, 304, CEP 40000, tel.: (071) 247-3999, Telex (071) 1180. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais — Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultura, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

PROMOÇÃO:

GANHE 1050 LPs!

Tudo bem, ainda faltam alguns meses para o Natal. Mesmo assim, BIZZ vai distribuir aos leitores um total de 1.050 LPs cedidos pelas gravadoras CBS, WEA, RCA, Polygram, EMI-Odeon, Som Livre e Continental.

Serão premiadas, com um LP cada, as primeiras 1.050 cartas que chegarem à Redação BIZZ com a resposta correta para a pergunta referente ao LP escolhido. Um detalhe importante: é a data do dia em que foi postada a carta que determinará a ordem de premiação, e não sua chegada à Redação.

Por isso, o negócio é mandar a sua o mais rápido possível. Escolha o LP que você quer ganhar, preencha ou copie o cupom abaixo e dê uma corrida até o correio.

Este é o regulamento

1. Escolha o disco que você quer ganhar
2. Responda a pergunta correspondente e codifique seu cupom
3. Não faça mais de um pedido por cupom

Vão ser distribuídas 150 cópias de cada um dos LPs abaixo. Qual você prefere?

1. *Born in the USA*, de **Bruce Springsteen** (lançamento CBS). É o sétimo LP do chamado "Chefão" do rock americano. A pergunta é: **Qual o nome da banda que acompanha Bruce?**

2. *Televisão*, dos **Titãs** (lançamento WEA). Segundo LP da banda que estourou com *Sonífera Ilha*. Se é este o LP que você deseja ganhar, responda: **Como se chama o novo baterista dos Titãs?**

3. *1984*, dos **Eurythmics** (lançamento RCA). O multiinstrumentista Dave Stewart e a cantora Annie Lennox voltam a ser editados no Brasil, desta vez através desta trilha sonora para o filme do mesmo nome. Diga lá: **Qual o título do outro LP dos Eurythmics que também está sendo lançado agora?**

4. *Songs from the Big Chair*, dos **Tears for Fears** (lançamento Polygram). Em seu segundo LP, a dupla formada por Curt Smith e Roland Orzabal leva adiante sua fusão tecno-acústica. **Traduza o título do hit "Everybody Wants to Rule the World"?**

5. *Little Creatures*, dos **Talking Heads** (lançamento EMI-Odeon). Estão de volta os especialistas do afro-funk nova-iorquino, depois de dois anos longe dos estúdios. A pergunta é: **Como se chama o novo LP solo de David Byrne, o cabeça dos Heads?**

6. *Rosas e Tigres*, da **Gang 90** (lançamento Som Livre). Os pioneiros da wave brasileira retornam com nova formação. Responda: **Qual o nome do fundador da banda, falecido no ano passado?**

CAPA EM PRODUÇÃO

7. *Aqui Habitam Leões*, do **Sossega Leão** (lançamento Continental). Estréia em vinil a superbanda responsável pelas mais *calientes* noitadas dançantes de São Paulo. Essa é fácil: **Quantos componentes tem o Sossega Leão?**

Neste quadrado você coloca o número referente ao LP que deseja ganhar

Resposta: .....

Nome: .....
Endereço: .....
Cidade: .....
CEP .....
Telefone: .....
Idade: .....

(Se você não quiser recortar sua revista, tire uma cópia do cupom ou copie os dados em folha à parte)

Mande para

BIZZ

"Promoção 1.050 LPs"
Caixa Postal 2372
São Paulo SP

Foto Fernando Seixas/ Abril

Roberto Medina

A hora e a vez do coreto eletrônico

"Ao invés da baderna temida, uma inesquecível demonstração de ordem e paz. Em lugar da alucinação coletiva, uma comovente confraternização de pessoas unidas pela sensibilidade"

Durante uma certa época, foi moda no Brasil construir estádios faraônicos em cidades carentes de quase tudo. Muitos deles não conseguiram jamais lotar completamente. Enquanto isso, o outro grande pólo da criatividade brasileira, a música popular, tem de se contentar até hoje com locais improvisados, sem um mínimo de infra-estrutura técnica e de condições acústicas para se expressar na plenitude.

Por experiência própria posso dizer que, quase tão difícil quanto trazer Frank Sinatra ao Brasil, foi equipar o Maracanã para um espetáculo digno do artista e das 140 mil pessoas que lá foram.

Show de paz

Foi por isso que, antes de sonhar com o Rock in Rio, eu tive de sonhar com a Cidade do Rock. Sem ela, jamais teria acontecido o maior show da história.

Um show que não foi só de música, mas também de paz, organização, profissionalismo. Construída em apenas cinco meses, sem um centavo pedido aos cofres públicos, a Cidade do Rock ergueu-se do nada para se tornar atração comentada no mundo inteiro. E depois ser destruída da maneira que se sabe. Mas uma coisa nenhuma prepotência ou mesquinharia pode destruir: o exemplo. Durante dez dias de música e magia, quase um milhão e meio de jovens vindos de toda a parte tiveram ali sua assembléia, sua praça, seu templo, seu lugar. E ali deram sua resposta à intolerância, ao preconceito e à incompreensão.

Ao invés da baderna temida, uma inesquecível demonstração de ordem e paz. Em lugar da alucinação coletiva, uma comovente fraternização de pessoas unidas pela sensibilidade.

Reconquista do espaço

O exemplo não pode se perder. É preciso, é absolutamente preciso, que os jovens de todo o país mantenham viva esta chama e se mobilizem para exigir de seus governadores, de seus prefeitos a abertura de um espaço para a música em cada comunidade. Ou melhor ainda: a reconquista de um espaço para a música, que esteja para a tecnologia e as exigências de hoje como estava o coreto para as cidadezinhas do passado.

É importante lembrar que não havia cidade sem a praça da igreja. E não havia praça da igreja sem o coreto da banda.

Revolução e solidão

Veio a explosão populacional, a concentração urbana, a megalópole. Veio a revolução da eletrônica. Estamos menos ingênuos, mais sofisticados, mas não ficamos mais sábios. Desaprendemos muito em matéria de convivência, de solidariedade, de comunhão em torno das mesmas emoções. Ficamos mais solitários. E é a solidão que traz a insegurança, a tristeza, a vontade de se atordoar por qualquer meio.

Construir um espaço para a música é criar um ponto de convergência para a juventude. É criar uma ponte sobre a solidão e afastar os fantasmas que sempre a acompanham.

Um novo Brasil está começando agora. Que nele se multipliquem os coretos eletrônicos.

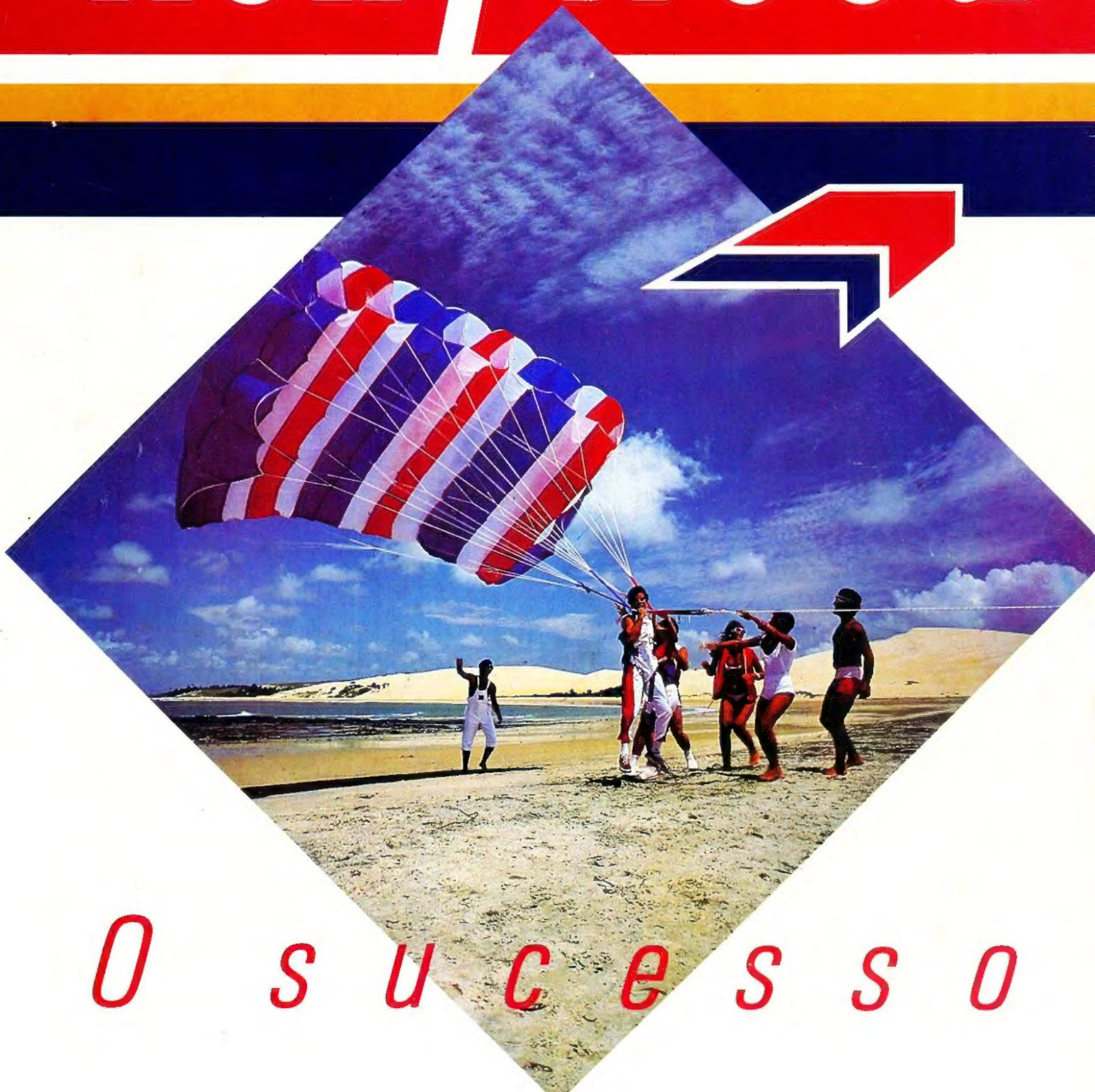
MÊS QUE VEM NA BIZZ
TEM: ENTREVISTA EXCLUSIVA COM OS *TALKING HEADS!* QUE PAPO É ESSE DE *NEOPSICODELISMO?* O ROCK DA *UNIÃO SOVIÉTICA!* *CAZUZA* ENTREVISTA *LOBÃO!* TUDO SOBRE OS *TEARS FOR FEARS!*

Malt 90, cerveja pilsen.

O prazer de fazer bem-feito.

Qualidade Brahma

hollywood



O sucesso